NO SUPLEMENTO LITERÁRIO: UMA ENTREVISTA COM JORGE AMADO

Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS

QUINTA-FEIRA, 2 DE JANEIRO DE 1969 N.º 16 536 ANO 48.º UM ESCUDO

ESPECTACULAR SORTEIO DE 20 AUTOMÓVEIS OPEL
Concurso PHILIPS
TRIUNFO DA TÉCNICA

MINUTO ZERO NUM COMBOIO QUE NÃO APITOU TRÊS VEZES...

A substituição de um ano por outro, foi um instante sem história no comboio 3012. À mesma hora em que em Lisboa os foliões saudavam ruidosamente (apesar de tudo) o ano recém-nascido, no comboio da Beira Alta reinava a tristeza, o abandono. E foi, afinal, um quarteto de cegos que, entrando em Vila Franca de Xira (à zero e quinze), veio trazer à carruagem uma ilusão de alegria, um sorriso na face carregada do comboio, que nem sequer tivera a gentileza de saudar o novo ano com três silvos de vapor...

(Ler na página central)

EVITADA A GUERRA CIVIL

— DIZ COSTA E SILVA

RIO DE JANEIRO, 2 — (R.) — O presidente do Brasil, Artur da Costa e Silva, disse ao povo brasileiro que assumiu poderes excepcionais para salvar o país de uma situação que o levaria à guerra civil.

Numa mensagem dirigida á Nação na véspera do Ano Novo através da Rádio e da Televisão, o marechal, que conta 66 anos, declarou: «Não tínhamos outra alternativa».

Um novo acto institucional proclamado no dia 13 não foi apenas a melhor solução, mas a única, afirmou o presidente.

Entretanto, dois jornalistas brasileiros, que tinham sido presos quando o Governo assumiu poderes especiais a 13 de Dezembro, foram postos em liberdade.

Os dois jornalistas são Hélio Fernandes, director da «Tribuna de Imprensa», e Osvaldo Peralva, director do «Correio da Manhã», os quais se encontravam ontem de regresso ás respectivas residências, segundo revelaram pessoas de família.

FUGA DO DEPUTADO MOREIRA ALVES

SANTIAGO DO CHILE, 2 — (F. P.) — Márcio Moreira Alves, o deputado brasileiro que esteve na origem das medidas tomadas pelo marechal Costa e Silva, encontra-se nesta capital onde deu uma conferência de Imprensa.

Márcio Moreira Alves indicou que após a dissolução do Congresso brasileiro seguiu para São Paulo onde se escondeu durante quinze dias.

(Continua na 17.ª página)

Esperança num futuro melhor manifestou o Presidente da República na sua mensagem de Ano Novo

No dia de Ano Novo, o Presidente da Republica proferiu, dirigida a todos os portugueses, a seguinte mensagem:

«Novo ano surgiu no calendário actual da vida da humanidade e mais uma vez ainda, no seu primeiro dia, eu cumpro o dever, que me é gratíssimo, de dirigir uma mensagem a todos os portugueses espalhados pelo Mundo. Mensagem em que lhe comunico o meu pensamento e a minha simpatia, que naturalmente reflecte as tristezas do ano que passou e procura animar-se com as esperanças que o futuro tem sempre e felizmente o condão de criar, mesmo nos espíritos mais desalentados pelas desgraças, pelas injustiças e pelas desilusões. Esperanças a que a humanidade, cada vez mais ansiosa de melhores dias, se agarra no raiar de cada ano, tal como o náufrago o faz a tudo quanto passe ao seu alcance e possibilite a sua salvação.

Não deixou saudades o ano que findou, quer no plano internacional quer no interno. Se exceptuarmos os progressos técnicos e científicos que continuaram a verificar-se no decurso do ano, tudo ou quase tudo o resto representou decepcionante retrocesso. Vislumbram-se, no entanto, alguns sinais prenunciadores de mudança que, a acentuarem-se, poderiam aliviar o es-

(Continua na 18.ª página)

«Kibutz» atacado em Israel

JERUSALÉM, 2 — (A. N. I.) — Duas baterias móveis, estacionadas na fronteira libanesa, bombardearam anteontem à noite com morteiros de 130 mm «Katyusha», o «kibutz» israelita de Kiryat Shmona, atacado pela primeira vez desde a sua fundação em 1948 — foi anunciado hoje pelas autoridades de Jerusalém.

As autoridades locais estão convencidas de que o ataque, verificado às dez horas T. M. G. e repetido quarenta minutos depois, foi do pleno conhecimento do Exército libanês e fazem notar que muitas unidades libanesas na fronteira com Israel foram reforçadas recentemente.

(Continua na ultima página)

No primeiro dia do ano, horas antes de dirigir á Nação a sua mensagem, o Chefe do Estado recebeu, os tradicionais cumprimentos. Entre as pessoas que, para o efeito, se deslocaram ao Palácio de Belém, figurou o Presidente do Conselho, que vemos na foto junto do almirante Américo Thomaz

JOAQUIM LETRIA ESCREVE DO BRASIL:

IGREJA PARA ONDE VAIS?

LER NA 2.ª PÁGINA

Edição da noite

HOJE 36 PÁGINAS

VISADO PELA CENSURA

NAS PÁGINAS INTERIORES:

Prioridade à direita

•

Novos preços dos bilhetes de eléctrico

•

Portugal ao frio

•

Projectos do Ministério das Comunicações

«O PRIMEIRO DE JANEIRO»

Entrou no 101.º ano de publicação o nosso prezado colega portuense «O Primeiro de Janeiro», prestigioso jornal com posição proeminente no panorama da Imprensa portuguesa. Ao seu director, sr. Manuel Pinto de Azevedo Junior, e aos seus colaboradores apresentamos as nossas felicitações com desejos de próspero futuro.

IGREJA PARA ONDE VAIS?

RIO DE JANEIRO — Dezembro — **Ao mesmo tempo que, em Roma, Paulo VI chamava à ordem os teólogos liberais «que procuram mudar a palavra de Deus segundo suas próprias opiniões», o I Exército brasileiro comunicava aqui, no Rio, que apresentaria provas das actividades subversivas dos padres presos em Belo Horizonte e Estado de Minas Gerais.**

A detenção de três padres e um diácono veio criar um clima de desconfiança reciproca entre a Igreja e as autoridades militares, bem como violenta agitação nos círculos católicos brasileiros.

Os padres presos são: Michel Le Ven, Herve Croguennec e François Berthou, todos franceses, e José Geraldo da Cruz, de Muriaé, do Estado de Minas Gerais.

Os detidos, da Ordem dos Assuncionistas, integram a paróquia do Horto Florestal e pertencem todos eles à JOC. As autoridades militares dizem que eles se serviam da organização e do espírito desta para «distribuir nas diversas regiões, fábricas, etc., grupos de consciencialização que procuram motivar os operários e os camponeses, com a pobreza em que vivem e os antagonismos sociais existentes, para os impregnar com novas ideias esquerdistas». Ainda segundo as autoridades, «adoptam a dialéctica marxista».

O I Exército brasileiro, pela voz do seu comandante, general Syseno Sarmento, acusa ainda os presos de «pregarem a luta de classes» e de «darem duas opções à massa trabalhadora: a luta com violência e a luta sem violência».

O general Sarmento procurou o cardeal-arcebispo do Rio de Janeiro, D. Jayme Câmara e esclareceu que com a prisão dos padres «não houve nem poderia haver desrespeito à Igreja nem tentativa de diminuí-la».

Segundo o coronel Medeiros, que recentemente presidiu ao inquérito às actividades políticas dos estudantes liceais de Belo Horizonte, entre o material apreendido aos padres encontrava-se o livro «Marxismo do século XX» e outras publicações comunistas, entre as quais algumas de Mao Tsé Tung, as quais ele mostrou publicamente.

Entretanto, o cardeal-arcebispo de São Paulo, D. Agnelo Rossi, diz que houve precipitação por parte das autoridades.

«Quanto à reacção que o povo poderá vir a ter», prosseguiu o cardeal-arcebispo, «por causa das prisões, acredito firmemente que a simpatia do povo está totalmente com a Igreja».

Entretanto, o bispo auxiliar de Belo Horizonte, D. Serafim Fernandes de Araújo, um jovem «torcedor» de futebol e comentador desportivo na Rádio local, veio ao Rio expor a situação ao Núncio Apostólico, D. Sebastião Baggio.

D. Serafim, que foi criticado por um jornal do Rio de grande circulação pelo facto de ser um fã desesperado do futebol, comentou essa crítica da seguinte forma:

«... isso é uma prova da popularidade da Igreja, não existindo mal nenhum em participar das alegrias do povo.»

Entretanto, as autoridades eclesiásticas de Belo Horizonte declaram-se convencidas da existência de uma campanha organizada para incompatibilizar a Igreja com o Povo, «utilizando até a intriga como instrumento». Os padres e superiores mineiros apontam como indícios de tal campanha o carácter das perguntas formuladas aos detidos que continuam incomunicáveis e a apresentação das provas pelas autoridades (livros e discos subversivos).

Por seu turno, 50 padres reunidos secretamente na Igreja da Santíssima Trindade, no Flamengo, em pleno coração do Rio de Janeiro, lançaram uma nota oficial, solidarizando-se com o clero de Belo Horizonte e com os padres presos e proclamando que «a Igreja não renuncia nem renunciará à sua mensagem de justiça».

O general Lira Tavares, ministro do Exército brasileiro, disse que não tinha nada a ver com as prisões. «Cada comandante responde pela sua unidade e eu não respondo por todo o Exército», afirmou.

MANOBRA DE DIVERSÃO

A imprensa brasileira dá o maior destaque aos acontecimentos entre as autoridades militares e a Igreja. Enormes manchetes encabeçam notícias, algumas das quais consideradas pelos católicos como tendenciosas. No momento em que procuro compreender o que é a Igreja no Brasil, a sua importância para o povo, a sua actividade meritória nos Estados mais pobres deste fabuloso país, explode este caso. Não me furto de o levar ao conhecimento dos meus leitores, pelo interesse grande de que se reveste.

A popularidade da Igreja é grande aqui, entre os milhões de brasileiros cuja maioria é católica.

Dizia-me, recentemente, um proeminente jornalista brasileiro que «A Igreja é vanguarda». E acrescentava: «Ainda há dias, em conversa com Gylberto Freire, chegámos à conclusão de que as forças reaccionárias do Brasil são os operários, os camponeses e os protestantes.» E explicava:

«O operário é reaccionário porque ou ganha tanto que já não precisa de protestar ou é tão pobre que nem tem forças para o fazer. O camponês é reaccionário porque está perdido na imensidão deste território, sem comunicações nem ilustração. E o protestante é reaccionário porque a situação lhe está a ser favorável.» E insistiu: «Não duvide. A Igreja aqui é «avant-garde». Já acredito, depois das provas apresentadas à vista pelo I Exército, e não desmentidas pelos padres detidos. Mas ainda não compreendo. Aguardo o regresso de D. Hélder Câmara, de Dakar, para termos uma conversa em Olinda ou no Recife, sua área de poder eclesiástico. Na minha recente passagem pelo Recife, motoristas e «barmen» disseram-me: «Fale com D. Helder. Falando com ele você falará com o povo do Nordeste.» Terei de voar seis horas para o encontrar de volta.

Entretanto, os padres franceses e o brasileiro detidos em Belo Horizonte continuam incomunicáveis. E isso ocupa muito mais os padres do Brasil do que as declarações de D. Helder no VI Congresso «Pax Romana», de Dakar.

D. Hélder Câmara, arcebispo de Recife

Amanhã, vou relembrar os meus tempos de católico, assistindo a uma missa em cuja homilia vai ser analisada a situação. Isso acontecerá em qualquer templo católico do Brasil. A palavra de ordem foi dada. As sotainas agitam-se violentamente. Um grupo de padres e leigos acaba de divulgar um manifesto «denunciando a injustiça».

Observadores locais dizem-me que tudo isto não conduzirá a lado nenhum. Outros afirmam-me que se trata de uma «pura manobra de diversão» para distrair as atenções do caso do deputado Márcio Moreira Alves, a quem o Governo pretende condenar por ofensas às Forças Armadas. Há, também, quem me diga que tudo parte dos radicais do Governo, que pretendem exercer um maior domínio e «contrôle» sobre o poder temporal da Igreja no país. Que se passa, na verdade? Continuo a ter contactos com círculos católicos para que deixe de fazer a mim próprio esta pergunta tantas vezes repetida: «Igreja, para onde vais tu no Brasil?»

AMANHÃ

Fui testemunha da «vingança africana»

ALGURES NO MUNDO

um repórter do «Diário de Lisboa»

Joaquim Letria

Giannini
Giannini
Giannini
Giannini
Giannini
Giannini
Giannini
Giannini
Giannini
Giannini
Giannini

FINALMENTE À VENDA EM PORTUGAL

Londres terá de rever o seu plano de transferência das ilhas Malvinas

LONDRES, Janeiro — A julgar pelo forte incidente ocorrido, há dias, nos Comuns entre os ministros trabalhistas e a oposição conservadora, o caso das ilhas Malvinas (Falkland) provocou uma tal emoção nacionalista que o Governo será, sem dúvida, obrigado a modificar os seus projectos primitivos.

Com efeito, sem o dizer abertamente, o Governo não teria ficado descontente em ceder ás reivindicações da Argentina sobre estas pequenas ilhas britanicas do Atlantico sul, práticamente indefensáveis e duma importancia económica e estratégica discutível. Além duma melhoria das relações com a Argentina, com todas as vantagens económicas que traria, a cedência das Malvinas a este país evitaria a intervenção regular das Nações Unidas pedindo explicações acerca da ausência de progressos em ordem a uma solução.

Por outro lado, os dois mil habitantes das Falkland não sofreriam por aí além ao passar para a soberania argentina, ainda que tivessem de pagar impostos mais pesados a que estão actualmente sujeitos sob o regime colonial britânico. E por fim, as entidades oficiais britânicas não deixaram de explicar que a assistência britânica era limitada e que o futuro económico das pequenas ilhas estava em perigo se continuassem a depender da produção de lã, seu único recurso de rendimentos em 130 anos. Assim, por estas razões, o Governo britânico não teria visto com olhos desfavoráveis o abandono das Falkland aos argentinos.

Infelizmente, os dois mil habitantes das ilhas não são dessa opinião e recusam-se a mudar de dependência. Tendo em conta esta atitude, o Governo trabalhista teve de declarar **não ser** possível qualquer transferência de soberania sem o consentimento dos interessados. No entanto, lorde Chalfont, ministro de Estado do Foreign Office, esforçou-se, na sua recente visita á Argentina, por elaborar uma disposição comum, um acordo interino que visasse nomeadamente a melhorar as comunicações entre as Falkland e a Argentina. Estes contactos anglo-argentinos foram denunciados **vigorosa**mente pela oposição conservadora como um primeiro passo para o abandono, e Chalfont foi acusado de preparar com os argentinos uma campanha para convencer os habitantes das Falkland das vantagens duma transferência de soberania.

Se estas fossem na verdade as intenções do Governo britânico, seriam aniquiladas pela explosão nacionalista que rebentou nos Comuns e igualmente em grande parte pela opinião pública. Por outro lado, os argentinos não ajudaram a solucionar o problema ao insistirem em que a sua pretensão á soberania das ilhas fosse clara e explicitamente reconhecida em todos os documentos. «O governo argentino não aceitará mais que uma capitulação britânica», escreve na quinta-feira o «Times», convidando o Governo não só a cessar qualquer negociação com a Argentina, **como** a trabalhar num salvamento económico das Falkland.

Nestas condições, é provável que o Governo trabalhista seja levado a endurecer a sua atitude. O antigo secretário do Foreign Office, Stewart, de regresso duma viagem pela India, definirá oficialmente e inequívocamente a posição do Governo, que, mais uma vez, reafirmará a impossibilidade de **prever** uma transferência da soberania sem o consentimento dos habitantes das Falkland. O precedente criaria sérias dificuldades **noutros** sectores em que as possessões britânicas são reclamadas por outros Estados. A Espanha teria nisso achado encorajamento para as suas reivindicações sobre Gibraltar, assim como a Venezuela, que tem um conflito de fronteiras com a Guiana ex-britânica, e a Guatemala, que reivindica as Honduras britânicas.

Em conclusão, a atitude da Argentina e a viva reacção nacionalista da opinião britânica forçaram a mão do Governo trabalhista a desviar-se duma solução negociada, mesmo de carácter temporário. O «Financial Times» resumia muito bem o dilema que o Governo enfrenta ao escrever: «É certo que o governo britânico pode expor os factos aos habitantes das ilhas, e mesmo recusar-lhes uma assistência financeira que poderia ser concedida a outras dependências **menos** ricas. Mas o Governo cometeria um grave erro se desse a impressão de empurrar um território dependente para a aceitação das exigências duma nação estrangeira.»

H. P.

DE «LE MONDE» em exclusivo para o «DIÁRIO DE LISBOA»

CONFUNDIR E ENSINAR

Quando no dia 23 de Dezembro de 1968, os 82 marinheiros do «Pueblo» foram reentregues à procedência, ou seja às autoridades representativas do seu país, o general Woodward, que na breve negociação final de Panmunjon actuava em nome dos Estados Unidos, cuja missão chefiava, assinou uma declaração em que se admitia que o «Pueblo» era um navio-espião, sendo naturalmente a sua função «espiar». Nada de mais simples, embora nada de mais estranho, também. Espiam, logo dizem que espiam — está certo (é este o lado simples do imbroglio); mas, apesar de tudo, este esquematismo fere as consciências bem-pensantes, os espíritos ingénuos e arrumadinhos. Que autoridades responsáveis admitam que organizam, financiam, mantêm e apoiam (mesmo nas horas más, honra lhes seja) indivíduos, barcos, redes, cujo trabalho é espiar — é os diabos, é de mais! O burguês aceita com benevolência o jamesbondismo, entusiasma-se mesmo frequentenmente com ele, mas é nas salas de cinema, com a luz apagada e o corpo refastelado. Agora, ler no jornal, em que ainda acredita um pouco, que um tipo importante, graduado, qualificado, um general, assinou oficialmente uma declaração que dizia, com todas as letras, que outros sujeitos, também oficiais (com farda e tudo), seus subordinados ou pelo menos protegidos, se entretinham a espiar — isto custa a engolir. Pelo menos, sem pestanejar. E ainda mais que não se tenha lamentado, ainda que indirectamente, o procedimento assim tão impudicamente confessado. Pelo contrário, em oposição às veementes invectivas das chancelarias e monstruosas campanhas de opinião, orquestradas sempre que é descoberto um agente «inimigo», desta vez foram vertidos milhões de litros de lágrimas e derretidas megatoneladas de ternura pela triste sorte dos pobres coitaditos, submetidos à tirania de tão temíveis algozes! O burguês honesto, aquele que agora as agências de informação usam chamar de «homem da rua», designação assaz significativa e de uma mentalidade, ficou confundido. Não compreende. Vê os seus padrões, de julgamento, a sua hierarquia de valores, abalados. E nem a inacreditável afirmação do general Woodward de que «só assinara a declaração para que os nossos homens saíssem em liberdade (incrível confissão de perjúrio, insólita nas relações internacionais, que o nosso burguês não levou evidentemente a sério), nem as considerações que o secretário de Estado Dean Rusk teceu sobre o evento, lembrando que em 19 anos de serviço público nunca vira nada de semelhante, ou seja ser preciso fazer uma tal declaração para libertar prisioneiros, e que ao que julgava, os norte-coreanos queriam utilizar a confissão americana como «propaganda» (o traquejo diplomático aguça notàvelmente a presciência, como se vê) nem um nem outro depoimento sossegaram o bom do burguês. Com razão, como vamos apreciar.

Estes factos são inquietantes, com efeito. A espionagem é como que a má-consciência da sociedade e da época em que vivemos, que impede que nos esqueçamos, completamente, ainda que queiramos, dos parâmetros mais sórdidos e mais alienantes que norteiam a grei de que fazemos parte (e a dirigem também). A espionagem é amoral, brutal, discriminatória, de um pragmatismo feroz e sem escrúpulos, de uma desumanização implacável e concentracionária — é uma lição permanente para todos nós de muita coisa que, sendo isso tudo, está envernizada de tal forma pelos analgésicos consabidos das sociedades de consumo, que nós até a confundimos connosco próprios (e talvez não a injusto título). A espionagem e o seu espírito, e as suas técnicas, e o seu código e a sua deontologia (tão sàdicamente explorados na ficção literária e no cinema, com evidentes fins exploratórios de lucro — será acaso?) não são, ao contrário do que geralmente se quer fazer crer, uma excrecência estranha e marginal deste mundo, de um mundo que desejamos aquilatar separado dessas mesmas realidades desagradáveis. São talvez apenas, a maneira mais clara de se aprender muito sobre o terreno que pisamos. Bem entendidos, os maus fílmes de «espionite» que enxameiam as nossas salas de cinema, são mais educativos que muitos grossos tratados de sociologia — é só preciso generalizar com cuidado. Aliás, só sendo-se nescio ou masoquista (ou frigido, por mor de dinheiro) se pode ser realizador cordato de obras deste quilate, em que o cair das máscaras só não é percebido pelos ingénuos ... Que uma comunidade permita, de forma tão maciça e tão alegre, que a sua roupa suja seja despudoradamente estendida nas praças publicas e observada à lupa mediante o pagamento voluntário de um bilhete — é sintomático. De uma degenerescência de uma amoralidade desbragada.

Todo o incenso esparrinhado por sobre os 82 marinheiros capturados algures ao largo da República Popular Democrática da Coreia, em 23 de Janeiro de 68, assim como a facilidade com que as autoridades U. S. admitiram (e simultâneamente e desastradamente, negaram) ser o «Pueblo» um navio-espião (o que aliás toda a gente sabia e toda a gente sabia que os outros sabiam e sabiam que sabia) para além de muito naturalmente, terem baralhado o burguês bem intencionado de que temos vindo a servir-nos, tê-lo-ão esclarecido um pouco.

Na condição de essa figura da galeria sociológica existir mesmo na sua forma pura, o que resta demonstrar.

SEBASTIÃO REGO

Nota do dia

POUCAS INTERROGAÇÕES

O ANO QUE COMEÇA e que hoje tem o seu primeiro dia útil não se afigura fácil para ninguém. Não adianta estarmos com ilusões, antes nos devemos lembrar que homem prevenido vale por dois. Os problemas são muitos, o País não vive hora a que possa chamar-se de desafogo em qualquer sector, as dificuldades tocam a todos, se bem que, como é sabido, uns mais que outros tenham que as sentir. Os primeiros avisos já chegaram: aumentou a taxa dos cigarros, aumentam os preços dos transportes colectivos.

Disse-o já o Presidente do Conselho, com o que efectivamente nos não deu grande novidade, que é mais fácil a quem está de fora reclamar do que ao Governo fazer e que cada pequena reforma que se empreenda, por justa, miúda e até simples que seja, implica logo uma deslocação de valores orçamentais que não se faz sem ser à custa de novas dificuldades ou de novos sacrifícios: como o friorento que, dispondo só de pequena manta, puxa para um lado e destapa do outro...

É certo que é assim, mas, por incómodo que seja para quem tem às costas o peso das responsabilidades, governar é isso mesmo, sem mais ilusões; olhar à volta do horizonte, ver os problemas políticos, os económicos, os sociais, que tantos são, e ter a serenidade de apurar os mais urgentes e os de maior repercusso. Mas apurar como? Não será por palpite, nem por capricho, nem por sugestão, mas naturalmente por um método. É aí que é preciso existir e funcionar o aparelho político do País.

Daqui resulta a evidência de como tem de se entender altamente importante o trabalho, que hoje começa, do recenseamento eleitoral. Por um prazo de quarenta e cinco dias cada cidadão, que não queira desistir de o ser, tem obrigação de dar os passos precisos para assegurar a sua inscrição nos respectivos cadernos, a cargo das Juntas de Freguesia. E quem não for capaz desse pequeno sacrifício para se garantir desse direito perde irremediàvelmente a autoridade para, em qualquer altura, fazer ouvir a sua voz.

Numa sociedade organizada, em que toda a gente pretenda exercer o seu direito de intervenção no que diz respeito à sua vida, como à vida de todos, cada um tem que estar atento, acompanhar a actividade dos gerentes (que são os governantes) e reclamar o que julga pertencer-lhe. Mas precisa de saber o que é o seu direito e precisa de saber como o há-de fazer valer. Quem ignorar os meios que a lei lhe faculta como há-de vir depois a pedir seja o que for?

UHF

O Stand KNITTAX, comunica a todos os interessados que foi nomeado Representante Exclusivo do CONVERSOR NOGOTON, de origem alemã, para a captação do segundo programa.

O CONVERSOR NOGOTON, é transistorizado e equipado com teclas para o VHF e UHF, dispensando na maioria dos casos a montagem onerosa de antenas exteriores. Para mais esclarecimentos, queira dirigir-se à Rua do Telhal, 4-A, Lisboa-2, ou pelo Telefone 37 07 26/32 59 96.

A Gerência

VENDEDOR

REVESTIMENTOS

Precisamos de bom elemento, conhecedor do ramo c/ boas relações tanto particulares, como entre arquitectos e decoradores.

Respostas detalhadas para este jornal ao n.º 465.

QUARTA VITÓRIA CONSECUTIVA DO BELGA GASTON ROELANTS NA «SÃO SILVESTRE» DE S. PAULO

SÃO PAULO, 2 (Do nosso enviado especial Joaquim Letria) — **«Anacleto Pinto saiu de Lisboa já lesionado. Não entendo como pode um país fazer-se representar por um atleta nessas condições» — disse-me o belga Gaston Roelants momentos depois da sua sensacional quarta vitória consecutiva na «São Silvestre».**

— O português treinou comigo, mas não chegou a correr mais de vinte metros na pista do Clube Pinheiros. A perna acusou logo o esforço e piorou — acrescentou o belga, sorrindo com os seus olhos azuis e a pêra loura a escorrer suor.

— A perna já me doia em Lisboa, sim senhor, mas nunca me prejudicou. Isto é azar meu — explica Anacleto Pinto de regresso ao hotel, com a perna engessada e o joelho inchadíssimo.

Portugal não teve este ano representante na sensacional prova de atletismo de São Paulo. A quem pertence a responsabilidade? Como foi possível um atleta lesionado ser escolhido para «representante» nacional?

Portugal esquecido pela organização

Quatro vezes Roelants participou na «São Silvestre», quatro vezes ganhou a prova. Desta feita correu os oito quilómetros e meio em 24 minutos e 32 Sawaki, com excelente corrida, foi um bom segundo. O estudante italiano Giuseppe Ardizzone, terceiro, fez uma primeira metade empolgante, mas esgotou as forças com que deveria segundos demonstrando «souplesse», excepcional. Acabou suado, mas fresco.

Milhão e meio de paulistas «passou o ano» apinhanhado ao longo do percurso aplaudindo os 318 corredores. O entusiasmo e o colorido eram indescritíveis enquanto o português Anacleto Pinto, sofrendo fortes dores, jazia no seu quarto solitário.

A organização não sabia da desistência de Anacleto Pinto e não lhe prestou o menor auxílio

Lamentàvelmente a organização não estava sequer informada da desistência de Pinto, a quem não foi prestado o menor auxílio brasileiro. Também em frente do enorme edifício da «Gazeta Esportiva», organizadora da corrida o nome de Manuel Faria estava ausente da galeria dos vencedores...

Quanto à prova deste ano, o japonês Keisarke ter respondido ao ataque — afinal irresistível — de Roelants nas subidas de São João e da Consolação.

Belgas residentes em São Paulo festejaram a vitória do seu compatriota com manifestações à boa maneira flamenga.

Roelants ganhou com 150 metros de avanço

SÃO PAULO, 2 — (A. N. I. e F. P.) — Gaston Roelants ganhou a 44.ª edição da famosa «São Silvestre» com 150 metros de avanço, sobre o seu mais competidor, o japonês Sawaki.

Na opinião do italiano Ardizzone terceiro classificado, Roelants deve ganhar a corrida ainda mais três ou quatro vezes.

Classificação final: 1.º, Roelants, Bélgica, 24 m 32,9 s (24 m 28 s no ano passado); 2.º, Sawaki, Japão, 24 m 51,1 s; 3.º, Ardizzone, Itália, 24 m 57,1 s; 4.º, Juko Kuha, Finlândia, 25 m 18,9 s; 5.º, Rolf eseelaal, Suécia, 25 m 21,7 s; 6.º, Art Dulong, U. S. A., 25 m 25 s; 7.º, Dave Ellis, Canadá, 25 m 33 s; 8.º, Joachim Liess, Alemanha Federal; 9.º Belino da Silva, Brasil; 10.º René Jourdan, França.

António Sérgio

No Hospital da Cruz Vermelha Portuguesa continua internado o dr. António Sérgio que experimentou algumas melhoras, embora o seu estado não tenha deixado de inspirar cuidados.

Muitas foram as pessoas que nos dois últimos dias ali foram informar-se da evolução da doença do grande pensador e democrata, antigo ministro da República.

Livros ingleses expostos no Instituto Britânico

Depois das férias de Natal reabre hoje, na sede do Instituto Britânico, a «Exposição dos Livros selecionados de produção Inglesa». É constituída por 170 volumes de obras bem realizadas sob o aspecto gráfico, escolhidos pela Liga Nacional do Livro, de Londres.

A exposição encontra-se aberta das 11 às 13 e das 15 às 19 horas e tem despertado especial interesse entre livreiros, tipógrafos, artistas ilustradores e, de uma forma geral, todos quantos se dedicam à produção e comércio do livro.

ora diga-nos...

— Costuma fazer planos no início do ano?

Ano Novo. Vida nova ou o retomar da vida velha. Em qualquer dos casos, ocasião propícia para fazer um balanço do ano que passou e estabelecer um plano para o ano novo que em breve será velho. Algumas pessoas pretendem, assim, organizar a vida, mas um plano feito à distância é muitas vezes apenas mais uma forma de sonhar. Em resumo: valerá a pena fazer planos, numa época em que as metamorfoses se processam continuamente? Valer a pena, vale, no entanto...

● Raramente — *respondeu o sr. Gastão Antero de Lima, funcionário público — não vale a pena.*

— Acha que sim?

— É preferível fazer planos parciais ao longo do ano. No meu caso, por exemplo, não há grandes possibilidades de fazer planos. Mesmo que venha um aumento, nunca se pode contar...

● *A menina Catarina Colaço, empregada de escritório, quase não respondeu. Mas riu, riu muito, durante os breves instantes que a entrevista durou. Mesmo assim, lá nos foi dizendo:*

— Não costumo fazer... À medida que o tempo vai passando, é que penso nas coisas que vou fazer. Assim á distancia, é muito difícil... não vale a pena... nunca se sabe como vai ser...

● *Por ultimo, o sr. José Joaquim Rabeca, carpinteiro, esboçou um sorriso triste («se souber responder...») e disse:*

— Se costumo fazer planos? Sou carpinteiro, há muito que estou doente, mas agora vou melhor. Os planos que tenho são bem poucos: é recuperar a saude para começar a trabalhar...

O «DIÁRIO DO GOVERNO» JÁ SE CHAMOU «DIÁRIO DE LISBOA»

O último número foi publicado há 100 anos

Fez anteontem 100 anos que saiu o ultimo número de uma publicação que se chamava «Diário de Lisboa». Sem nenhum parentesco com o jornal que Joaquim Manso fundou, muito mais tarde, com o mesmo título, o primeiro «Diário de Lisboa» era nem mais nem menos o «Diário do Governo». Deixando de ser «Diário de Lisboa» (título que conservou de 1 de Novembro de 1859 até 31 de Dezembro de 1868) tomou, no dia 2 de Janeiro de 1869, a designação que ainda hoje conserva. De resto, a folha oficial tinha tido já, por várias vezes, o título que melhor lhe assenta.

Chamou-se, assim, «Diário do Governo» de 1 de Janeiro a 10 de Fevereiro de 1821, de 5 de Julho de 1821 a 4 de Junho de 1823 e de 1 de Janeiro de 1835 até 31 de Outubro de 1859.

Antes e nos intervalos destas datas, outros títulos teve: «Gazeta de Lisboa», «Diário da Regência», Chrónica Constitucional de Lisboa», «Gazeta Official do Governo», e «Gazeta do Governo»

No livro «História da Imprensa Periódica Portuguesa» José Tengarrinha recorda que os constitucionais chamavam á «Gazeta de Lisboa» «Gazeta Parda» (por causa do péssimo papel em que era impressa) e «Mecha de Lisboa».

Outros tempos, em suma. Interessa-nos agora apenas recordar (como curiosidade) que já passou um século sobre a publicação do ultimo número da «folha oficial» com o título «Diário de Lisboa»

Depois de amanhã, o «Diário do Governo» poderá comemorar os cem anos consecutivos na posse do nome que hoje tem.

O novo gerente da Secção de Vendas

NOVO GERENTE DE VENDAS DA FORD LUSITANA

O sr. eng.º E. Campello de Almeida acaba de ser nomeado para o cargo de gerente de vendas da Ford Lusitana. Admitido na Ford em 1956, exerceu as funções de chefe de serviço e mais tarde gerente do departamento de Tractores e Equipamento Agrícola e Industrial.

Depois de ter desempenhado diversas comissões de serviço em vários países da Europa e da América, entre os quais o Brasil, foi em 1966 convidado para fazer um estágio na Organização de Tractores Ford na Europa, com sede em Bruxelas, onde desempenhou cargos da maior responsabilidade no sector de vendas e estudos de mercado, de onde agora regressa para ocupar as importantes funções em que foi investido.

Formado em Engenharia Mecânica e Aeronáutica pelo Instituto Superior Técnico, o eng.º Campello de Almeida completou o seu curso em 1949.

UM BRILHANTE TESTEMUNHO DO NOSSO TEMPO!

ANTIMEMÓRIAS

por André Malraux

Malraux perante a história e o público, espelho de uma civilização, de uma França generosa e inteligente, mas, também, cruelmente racional e lúcida

COLECÇÃO DOCUMENTOS DE TODOS OS TEMPOS

Volume de 546 páginas: 135$00

LIVRARIA BERTRAND

DESCONTRAIA-SE!

OFERECEMOS-LHE UMA «RECEITA» PARA UM NOVO PRAZER DE VIVER!

O ELOGIO DA PREGUIÇA

(ALEXANDER LE BIENHEUREUX)

UM FILME DIFERENTE, POR VEZES MORDAZ, MAS DUMA «PREGUICITE» IRRESISTÍVEL!

M/ 12 anos

Um filme de YVES ROBERT

EASTMANCOLOR

um ÊXITO em 3.ª SEMANA

com:

philippe noiret
françoise brion
marlene jobert
e o cão kaly

3 sessões diárias

estúdio 444

Livre trânsito para as suas viagens

COM A GARANTIA DO

CHEQUE VERDE

Damos-lhe o nosso **Sinal Verde** para uma boa viagem. De norte a sul de Portugal iremos a seu lado, garantindo-lhe absoluta tranquilidade, com a garantia dos nossos **Cheques Verdes**. A partir de agora, eles são-lhe indispensáveis. E antes de partir não os esqueça, como não se deve esquecer de verificar o estado dos pneus do seu automóvel ou o depósito da gasolina. Porque é dinheiro só depois de assinado, o **Cheque Verde** é mais seguro que o próprio dinheiro. Com os **Cheques Verdes**, onde quer que esteja, pagará o que quer que seja com a sua assinatura.
Por tudo isto, o Cheque Verde é a nossa garantia de livre trânsito para as suas viagens.

BANCO PINTO & SOTTO MAYOR - PORTUGAL -

BANCO PINTO & SOTTO MAYOR

Trabalhamos mais para servir melhor.

imacto

CIRCO no COLISEU

GRANDE COMPANHIA INTERNACIONAL

Sensacionais atracções de todo o Mundo

Cães :: Poneis :: Pombas :: Palhaços :: Acrobatas, etc.

HOJE, à TARDE e à NOITE

Às **16 horas** — com entrada gratuita às crianças até dez anos

Às 21 e 30 — Para maiores de 6 anos

ESPECTÁCULOS A TARDE AMANHÃ, SÁBADO E DOMINGO — às 16 horas — Com entrada gratuita às crianças até 10 anos

Todas as **NOITES**, às 21 e 30 — Maiores de 6 anos

Preços populares Bilhetes à venda

SENSACIONAL!

O POLITEAMA TEM O PRAZER DE APRESENTAR A PRIMEIRA GRANDE AVENTURA DO ANO!

RICHARD EGAN · PETER GRAVES
HARRY GUARDINO · JOBY BAKER
LOIS NETTLETON · JULIE ADAMS · FERNANDO LAMAS

EMOÇÃO, PERIGO, TERROR E MORTE FORAM OS SEUS COMPANHEIROS NO

VALE DO MISTÉRIO

AMANHÃ GRANDE ESTREIA **POLITEAMA**

UNIVERSAL—SONORO FILME

Maiores de 12 anos

O «RÉVEILLON» NOS CINEMAS E TEATROS DE LISBOA

Aquela noite em que se dobrou a ultima folha do calendário de 1968 para se abrir a primeira dos 365 dias que se apresentam á porta da vida teve singular animação em todas as casas de espectáculos de Lisboa. As gentes procuraram, na alegria esfuziante, esquecer os momentos amargos do ano que findou, e encontrar ao mesmo tempo um ritmo de optimismo para o novo ano.

Harmonias vibrantes, cumprimentos a amigos e conhecidos, sorrisos e canções de esperança, assinalaram a esquina da vida nesta Noite de S. Silvestre em Lisboa. Possam os sorrisos não murchar e não feneçam as esperanças na alma dos homens no ano que entrou em alegria!

Revistas, comédias, altas comédias deram o tom nos teatros e cinemas de Lisboa, com a participação dos espectadores, em bailes e canções. Animação grande em todos eles e em todos a assistência foi completa. Assinalemos em cada um dos cinemas ou dos teatros, o centro de animação:

Teatro Monumental — A revista «Click! Já está!». Orquestras Toni Priano, Tropical e Quinteto Académico+2.

Coliseu de Recreios — Espectáculo de circo.

Cinema Monumental — «A Quadrilha do Grande Cérebro» e «A Princesa e o Americano».

Cinema Roma — «O Profeta» e «Um Tiro ás Escuras». No palco a parelha Ari Lopes e Gloria Norton. Orquestra «Os Cinco de Ouros».

Cinema Mundial — «A Condessa de Hong-Kong» e «O Grande Restaurante». Orquestras Thil's Combo, Eugénio Costa e os seus Rapazes, e Chinchilas.

Cinema Politeama — «Quem Dispara Primeiro» e «Adultério á Italiana». Orquestras: «Os Steamers» com o cançonetista Rui Jorge.

Cinema Império — «Oliver».

Cinema São Luiz — «O Livro da Selva».

Cinema São Jorge — «O Pequeno Banhista».

Cinema Odeon — «Marisol e o Toureiro».

1500 PESSOAS SAUDARAM O NOVO ANO NO CASINO ESTORIL

A passagem do ano marcou o primeiro «réveillon» do novo Casino Estoril, onde cerca de mil e quinhentas pessoas saudaram animadamente o início de 1969. Os grandes espaços do moderno edifício encheram-se de vida, oferecendo o próprio publico um autêntico espectáculo de beleza e elegancia. No salão-restaurante e no «Wonder-Bar» dançou-se até altas horas da madrugada, depois de um «show» com artistas internacionais e a apresentação da sempre grande Amália Rodrigues.

Não foi, apenas, o Casino Estoril o único local da nossa Costa do Sol onde se festejou a passagem do ano. Muitos milhares de lisboetas se deslocaram a diversos locais da *linha*, saudando 1969 nas numerosas «boites» que se espalham de Algés até Cascais. No Hotel Estoril-Sol, por exemplo, a animação ultrapassou quanto era lógico prever, pois o hotel estava á cunha e não se parou de dançar até de madrugada.

Os êxitos de Moses Sequerra

O violinista Moses Sequerra, ex-bolseiro do Instituto de Alta Cultura e da Fundação Gulbenkian, prossegue no estrangeiro uma brilhante carreira de concertista. Durante o mês corrente está anunciado em quatro cidades francesas.

VASCO MORGADO apresenta

HOJE, à noite, às 21 e às 23 h.

ADULTOS

AR CONDICIONADO
TEATRO VILLARET
o mais moderno e confortável de Lisboa

DISSE A CRITICA:

Solnado cria um grande papel, dos maiores da sua carreira, e assume-se como actor de uma dimensão que não é aquela a que deve a sua popularidade.

DIÁRIO POPULAR

RAUL SOLNADO

NA COMÉDIA

A PREGUIÇA

Dirigida por:
MARIA HELENA MATOS
com
FERNANDA BORSATTI — ALINA VAZ — MÁRIO JACQUES — ANTÓNIO MONTEZ — DAVID SILVA

UM ESPECTÁCULO QUE DIA A DIA SE TORNA MAIS POPULAR

MONUMENTAL

HOJE — 2 SESSÕES, ÀS 20.45 e 23 H.
T. 555.133 (ADULTOS)

UM FABULOSO ESPECTÁCULO

CLiCK! JÁ ESTÁ

A FANTASIA musical com a presença do fabuloso artista de fama mundial

ALFREDO ALARIA

BADARÓ
AFRICA PRATS
CARLOS JOSÉ TEIXEIRA
ANTÓNIO ANJOS
LINDA SILVA
DELFINA CRUZ
e a criação nacional
SIMONE DE OLIVEIRA

UM ELENCO de ESTRELAS

Dir. musical de JOSÉ MESQUITA

Uma realização de GRAÇA, LUXO e FANTASIA
e ainda a especial interpretação de **NINA BRACCIO**
com
O BALLET DE ALFREDO ALARIA

Teatro Laura Alves

—HOJE— às 21 e 23 Horas

(Adultos) Telef. 864756

VASCO MORGADO APRESENTA

«UM ESPECTÁCULO DE PALPITANTE INTERESSE»

Tradução de BOTELHO DA SILVA

A famosa peça de ÊXITO MUNDIAL baseada na obra «BILLY LIAR»

O JOVEM MENTIROSO

COM
BRUNILDE JÚDICE
RUI DE CARVALHO
MANUELA MARIA
CÉLIA DE SOUSA
FERNANDA FIGUEIREDO
BENJAMIM FALCÃO

INICIAÇÃO DE **JACINTO RAMOS**

CENAS DE **JOÃO VIEIRA**

E O PAR REVELAÇÃO

GUIDA MARIA e VASCO MORGADO JR.
A HISTÓRIA DE UM JOVEM E O SEU MUNDO DE FANTASIA DE HOJE

● HOJE, ÀS 20,45 E ÀS 23 HORAS CONTINUA A SUA GLORIOSA CARREIRA, NO

ADULTOS

● MARIA VITÓRIA ●

A REVISTA DA GARGALHADA

● GRANDE POETA É O ZÉ! ●

● UM ENORME EXITO, EM 4.º MÊS!!!

AINDA ENRIQUECIDA COM A FAMOSA ATRACÇÃO

● MAY AVRIL

MAY AVRIL

JOSÉ VIANA

● UMA REVISTA BEM PORTUGUESA AGORA COM O «CHARME» DAS REVISTAS DE PARIS!

● UM EXTRAORDINÁRIO ELENCO, COM:

● SALVADOR ● VIANA ● ● MARIEMA

MAX ● ANITA ● DORA

● V. MENDES ● MARIANO

Com MAY AVRIL actua o «virtuoso» do acordeão ALBERTO GRAZIANO

● DOMINGO «MATINÉE» ÀS 16 HORAS

● ● HOJE, ÀS 21,45 H. ● ●

4.º MÊS

RIA COM GOSTO

O AMOR-68

UMA FANTÁSTICA COMÉDIA DE **HENRIQUE SANTANA**

UM ESPECTÁCULO DE **VASCO MORGADO**

NOVO ÊXITO DA **C.ª TEATRO ALEGRE**

NO TEATRO VARIEDADES T. 32 60 37

(Adultos)

com

HENRIQUE ● IRENE ● COSTINHA ● SEMEDO ● LIA ● ANABELA e ADRIANO REYS

Dir. plástica de F. RELÓGIO
Encenação de MARIA HELENA

SÁBADO, ÀS 20.45 e 23 H.

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

«O JOVEM MENTIROSO» NO TEATRO LAURA ALVES

Não é um nariz-de-cera — impõe-se começar saudando não a estreia de uma peça, mas a estreia de um teatro. Neste nosso pequeno meio, onde nos últimos anos têm de facto sido mais as salas a desaparecer do que a surgir, impõe-se efectivamente pôr desde já em relevo a importância da abertura deste novo Teatro Laura Alves, mau grado, quanto sabemos, serem muito deficientes as suas condições técnicas, a principar logo pelas dimensões do palco.

E não se pode dizer que tenha sido desacertada a escolha da conhecida peça de Keith Waterhouse e Willis Hall «O jovem mentiroso» («Billy Lian») — na medida em que ela alia á graça inconsequente uma certa crítica a uma pequena burguesia de horizontes fechados, e de costumes ora caricaturados a traço grosso, ora observados com finura. E tem ainda alguns outros ingredientes, e não só ingredientes, daqueles que farão dela, com certeza, um (relativo, pelo menos) êxito de bilheteira. O que evidentemente também é necessário, em especial para um teatro que abre agora as portas pela primeira vez, cujo seu empresário escreve (no programa do espectáculo) que ele (teatro) ainda não está pronto porque o dinheiro não chegou, agradecendo «a amizade e compreensão de alalguns credores».

«O jovem mentiroso» é, de facto, uma peça bem carpinteirada e com muitos momentos de inegável graça e com uma certa intenção de nos dar uma crítica (superficial) de uma dada sociedade, embora essa crítica seja demasiado caricatural Este excesso de caricatura é, quando queiramos considerar a peça nesta perspectiva, porventura discutível, o seu principal defeito, de par com outro ainda mais grave: é que a figura de Billy, para poder caracterizar o jovem que quer fugir do ambiente fechado, rotineiro sem horizontes, de uma família da pequena burguesia, devia ser muito mais a de um sonhador do que um mentiroso, e a sua fantasia não poderia ser orientada, como predominantemente é, para a simples aldrabice inconsequente. Não sendo assim, o público acaba geralmente por julgar (contra o que talvez os autores hajam pretendido) que quem está certo são os pequenos burgueses e pais, e quem está errado é o filho...

E só daquela forma estaria certa a interpretação que no seu texto inserto no programa Jacinto Ramos tenta dar da figura central: **«A história da peça mostra-nos o dia-a-dia de um jovem sonhador que luta, sem êxito, para escapar ao ambiente que o sufoca.»**

Mas deixemos o que a peça poderia ser, e nós gostaríamos que ela fosse, para regressarmos ao que ela é e á forma como foi representada.

Saliente-se antes, porém, que a interpretação de Billy de que Vasco Morgado Jr. foi capaz, sublinha mais este aspecto que não é positivo, dando quase tão só o que o rapaz tem de vício inveterado de invenção ao nível da mentira, e falhando no que apesar de tudo nele ainda também há de desejo (embora muito débil e inconsciente) de evasão daquela sociedade limitada — faceta que encontra o seu momento mais expressivo no seu encontro com Liz.

A encenação de Jacinto Ramos tem a seriedade e o ofício a que já nos habituou, e que — embora saibamos nem todos pensam assim — entendemos caracterizam em geral o que vem fazendo neste aspecto da sua actividade teatral. A peça aparece-nos com o ritmo que a sua estrutura exige, as marcações são boas, a dicção surge-nos mais cuidada do que é (infelizmente) habitual nos nossos palcos. Há, portanto, uma boa direcção de actores, que sem paradoxo é sobretudo notória no actor que tem mais falhas — Vasco Morgado Jr.

Com efeito, este jovem, cujas anteriores interpretações, aliás ainda escassas, não eram das que apresentavam apenas «defeitos vulgarmente perdoáveis a quem começa», como se escreve no texto, a todos os títulos lamentável do programa, antes denotavam uma total ausência de qualidades naturais, além da falta de um mínimo sequer de técnica, inclusive na deplorável dicção, neste espectáculo, apesar de não estar á altura de tudo o que o papel exige, tem uma interpretação em muitos aspectos regular, e até, em alguns, francamente positiva, sobretudo para o que dele esperávamos. E, se tal deve ser, quanto nos parece, mérito sobretudo da direcção, não deixa de nos colocar numa posição de certa expectativa em relação ás suas futuras actuações — sabido como é que, naturalmente, trabalho em teatro não lhe há-de faltar...

Rui de Carvalho é o mesmo extraordinário actor de sempre — um artista de nível verdadeiramente europeu e sem qualquer duvida (em nossa opinião, claro) a primeira figura masculina do nosso teatro. Com uma intuição e um talento cénicos excepcionais. Rui de Carvalho continua, sob todos os aspectos, e em todas as circunstâncias, a dar lições de bem representar Além de tudo o mais, interpretando o papel de Geofrey, o paj de Billy, ele tem algumas réplicas exemplares e insuperáveis. Quanto a Benjamim Falcão, situa-se num plano modesto, e defende-se dando (mal) o seu Artur sempre aos «repelões».

No lote feminino, Brunilde Judice tem uma interpretação perfeita, na velha avó «característica» — muito saber e um total domínio da figura, sem uma falha a assinalar. Uma verdadeira revelação para nós (que não a conhecíamos) é Manuela Maria, que cria a figura de Alice, a mãe de Billy, com uma segurança invulgar. Com grande á-vontade e sobriedade, Manuela Maria dá muitíssimo bem a mãe compreensiva, embora naturalmente limitada, espécie de fiel da balança, que busca um equilíbrio onde ele é muito difícil. Ela emparceira perfeitamente com Rui de Carvalho — e esse é o melhor elogio que pensamos poder-lhe fazer

Quanto a Célia de Sousa, Fernanda Figueiredo e Guida Maria, a cada uma competindo desempenhar um tipo de rapariga diferente, das que formam o trio dos interesses amorosos (também esses em grande parte frustrados) de «O Jovem Mentiroso», cumprem recortando bem as respectivas personagens, de molde a satisfazer sem grandes reservas. A tradução da peça é de Botelho da Silva e as cenas são de João Vieira.

Enfim: uma peça saborosa, com muitos momentos de verdadeira graça, em que o sorriso e a gargalhada se intercalam, mas uma peça que algumas vezes alcança esta graça em detrimento de uma (possível) maior seriedade de conteúdo e largueza de propósitos; e uma representação com um bom nível geral, e que nos parece estar talhada para um êxito que merece, sobretudo quando a compararmos com a de pobreza quase franciscana da grande maioria das comédias que se vêm levando á cena entre nós.

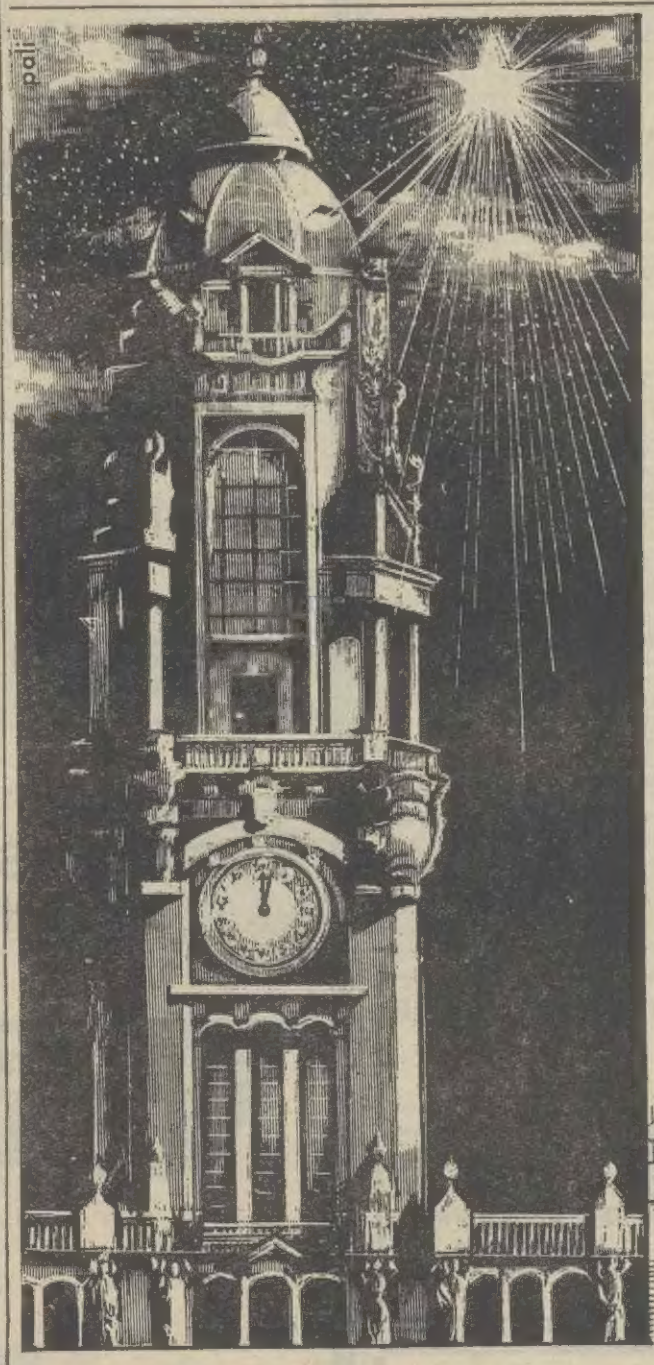
JOSÉ CARLOS DE VASCONCELOS

Beverly Sills, primeiro soprano da Ópera de Nova York, no papel de Violetta, na «Traviata»

«OS FILMES DA CINEMATECA»

Prosseguindo na apresentação dos seus programas, a Cinemateca Nacional, integrada na Secretaria de Estado da Informação e Turismo, exibe hoje no salão de cinema do Palácio Foz, um novo filme incluído no ciclo «Os Filmes da Cinemateca»: «O Ultimo dos Homens», de F. W. Murnau.

Emil Jannings, actor extraordinário que, como artista, encheu todo aquele período do cinema de Além-Heno, é o protagonista. A sua poderosa actuação, toda a vibração e a humanidade que empresta á personagem têm o vigor e o brilho duma verdadeira criação.



1969

ESPERANÇA E CONFIANÇA

Esperamos e confiamos que a primeira badalada de 1969 marque o início dum futuro progressivo cheio de prosperidades para todos os portugueses.

BPM

ORGANIZAÇÃO BANCÁRIA

PINTO DE MAGALHÃES

COM TODAS AS SUAS AGÊNCIAS, DEPENDÊNCIAS E CORRESPONDENTES

CAPITÓLIO

Telef 32 03 79

HOJE, AS 21.45 H.

M/ 17 anos

TANGO

de Slawomir Mrozek

tradução de Fernando Fragoso

com Amélia — Mariana — Pedro — Rogério — Perry — B. Fernandes e L. Bringel

Sábado ás 16 horas—Tarde a preços reduzidos

Domingo — Tarde dedicada a Estudantes

«A caçada do Malhadeiro»: a primeira longa metragem do realizador Quirino Simões

Quirino Simões acaba de realizar a sua primeira grande metragem: «A caçada do Malhadeiro», filme a cores subsidiado pelo Fundo do Cinema Nacional e pelo S.N.I.

«A caçada do Malhadeiro» foi adaptado de um conto do conde de Ficalho. Quirino Simões é o responsável por esse trabalho, tendo ainda efectuado toda a montagem do material filmado.

Consagrados intérpretes participam em «A caçada do Malhadeiro»: Fernando Gusmão, Cármen Mendes, Rui Mendes, Baptista Fernandes, Cunha Marques, os jovens Serge Farkas, Mário Jacques e Vítor Gomes, além da estreante Ana Leiria, que conta apenas 13 anos de idade.

Na ficha técnica do filme de Quirino Simões estão incluídos diversos profisssionais com boas provas dadas: Aurélio Rodrigues (fotografia), João de Almeida (iluminação), Mário Pereira (assistente de imagem), Alfredo Caldeira (chefe de produção), Almeida Santos (assistente de produção), Fernanda Santos (montagem) e Maria Fernanda Assunção (anotadora). Mas é Quirino Simões o principal obreiro do filme: argumento, adaptação, realização, montagem, produção, cenários, decoração e figurinos são de sua exclusiva autoria.

Aos 37 anos de idade, Quirino Simões ostenta bom «palmarés» cinematográfico, alongado por quinze anos de actividade. Oficial da aeronáutica, é chefe dos serviços de cinema da Força Aérea e director da secção de cinema das Forças Armadas.

De entre os filmes que já realizou, deve destacar-se «T-37», que obteve o primeiro prémio de realização do Festival Internacional de Turim (1965) e o «diploma de mérito» do Festival Internacional Militar de Versailles (1966). Quirino Simões foi, também, o realizador de «Os pára-quedistas» (Prémio Paz dos Reis, em 1966), «A pega», «Guiné 68» e «Na minha aldeia» (um filme técnico para ensino dos tiradores de cerveja, com Raul Solmado no protagonista).

«A caçada do Malhadeiro» será estreado dentro de dias, simultâneamente nos Cinemas Odeon e Lumiar.

— *No filme, procurei demonstrar que a prepotência gera prepotência...*

Quirino Simões está confiante no acesso desta película às grandes plateias, porque a história foi contada com simplicidade em fuga total à complexidade e ao formalismo.

— *Em frases curtas e simples sem pleonasmos* — afirma o realizador.

Baptista Fernandes e Ana Leiria numa cena de «A caçada do malhadeiro», filme de Quirino Simões.

Atrás do Reposteiro

- *Tudo parece indicar que a companhia do Teatro Nacional se desloque a Angola e a Moçambique no próximo Verão.*
- *A revista escrita pelos Parodiantes de Lisboa deve vir a ser apresentada no Teatro Variedades, fazendo parte do elenco a artista Milu.*
- *Anuncia-se o regresso ao teatro do cançonetista António Calvário.*
- *Fala-se na possibilidade do empresário José Miguel levar a sua companhia de revista ao Brasil, na próxima temporada.*
- *Nesta revista também deve participar o actor Paulo Renato.*

NA TRADIÇÃO CRIADA POR HUMPHREY BOGART...

UMA AVENTURA EMPOLGANTE BASEADA NO ARREBATADOR ROMANCE DE JAMES MAYO!

ADULTOS

UM NOVO RUMO NOS FILMES DE ACÇÃO!

FILMADO EM LONDRES LISBOA E CASCAIS

CABEÇA DE MARTELO "HAMMERHEAD"

COLUMBIA PICTURES APRESENTA UMA PRODUÇÃO DE IRVING ALLEN

VINCE EDWARDS · JUDY GEESON

e Charles Hood INTÉRPRETE DE "To Sir With Love"

PETER VAUGHN · DIANA DORS · MICHAEL BATES · BEVERLY ADAMS · PATRICK CARGILL

ARGUM. DE WILLIAM BAST e HERBERT BAKER BAS. NO LIVRO DE JAMES MAYO PROD. ASSOCIA. ANDREW DONALLY

PROD. DE IRVING ALLEN REAL. DE DAVID MILLER TECHNICOLOR

AMANHÃ NO EUROPA

TRINDADE

— F. N. A. T. —

HOJE, ás 21.45 h.

O T. N. P. subs pelo Fundo do Teatro apresenta em

ULTIMAS REPRESENTAÇÕES

A TORRE E O GALINHEIRO

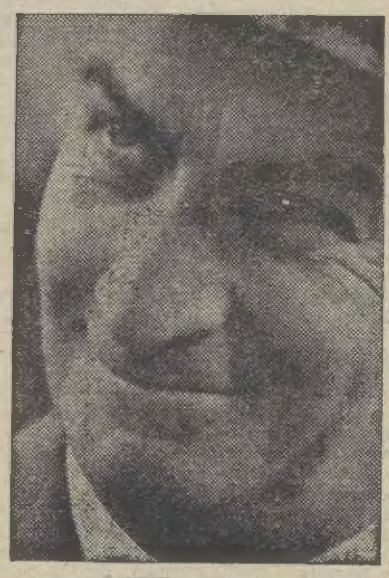
com RIBEIRINHO no protagonista

— 12 ANOS —

ENTRE O ANO NOVO NA ALEGRE COMPANHIA DE

LOUIS DE FUNÈS

DIVIRTA-SE, VENDO



O MAIOR ÊXITO DE PARIS!

MAIS DE MEIO MILHÃO DE PARISIENSES DELIRARAM COM A SUPER-COMÉDIA:

O PEQUENO BANHISTA

(LE PETIT BAIGNEUR)

UM ÊXITO SENSACIONAL EM:

3.ª SEMANA

NO CINEMA

SÃO JORGE — PROGRAMAÇÃO RANK

MAIORES DE 12 ANOS

FILMES CASTELLO LOPES apresenta em filme MGM

DA OBRA IMORTAL DE WILLIAM SHAKESPEARE

JÚLIO CESAR

(Julius Caesar)

MARLON BRANDO

JAMES MASON · JOHN GIELGUD · DEBORAH KERR

EDMOND O'BRIEN · GREER GARSON · LOUIS CALHERN

Numa actuação impecável eles ressuscitam a Roma de Cesar

Realização de JOSEPH L. MANKEWICZ Maiores de 12 anos

AMANHÃ UM FILME FORA DE SÉRIE NO estúdio

GRANDE CONCURSO
de Elegância
FIGUEIRA DA FOZ

AUTOMÓVEIS

DATSUN

Prémio de honra

1º lugar da classe
1º lugar - Equipamento especial para rallies

Todos os modelos classificados e premiados

ENTREPOSTO
Representante exclusivo
ENTREPOSTO COMERCIAL DE AUTOMÓVEIS S.A.R.L.
Av. Duarte Pacheco, 21-A/ Telef. 685175/6/7/8 - Lisboa 3

Artes plásticas

José Manuel Soares expõe na S. N. B. A.

Na S. N. B. A. abre amanhã a exposição do pintor José Manuel Soares que todos os anos ali se apresenta ao seu publico.

A exposição estará aberta todas as tardes durante os próximos dias.

Manuel Cargaleiro vai expor em Angola

O artista Manuel Cargaleiro, que ora se encontra na sua casa da Outra Banda, vai expor dentro em breve em Luanda.

A exposição de Manuel Cargaleiro que ultimamente obteve assinaldos êxitos na Suíça, no norte da Itália e na Bélgica, é promovida pela Agência-Geral do Ultramar.

Gravuras de Bartolomeu na Galeria 111

Na Galeria 111, ao Campo Grande, abre amanhã a exposição do grande gravador que é Bartolomeu Cid.

Bartolomeu expõe 13 gravuras publicadas pelo «London Graphic Arts», ficando expostas até o dia 22 do corrente, das 9 ás 13 e das 15 ás 19 horas

António Dacosta abre hoje a sua exposição

Na Galeria Buchholz, á Rua Duque de Palmela, 4, é esta tarde inaugurada a exposição do pintor António Dacosta

Bodas de ouro do primeiro curso jurídico de Lisboa

Os bacharéis em Direito da primeira formatura da Faculdade de Lisboa, criada em 1913 e presidida pelo prof. dr. Afonso Costa, vão efectuar uma reunião de curso.

Dos alunos que, em 1918, completaram a sua licenciatura, fizeram parte o major Américo Olavo, jornalista António Ferro, coronel Raul de Carvalho, o poeta Augusto Cunha e os advogados Amaral Barata, Bessone de Abreu e Nóbrega Quental.

Além do sr. conselheiro Vaz Pereira, estão ainda vivos, os srs. conselheiro Barbosa Viana, prof. Manuel Heleno, drs. Azeredo Perdigão, Adelino da Costa, Alberto José Lavrador, Aníbal Barbosa e Saraiva Lima.

Entre os professores, que leccionaram o curso, figuram os srs. doutores Fernando Emídio da Silva e o embaixador Martinho Nobre de Melo, director do nosso prezado colega «Diário Popular».

Os antigos alunos deste primeiro curso de Direito da Faculdade de Lisboa, que queiram comparecer á reunião devem dirigir-se ao dr. Saraiva Lima, Av. Fontes Pereira de Melo, n.º 5, ou pelo telefone 730141.

ACADEMIA DE AMADORES DE MÚSICA

A Academia dos Amadores de Musica, que contava, em fins de Setembro ultimo, 420 sócios (mais 72 que na mesma altura do ano anterior), acaba de divulgar o relatório, o balanço e as contas da gerência de 1966-67 e 1967-68.

No ultimo ano lectivo, a frequência foi a seguinte: alunos inscritos, 351; alunos que terminaram o ano escolar, 213; alunos que obtiveram passagem, 123. Terminaram os diversos cursos quatro alunos. As despesas totalizaram 300 999$40, enquanto as receitas tiveram o valor de 308 371$30, pelo que o lucro apurado foi de 7371$90.

Aqueles documentos foram já aprovados em assembleia geral.

CRUZ VERMELHA PORTUGUESA

Pela Presidência do Conselho, através do ministro da Defesa Nacional, é publicada no «Diário do Governo» de hoje a nomeação, para a Comissão de Acção Cultural e Propaganda da Cruz Vermelha Portuguesa das senhoras D. Manuela Morais Araujo (presidente), D. Maria Joana Mendes Leal, D. Maria José Consuelo Cunha Barreiro, D. Maria Melo Breyner Pinto da Cunha e D. Maria Margarida Mesquita Leão

FOGO VIOLENTO NO PORTO DE SETÚBAL

SETUBAL, 2. — Trinta mil fardos de palha, dois vagões da C. P. e sete caixotes com peças para automóveis ficaram destruidos num incêndio que ontem se manifestou, pelas 14 horas, na estacada n.º 4 do porto de Setubal e ainda esta manhã continuava intenso, apesar dos esforços dos bombeiros voluntários e municipais.

Os prejuizos, que se calculam superiores a mil contos e estão parcialmente cobertos pelo seguro, repartem-se pelas firmas Morais de Almeida, de Cuba, e Bernardino Militão, de Almodôvar, e Herald, de Lisboa (a quem pertencia a palha) e IMA (a cuja fábrica de montagem se destinavam as peças para automóveis).

Desconhecem-se as causas do sinistro.

ATRIBUÍDOS OS PRÉMIOS DA CASA DA IMPRENSA DE TEATRO DECLAMADO

No ultimo dia de 1968, como noticiámos na nossa «Edição da noite», a Casa da Imprensa revelou os nomes dos premiados em Teatro Declamado (com referência a 1967). Um juri constituído pelos jornalistas drs. Urbano Tavares Rodrigues, nosso prezado camarada de Redacção, César Afonso e Mateus Boaventura procedeu á atribuição dos prémios, que ficaram assim distribuídos: actriz, Mariana Rey Monteiro («Equilíbrio Instável»); actor, Santos Manuel («D. Quixote»); encenador, Varela Silva («Senhora na Boca do Lixo»); e autor Bernardo Santareno (peças representadas este ano).

O 15.º ANIVERSÁRIO DA FIRMA F. FERNANDES & COSTA LDA.

Passa hoje mais um aniversário da firma F. Fernandes & Costa, Lda., organização de compra, venda e hipotecas de propriedades.

Para assinalar a efeméride, a gerência, a que preside o sr. José da Silva Costa, promoveu um almoço de confraternização no Hotel Sol e Mar, de S. Pedro de Muel, onde estiveram presentes os funcionários e colaboradores da empresa, assim como entidades convidadas.

Aos brindes, alguns oradores salientaram que o progresso verificado e a obra já realizada só foi possível com a colaboração eficiente de todos, aliada á confiança dos clientes e amigos da firma.

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

O 20.º aniversário da Junta de Freguesia da Costa da Caparica

Da Junta de Freguesia da Costa da Caparica recebemos esta nota:

«Atendendo que o momento actual não é propício a grandes festividades, a Junta de Freguesia da Costa da Caparica informa as pessoas que receberam convites para as cerimónias do próximo dia 4 de Janeiro que o almoço a que se refere o programa comemorativo do 20.º aniversário da criação da Junta de Freguesia e do jornal «Praia do Sol», se limita apenas ás entidades oficiais, Imprensa, Rádo e TV, para quem a Comissão Municipal de Turismo enviou convite especial».

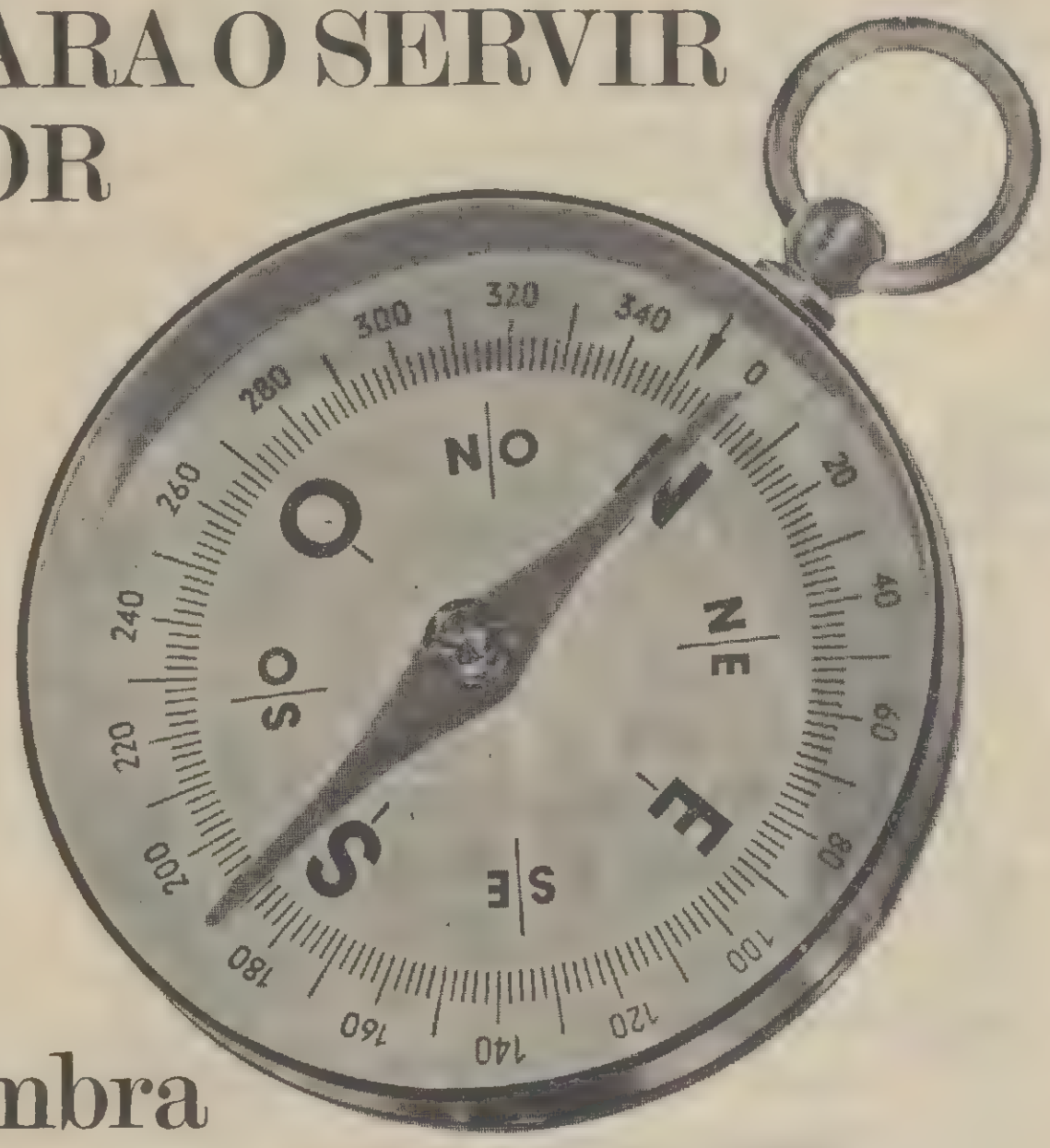
O
MORRIS
COOPER «S»
CAMPEÃO NACIONAL
(AGRUPAMENTO DE TURISMO)

CAMPEONATO NACIONAL DE RALLIES
CAMPEÃO NO AGRUPAMENTO TURISMO
ENG. HEITOR DE MORAIS
EM MORRIS COOPER «S»
PELAS INÚMERAS VITÓRIAS ALCANÇADAS DURANTE O ANO, E GRAÇAS ÀS SUAS EXCEPCIONAIS QUALIDADES TÉCNICAS O MORRIS COOPER «S» É MAIS UMA VEZ CAMPEÃO NACIONAL!

A. M. ALMEIDA, S.A.R.L:
Lisboa — Av. da Liberdade, 11/Av. 5 de Outubro, 168
R. da Escola Politécnica, 39
Porto — Rua Sá da Bandeira, 501

CUF - S.P.P. | TA3

NO CAMINHO PARA O SERVIR MELHOR



em Coimbra

A agência na Rua da Sofia, 52 (novas instalações) **a partir do dia 3 de Janeiro ao seu dispor para todas as transacções bancárias.**

BANCO
TOTTA-ALIANÇA
UM BANCO NOVO COM MAIS DE CEM ANOS DE EXPERIÊNCIA

DESCERRADO UM BUSTO DO DR. JOSÉ RIBEIRO ESPÍRITO SANTO SILVA

A memória do sr. dr. José Ribeiro do Espírito Santo Silva, antigo presidente do conselho de administração da instituição bancária que ostenta o seu nome, ficou, desde hoje, perpetuada num busto oferecido pelos seus antigos empregados para figurar no 2.º andar da sede. O busto, da autoria do prof. Joaquim Valente, foi esta manhã descerrado, na presença da viuva, dos filhos e de numerosos familiares do falecido banqueiro.

A anteceder o descerramento, usaram da palavra os srs. Luís Vilela, gerente da sede e dr. Manuel Ribeiro Espírito Santo Silva, presidente do conselho de administração do banco, e, ainda, a sr.ª D. Vera Espírito Santo Silva, viuva do homenageado. Descerrou o busto uma das suas filhas.

A' mesma hora, em Paris, onde se encontra sepultado o sr. dr. José Ribeiro Espírito Santo Silva, era deposto um ramo de flores na sua sepultura.

Quem encontrou uma pulseira de ouro?

O ano começou muito mal para o vendedor de jornais Manuel Pereira dos Santos que, ontem, perdeu uma pulseira de ouro, na Rua da Palma, junto á dependência do Banco Português do Atlantico. Para cumulo do azar, a pulseira nem sequer lhe pertencia: era de um filho que está a cumprir servico militar na Guiné

Pede-se, por isso, a quem, porventura, a tenha encontrado que o comunique para a Travessa do Arco da Graça 3, 4.º ou pelo telefone 381339.

O MINISTRO DO ULTRAMAR VAI A ANGOLA

O ministro do Ultramar desloca-se a Angola, para onde parte na noite do próximo domingo, em visita de trabalho de cerca de duas semanas.

NATAL DA SIEMENS

Mais uma vez, e á semelhança dos anos anteriores, a direcção da Siemens — Companhia de Electricidade, SARL, e da sua associada Motra — Equipamentos Eléctricos, SARL., decidiu estar presente no Natal dos filhos dos seus colaboradores, mediante a oferta de brinquedos.

Assim, em Lisboa, Sabugo e Porto, foram distribuídos presentes a um total de 350 crianças.

AGREDIRAM-SE COM FÚRIA MAS A NAVALHA NÃO FOI UTILIZADA

Foi esta noite pelas 2 e tal. Os srs. António Correia Meirinhos, de 45 anos, viuvo, fiel da Companhia Nacional de Navegação, residente na Calçada do Carrascal, 22, pátio, e Julio Maria, de 32 anos, solteiro, e servente de pedreiro, morador na Calçada da Picheleira, Vila Martins lote 40, envolveram-se em luta assanhada, ao soco e a pontapé.

Daí advieram para ambos ferimentos no rosto e contusões várias pelo corpo.

O caso deu-se na Rua Frei Fortunato de São Boaventura, onde os dois foram capturados por um guarda da P. S. P., do posto de Chelas.

O segundo acusou o primeiro de lhe ter furtado a importancia de 400$00, o que este negou terminantemente. Revistado naquele posto não lhe foi encontrada tal importancia. Ambos se recusaram a receber tratamento e ao serem revistados, foi encontrada a um uma navalha que não foi utilizada na refrega.

O recenseamento eleitoral que hoje começou deverá despertar muito interesse

Começam hoje, prolongando-se até ao dia 15 de Março, as operações do recenseamento dos eleitores da Assembleia Nacional que várias circunstancias levarão, este ano, a revestir-se de novo significado. Nos termos da Lei n.º 2137, de 23 do mês passado, passam a ser eleitores todos os cidadãos portugueses maiores ou emancipados, que saibam ler e escrever português e não estejam abrangidos por qualquer das incapacidades previstas na lei e ainda os que, não sabendo ler nem escrever português, tenham já sido recenseados alguma vez ao abrigo da Lei n.º 2015, de 28 de Maio de 1946, desde que satisfaçam as exigências então fixadas.

Um novo motivo de interesse no recenseamento eleitoral que hoje começa reside no alargamento do direito de voto ás mulheres, em pé de igualdade com os homens.

Tudo isto e o ambiente político em que o País vive actualmente levam a prever que o recenseamento deste ano desperte um interesse bem maior do que é habitual. Espera-se, assim que muitas pessoas corram a inscrever-se.

A inscrição no recenseamento pode fazer-se por requerimento ou por nota oficiosa. Esta é da iniciativa da comissão recenseadora do concelho ou do bairro administrativo. O requerimento está ao alcance de toda a gente e deverá ser feito em duplicado em papel de 25 linhas e entregue na comissão recenseadora da Junta de Freguesia.

Se souber ler e escrever, pode fazer prova disso preenchendo e lendo o requerimento junto daquela comissão ou através de reconhecimento notarial, que é gratuito. Se for analfabeto, deve mandar preencher o requerimento e reconhecer no notário.

Em ambos os casos, convem que o requerimento seja feito em duplicado: a Comissão Recenseadora deverá declarar no duplicado que recebeu o original.

Entre os que não podem ser inscritos no recenseamento, contam-se os que «professem ideias contrárias à existência de Portugal como Estado independente e à disciplina social» e «os que notòriamente careçam de idoneidade moral»

De qualquer modo, espera-se que comecem mesmo hoje as operações: ao fim da tarde ou logo à noite, em virtude dos horários vigentes nas Juntas de Freguesia.

Necrologia

FUNERAIS

António Augusto Estrela

Da sua residência para o cemitério da Ajuda sai hoje o funeral do sr. António Augusto Estrela, de 54 anos, proprietário, natural de freguesia do Beco (Ferreira do Zêzere). Os serviços funebres estiveram a cargo da Antiga Agência Ennes Costa, Lda., da Rua Eduardo Coelho.

SUFRÁGIOS

Luís Filipe de Melo Barreto

Celebra-se amanhã, na igreja do Santo Condestável, ás 18 e 30, missa de 30.º dia por alma de Luís Filipe de Melo Barreto.

Mala num táxi

Ao motorista que, no dia 31, pelas 16 e 30, fez um serviço de táxi de Alcantara á Rua Possidónio da Silva, pede-se o favor de entregar a mala de senhora que ficou no carro a Alberto Ferreira, neste jornal.

O ESTATUTO DA CAIXA DE PREVIDÊNCIA E ABONO DE FAMÍLIA DOS JORNALISTAS

Entrou ontem em vigor o estatuto da Caixa de Previdência e Abono de Família dos Jornalistas que, por alvará do ministro das Corporações, havia sido aprovado em 23 de Setembro, visando substituir a Caixa de Reformas dos Jornalistas.

Entre as consequências mais significativas para os jornalistas, trazidas pela nova Caixa, figuram a possibilidade de reforma aos 65 anos (até agora, 70), subsídios de maternidade abono de família, bem como pensão de sobrevivência (nos termos gerais da Caixa Nacional de Pensões). A reforma passa a ser calculada até ao vencimento mensal de 10 contos (e não de cinco como até aqui) e assegura-se que os demais benefícios em nada são diminuídos, particularmente no que respeita a assistência médica e medicamentosa. Entretanto, em virtude da dificuldade do estabelecimento de horários antecipados para os jornalistas, estuda-se a possibilidade de instituição de uma nova modalidade da assistência médica

Um documento de cineastas

Para efeito de publicação, recebemos o seguinte documento:

«Os abaixo assinados, tendo tido conhecimento de que em laboratórios portugueses se está procedendo a modificações (que podem redundar em mutilações) na estrutura da curta-metragem «A Desgarrada», realizada pelo seu colega Manuel Ruas e sem que este tenha dado para tanto o seu (indispensável) consentimento, não podem deixar de vir repudiar publicamente tal atentado, cometido pelo respectivo produtor — secundado por técnicos e entidades cuja atitude os signatários igualmente repudiam — aos direitos morais do autor do filme, manifestando ao seu colega a mais completa e viva solidariedade, esperando que outros produtores não pensem em seguir este degradante exemplo.»

Assinam os cineastas e técnicos srs.: Jorge Brun do Canto, José da Fonseca Costa, António Pedro Vasconcelos, Paulo Rocha, António de Macedo, Artur Ramos, Faria de Almeida, Fernando Lopes, Fernando Matos Silva, Alberto Seixas Santos, António Escudeiro, Ernesto de Oliveira, Edgar Gonçalves Preto, Constantino Esteves Luís Couto, Moedas Miguel, Elso Roque, Ernesto de Sousa e Costa e Silva.

VIDA POLÍTICA

PRESIDENTE DO CONSELHO

O Presidente do Conselho trabalhou hoje com o ministro do Ultramar.

● Ministério das Obras Públicas

O ministro das Obras Públicas recebeu hoje o governador civil de Lisboa, dr. Afonso Marchueta; e o subsecretário de Estado das Obras Públicas teve uma sessão de trabalho com o dr. Rui Pestana, presidente do Grupo de Trabalho da Política de Solos, e recebeu o dr. Mário Coelho, presidente do Grémio Nacional dos Industriais de Mármores, o eng.º Galhardo Coelho, da M. A. G. U. E., e o eng.º Gasparinho Correia, da Sanford Research Institute.

Atirou-se da janela

Chegou já morto ao Hospital de S. José, por se ter atirado da janela da sua residência (à Travessa do Terreiro do Trigo, 3, 2.º) à rua, o sr. Américo Dias Pessegueiro, de 66 anos, aposentado da C. M. L.

TEATRO
SA DA BANDEIRA
TELEF. 23595
VASCO MORGADO apresenta todas as noites ás 21 e 45: sábados e domingos ás 16—20 e 45—e 23 h.
«LISBOA É SEMPRE MULHER»
com Camilo - Florbela - C. Coelho e as atracções Aida Pinto - Paulo Jorge - Vum-Vum
Um «ballet» de 25 figuras
(Adultos)

Bolsa de Lisboa

FUNDOS DO ESTADO	Efec	Compra	Vende
Consolidado 3 4%	—	525$	—
Consolidado 3%	550$	540$	550$
Consolidado 3 1/2%	—	—	—
Centenários 4%	—	480$	1.490$
Obrig. Tesouro 5%	010$	.008$	1.010$
Externo 1.ª Série	685$	680$	700$
Externo 1.ª Série c	—	795$	820$
Externo 3.ª Série	—	700$	790$
Externo 3.ª Série c	—	800$	950$
Cautelas 3.ª Série	—	185$	200$

OBRIGAÇÕES	Efec	Compra	Vende
Águas Lisboa 5%	—	465$	—
A P L 5% 56	950$	945$	—
A P L 5% 58	950$	945$	960$
A P L 4 1/2% 65	—	905$	—
C P 5 1/2% 67	—	018$	.035$
C U F 6%	—	999$	1.000$
C U F 6% 68	—	015$	025$
Gás Elect. 4% 48	—	840$	—
Gás Elect. 4 1/2% 51	—	860$	—
Gás Elect. 5% 54	—	905$	915$
Gás Elect. 5% 58	—	900$	—
Gás Elect. 5% 59	—	900$	—
Gás Elect. 5% 62	—	931$	—
Gás Elect. 5% 63	—	905$	—
Gás Elect. 5% 65	—	905$	—
Gás Elect. 5% 67	—	1.019$	1.020$
H E A Alentejo 5%	—	820$	—
H E Cávado 5%	—	—	—
H E Cávado 5%	—	975$	.000$
H E Douro 5%	—	825$	840$
H E Douro 6%	—	—	—
H E Norte Port 5%	—	—	—
H E S Estrela 6%	—	975$	—
H E Zêzere 5% 55	—	825$	—
H E Zêzere 5% 57	—	825$	—
Lisnave 6%	—	995$	1.000$
Metropolitano 4%	—	—	—
Metropolitano 5 3/4%	1.020$	—	—
Moçambique 5%	—	—	—
Nac Electr 5%	840$	835$	845$
Nitratos 5%	—	—	—
Nitratos 5% 60	—	—	—
Petroquímica 5%	—	860$	—
Port Celul 5%	—	—	—
Sacor 5% 54	—	—	—
Sacor 5% 60	—	900$	—
Siderurgia 5% 2.ª	—	820$	—
Siderurgia 5% 3.ª	—	820$	—
Siderurgia 5% 4.ª	—	820$	—
Sonefe 5%	—	805$	—
T A P 4%	—	—	—
Termoelect Port 5%	—	—	—
U E P 3 3/4%	—	82$	—
U E P 4%	—	82$	—
U E P 4 1/2%	—	—	—
U E P 5%	—	82$	83$5
U E P 5% 60	—	—	830$
U E P 5% 63	—	—	—

ACÇÕES

Bancos	Efec	Compra	Vende
Agricultura	995$	990$	995$
Alentejo	635$	630$	640$
Angola	1.650$	1.640$	1.660$
Burnay	—	—	—
Créd Predial	—	1.900$	1.930$
E Santo	—	13.800$	13.850$
E Santo n	—	—	—
Fonsecas S p	—	—	13.300$
L G Açores p	—	3.920$	3.950$
L G Açores n	—	—	—
P Atlântico p	—	—	6.000$
Portugal n	—	2.350$	—
Portugal p	—	2.685$	2.750$
Totta Aliança	—	4.600$	4.750$
Ultramarino n	1.67[illegible]$	1.670$	1.675$
Ultramarino p	—	1.851$	1.860$

Seguros	Efec	Compra	Vende
Alentejo	—	—	—
Douro	—	—	980$
Mundial	420$	420$	450$
Sagres	—	—	—
Tranquilidade	—	40.000$	45.000$
Ultramarino	—	8.500$	—

Ultramarinas	Efec	Compra	Vende
Açúcar de Angola	—	750$	780$
Ag Cassequel	—	580$	590$
Ag Incomat.	—	—	—
Ag Neves	190$	185$	195$
Ag S Tomé e Principe	—	215$	220$
Boror	—	120$	—
Buz.	—	62$	—
Cabinda	134$	132$	135$

Ultramarinas	Efec	Compra	Vende
Diamantes Angola	1.245$	.245$	.247$
H E Revué	—	600$	620$
Ilha do Principe	—	720$	800$
Moçambique	—	69$	75$
Sonefe n	—	—	—
Sonefe p	320$	318$	320$
Zambézia	—	44$	45$

C.ª Diversas	Efec	Compra	Vende
Cidla	7.000$	6.950$	7.050$
Cim Leiria	—	—	[illegible]800$
Cim Tejo	—	3.400$	3.600$
Col Navegação	—	65[illegible]$	700$
C U F	—	[illegible]	—
Ind Aliança	—	[illegible]	750$
Nac Navegação	—	[illegible]	[illegible]
Petroquímica	—		[illegible]
Port e Colónias	—	—	—
Port Celulose	3.200$	[illegible]	
Port Pesca	—	[illegible]	[illegible]
Port Tabacos	—	[illegible]	[illegible]
Sacor	—	—	[illegible]
Siderurgia Nac	1.180$	[illegible]	[illegible]
Soc[illegible]	—	[illegible]	[illegible]
Tabacos de Portugal	—	950$	960$
Tabaqueira	—	—	[illegible]
U F Azoto	—	70[illegible]$	[illegible]

Água Electr e Gás	Efec	Compra	Vende
Águas Lisboa o	—	390$	420$
Águas Lisboa 34	—	400$	[illegible]
Águas Lisboa 36	—	390$	—
Eléct Beiras	—	500$	530$
Gás Electr	388$	387$	388$
H E Alto Alentejo	154$	154$	54,5
H E Cávado	1.245$	.240$	245$
H E Douro	1.208$	208$	209$
H E Norte Portugal	—	—	320$
H E S Estrela	—	—	—
H E Zêzere	—	1.280$	290$
Nac Electricidade	—	1.290$	.300$
Termoeléctr Port	—	—	360$
J E P	—	190$	—

FUNDOS DE INVESTIMENTO	Efec	Compra	Vende
F I Atlântico	—	155$3	160$
F I D E S	—	104$6	0[illegible]$7

ÍNDICE BORGES & IRMÃO

COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base: Dez. 65=100)

	26/12/68	31/12/68	2/1/69
GERAL	109,1	109,4	109,5
METROP	107,7	107,9	108,0
ULTRAM.	119,7	120,3	120,2

PAISES	Compras	Vendas
Africa do Sul — Rand	36$00	38$50
América:		
Dollar de 1 e 2	28$20	28$60
Dollar de 5 a 1000	28$40	28$80
Canadá — Dollar	26$30	26$80
Alemanha — Marco	7$10	7$30
Austria — Shilling	1$08	1$15
Brasil — Cruzeiro Novo	6$00	8$00
Espanha — Peseta	$39,8	$4[illegible]
Holanda — Florim	7$80	8$05
Inglaterra — Libra	67$00	69$50
Itália — Lira	$04,5	$04,7
Marrocos — Dirham	4$75	5$25
Bélgica — Franco	$53,5	$56,5
França — Franco	5$30	5$80
Suíça — Franco	6$58	6$78
Dinamarca — Coroa	3$65	4$00
Noruega — Coroa	3$80	4$10
Suécia — Coroa	5$40	5$70
Ouro:		
Inglaterra — Libra	315$00	330$00
Inglaterra — 1/2 libra	240$00	260$00
Ouro Fino — Barra	38$30	39$80

J. BURNAY, L.DA Notas estrangeiras Papéis de crédito
RUA DO OURO 78 Tel. 321273

Teve morte trágica na primeira hora do ano novo um guarda da P. S. P. (que ia para casa após o serviço)

LEIRIA, 2 — O sr. José da Cunha, de 49 anos, guarda da P. S. P. estivera de serviço na passagem do ano; e, livre uma hora depois, apressou-se a regressar a casa, em Sobral, freguesia de Barreira, utilizando, como de costume, a sua bicicleta motorizada, ansioso por se desenregelar do frio que o atormentava.

Transposto já o sítio de Cruz da Areia, junto do quartel do Regimento de Infantaria n.º 7, com a estrada iluminada, o que lhe facilitava, de certo modo, a condução a uma hora em que parecia não haver alguém por ali, aconteceu, porém, que, faltando-lhe a luz da iluminação publica, e devido, talvez, ao frio, foi de encontro ao transeunte com o qual não contava

Caíram ambos, maninados, e ali continuariam pela noite dentro se uma das sentinelas no extremo daquele quartel não houvesse notado qualquer coisa de anormal que lhe chamou a atenção Do seu posto, deu o alarme e o oficial de serviço mandou indagar do que se passava, providenciando, depois, para que os feridos fossem transportados ao hospital desta cidade.

O peão ferido, era, por sinal, soldado da mesma unidade José Laranjeira da Silva, de 22 anos, solteiro, natural de Chavão, Barcelos.

O médico de serviço naquele estabelecimento hospitalar, sr. dr. José Lopes dos Santos Fael, a quem, também, coubera a Noite de Natal — e qual delas mais acidentada prestou assistência aos feridos. O polícia, que sofreram fractura do cranio, faleceu horas depois: e o soldado, que ali recebera os primeiros socorros, foi transferido para o Hospital Militar de Coimbra.

O infeliz agente da P S P era casado com a s.ª Maria do Carmo Cunha e deixa dois filhos menores.

Em três desastres na estrada internacional na fronteira minhota houve um morto e cinco feridos (três espanhóis)

VIANA DO CASTELO, 2. — Na estrada internacional Viana-Valença, ocorreram três acidentes de viação, um dos quais mortal De motorizi-la seguia o sr Adelino Joaquim Valente, de 47 anos, casado, marítimo, que residia em Portela de Cima, nesta cidade, cujo veículo embateu num placa de sinalização Gravemente ferido, o motoretista foi levado ao hospital da Misericórdia, onde faleceu pouco depois de ali ter dado entrada.

Na mesma rodovia, um automóvel de matrícula espanhola foi enfaixar-se numa árvore, em consequência de uma das rodas se lhe ter desprendido. Do acidente resultou ficarem feridos os srs. Manuel Pinero Moreg, de 35 anos; Francisco Garcia Gastor, de 45, e D Carmen Cases Souselas, de 39, todos de Pontevedra Depois de tratados no hospital seguiram, de ambulancia, para Espanha

Sensivelmente no mesmo local, um automóvel no qual seguiam os srs. António Santos, de 23 anos, furriel miliciano, Rua General Luís Rego, e Francisco José S mas de 21, estudante, Rua D. Amélia Morais, ambos desta cidade, despistou-se e embateu num muro. Ficaram os dois feridos o primeiro com fractura das costelas e o segundo em estado de choque

Uma nova estrutura da administração dos C. T. T.

entre os projectos para este ano anunciados hoje pelo eng. Canto Moniz

O ministro das Comunicações, sr. eng Canto Moniz, recebeu hoje cumprimentos e desejos de Bom Ano por parte do pessoal do seu Ministério. Em nome dos funcionários falou o sr. eng. Vítor Veres, secretário-geral do Ministério das Comunicações

Agradeceu, depois, o sr eng. Canto Moniz que acrescentou alguns apontamentos sobre as realizações do Ministério no decorrer de 1969, «ano de muito trabalho» no tocante a tarefas previstas no programa do III Plano de Fomento

O ministro começou por destacar «o esforço que vai ser feito no sector das comunicações ferroviárias, quer quanto ao início da renovação, em ritmo acelerado, de 1500 quilómetros de via férrea, quer quanto á construção e aquisição de material circulante para os nossos caminhos-de-ferro» e anunciou o início de uma «reestruturação de administração do sector»

No sector das comunicações postais, telegráficas e telefónicas, o ministro Canto Moniz anunciou a realização de «uma grande e importante etapa, quer no tocante á melhoria dos serviços de comunicações nacionais — telefones, telex e radiocomunicações — quer nos serviços de comunicações internacionais, com a entrada em funcionamento de novos cabos submarinos que nos porão em comunicação telefónica directa com a África do Sul».

Prevê-se, ainda, para este ano, que seja possível concluir e fazer entrar em funcionamento uma nova estrutura da administração dos C. T. T

Actualização do Plano do Porto de Lisboa

Continuando, o sr eng.º Canto Moniz referiu-se ás comunicações aéreas

— «Estamos nos estudos para a definição de uma política aérea nacional, no âmbito deste Ministério, que compreende aspectos que dizem respeito a infra-estruturas — aeroportos e apoio á navegação — e que dizem respeito ao reforço da frota aérea, esta ultima parte em tão boa hora entregue e a cargo da transportadora nacional TAP»

Ainda dentro das preocupações do Ministério no que se refere á política do transporte aéreo e do fomento do gosto pela aviação o ministro Canto Moniz citou «a definição de uma política geral, de aeródromos no Continente e Ilhas Adjacentes, com uma particular referência ao início, em ritmo acelerado, do estudo do grande problema nacional que representa o futuro Aeroporto de Lisboa e dos seus aeródromos alternantes ou como alternantes

Em matéria portuária mais um passo vai ser dado com o prosseguimento dos trabalhos em vários portos e com uma actualização do Plano do Porto de Lisboa, desta vez com a adopção de uma óptica mais larga isto é, no âmbito regional que terá de considerar o complexo ou conjunto portuário constituído pelos Portos do Tejo e do Sado com todas as implicações que o Plano Director da Região de Lisboa enunciou»

Mais anunciou que em 1969 vai ser concluído o grande terminal petrolífero do porto de Leixões e que se espera ver aprovada uma actualização da estrutura administrativa dos portos do Douro e Leixões, «cujo estudo se encontra na fase de último retoque»

Reorganização do Ministério

Quanto aos transportes rodoviários, o sr eng.º Canto Moniz disse esperar ver concluídos «os trabalhos de actualização do Código da Estrada e do Regulamento dos Transportes em Automóveis» e «uma grande reestruturação dos Serviços de Transportes Terrestres e de P. V. T.»

Finalmente anunciou que «tudo se fará no sentido de ser possível em 1969 uma reorganização de todo o Ministério das Comunicações, por forma a que ele possa corresponder ao que o País dele necessita no tocante a planeamento coordenação e execução»

PORTUGAL AO FRIO

Pelo menos nas próximas 24 horas, ninguém nos tira este taró que há dias deu em visitar Portugal, disfarçado em massa de ar polar Na verdade o território continental, está ainda sob a influência daque a massa de ar, agora transportada na circulação de um anticiclone que às 7 horas locais se encontrava

TRÊS FERIDOS (PAI, MÃE E UMA FILHA) NUM ACIDENTE DE VIAÇÃO

Por ter derrapado, foi chocar com uma árvore perto de Grândola, um automóvel conduzido pelo sr Avelino do Rosário Henriques Cardoso, de 33 anos, empregado bancário, residente na Av. do Uruguai, lote 1344, 4.º, que se dirigia de Lisboa para Lagos

Tanto o condutor como sua mulher, sr.ª D. Maria Helena Cardoso, de 34 anos e uma filha do casal, Ana Maria, de 8 anos, ficaram muito feridos. Receberam os primeiros tratamentos no hospital de Grândola, sendo, depois, transportados numa ambulância dos bombeiros voluntários locais para o Hospital de São José onde ficaram internados

Um automóvel chocou com um muro

Ontem á noite, em Sobral de Monte Agraço, um automóvel despistou-se e foi chocar com um muro Do acidente resultou terem ficado feridos o sr. Florindo Silva de 53 anos, aposentado da P. S. P., que conduzia, sua mulher, sr.ª D. Maria da Silva Vieira, de 50 anos, e a sr.ª D. Aurora da Conceição Rodrigues Soromenho, de 56 anos, residentes na Rua do Benformoso, 284, r/c. Levados ao Hospital de São José, receberam tratamento, tendo o primeiro ficado hospitalizado muito contuso pelo corpo.

Atropelados

Recolheram ao Hospital de São José, por ter sido atropelados, Carlos Pereira Garrido, de 46 anos, residente na Av. Comandante António Feio, 123, r/c., em Almada; Elsa da Piedade Gomes, de 38 anos, residente em Porto de Muge (Cartaxo); João dos Santos Ramos, de 36 anos, residente no Casal do Privilégio, Póvoa de Santo Adrião; Maria da Conceição Lopes, de 23 anos, moradora na Rua David de Sousa, 13, r/c.

Esta manhã, foi também atropelado por um automóvel na Rua Barão de Sabrosa, um rapaz que apresenta 17 a 19 anos. Socorrido pelo «115», foi transportado ao Hospital de São José onde ficou em estado grave e sem fala.

Quatro feridos num acidente

Transferidos do hospital do Fundão, recolheram ao de São José, o sr. João Dias Proença, de 26 anos, escriturário, sua filha Alexandra Maria, de 18 meses, residentes na Avenida D. Nuno Alvares Pereira, 37, 4.º, esq.º, na Amadora, e seus primos, sr. José Canário Proença, de 34 anos e sua mulher sr.ª D. Maria Anunciação Dias Proença, de 34 anos, residentes na Rua Coelho da Rocha, 103, cave, os quais, há dias, foram vítimas do choque do automóvel em que viajavam, guiado pelo primeiro, com uma camioneta, em Castelo Novo.

As novas regras de trânsito

Entraram ontem em vigor as novas disposições legais sobre trânsito, que assumem especial relevo em matéria de prioridade — a qual passa a ser sempre para todos os veículos que se apresentem pela direita, mesmo que se trate de praças ou entroncamentos, e mudem de direcção. Não se pode dizer, porém, que as alterações agora introduzidas, apesar da sua importância, e de forma decisiva como vão influir no tráfego, se tenham notado muito ao nível do trânsito habitual

Entretanto, e como é natural, as opiniões divergem. Um motorista de táxi, com vinte anos de praça, disse-nos:

— *Acho que este novo regime é melhor: assim uma pessoa sabe sempre com o que conta, a lei em que vive. Da outra maneira, muitas vezes não se sabia se eram cruzamentos ou entroncamentos, e lá começavam as complicações. Além disso, quando eu tirei a carta, e nos primeiros anos que conduzi, já era assim; portanto, não me vai custar a habituar-me de novo a este regime.*

Já outro automobilista foi de opinião algo diversa:

— *Acabam, de facto, os casos «discutíveis», mas com prejuízo do tráfego. Doravante, uma pessoa não pode andar á vontade em quase nenhuns sítios. Vai-se numa avenida ampla e sem cruzamentos; mas há sempre umas artérias afluentes da direita, e lá se nos vai a prioridade... Quanto a colocar os eléctricos e outros veículos motorizados em pé de igualdade com os automóveis, estou de acordo.*

Ainda um terceiro automobilista disse que, de uma forma geral, não se notariam *de facto* grandes diferenças por que os que vêm da direita, quando em artérias de maior movimento, continuarão a usar de cautela O pior é — observamos — quando assim não aconteça e vier a dar-se um acidente ..

Um aspecto em que todos estão de acordo, e na estrada assume ainda maior relevo do que na cidade: impõe-se urgentemente a colocação de muitos milhares de placas de prioridade, que estabeleçam a existência desta, independentemente da regra geral, em tantos outros locais onde ela é indispensável

ANTÓNIO AUGUSTO ESTRELA

FALECEU

Seus irmãos, sobrinhos e cunhado, cumprem o doloroso dever de participar o seu falecimento e que o seu funeral se realizou hoje, da sua residência em Lisboa, Travessa da Peixeira, 33, para o cemitério da Ajuda.

ANTIGA AGÊNCIA ENNES COSTA, LDA.
Rua Eduardo Coelho, 76
Telef. 325300

AGORA É ASSIM...

FRIGORÍFICOS
130 L — 2150$
165 L — 2750$
200 L — 2950$

MÁQUINAS DE LAVAR SUPERAUTOMÁTICAS
3.990$

TELEVISORES COM U H F.
3.750$

E AINDA FAZEMOS TROCAS!!

CASA M. L. FERREIRA — Rua D. Estefânia, 48-1.º andar (ao Largo)

ECOS

A CRÓNICA, género jornalístico-literário que no Brasil tem conhecido o maior favor popular e alcançado grande brilho, com cultores do nível de um Rubem Braga, de uma Raquel de Queirós, de um Paulo Mendes Campos, para citar apenas três nomes de entre os muitos que há anos se afirmaram pela ironia, pelo poder de comunicação humaníssima, pela leveza e ternura na focagem do quotidiano, renasce em Portugal com uma nitidez e originalidade, que nos fazem pensar nos bons tempos de Eça, de Ramalho, de Fialho. Recentemente, o livro «O Homem na Cidade» e a sucessão de crónicas de Maria Judite de Carvalho, que nos honramos de contar entre os nossos redactores, vieram afirmar a revitalização do género entre nós, como testemunho de um saudável renovo do jornalismo de opinião. A objectividade não é incompatível com a subjectividade nem a informação com a visão crítica e polémica. Aliás, esta reflexão nasce precisamente do aparecimento de um livro —«Lisboa em Crónicas», de Orlando Neves —, que, num tom ora poético ora cáustico, nos oferece, adentro daquele movimento de reabilitação da crónica entre nós, a imagem viva, descomprometida, aguda, lírica e contundente da cidade em que vivemos, nos seus aspectos físicos, sociológicos, morais e intelectuais. (As crónicas foram publicadas no «Jornal do Fundão»): Mas que respiração saudável, maliciosa, civilizada!

*

AS recentes chuvadas, com a crueldade dos fenómenos naturais, alagaram casas e largos, nas ilhas de miséria, bem pouco conforme com os preceitos cristãos, que subsistem em Lisboa. Há um ano foi o grande horror, com as inundações de Novembro, que fizeram o mundo estremecer de pasmo e piedade. Foram as inundações que acordaram na juventude um ímpeto de fraternidade exemplar. E eis que, neste fim de Dezembro azul e glacial, são entregues pelo ministro das Corporações a 40 famílias vítimas dessas cheias brutais as primeiras habitações de um conjunto de 300 fogos.

Aplaude-se a iniciativa, naturalmente, mas seja-nos permitido, com toda a cordura, reclamar mais e mais depressa. Porque o cancro social desses bairros, dessas habitações incríveis e insalubres, que facilitaram a extensão da tragédia, persiste afrontosamente e em proporções que ofendem a sensibilidade de cristãos e agnósticos.

No momento histórico e maravilhoso do Natal no espaço vivido pelos astronautas americanos Lovell, Borman e Anders, quando se rasgam perspectivas novas aos destinos do homem, lembremo-nos, com exigência (e não com auto-satisfação pelo pouco que vamos fazendo) dos muitos deserdados que explam, na mais baixa condição e situação humanas, um crime que não cometeram, nem eles nem os seus filhos.

*

O BACALHAU, no Porto, pregou sinistras partidas aos que, nesta quadra natalícia, com ele se regalaram. Por comerem a tradicional «roupa velha» houve vários «tripeiros» de várias gerações que foram parar ao hospital. Não se ouvira, porém, falar em inquérito ou investigação a este respeito. Ora, se houve alimentos deteriorados, o caso justifica punição. Os mixordeiros e aqueles que desdenham da saúde pública deveriam prestar contas à justiça.

ZERO HORAS DE 1969

E SÃO SILVESTRE CHEGOU ATRASADO

AO COMBOIO DA BEIRA ALTA...

Mil novecentos e sessenta e nove nasceu agora mesmo; perto da Azambuja, num comboio vindo da Guarda para Lisboa. Nasceu com o deslizar cadenciado das rodas sobre os carris — sem grifarias, sem qualquer festa, sem o ritual das passas engolidas ao soar de cada uma das badaladas da meia-noite. E foi só ao 15.º minuto deste Janeiro que um quarteto de cegos veio trazer à carruagem cinzenta em que viajamos a animação que lhe faltou no instante em que as regras do calendário determinaram que um ano-menino estava nascido. São Silvestre havia marcado passagem para o comboio da Beira Alta, mas chegou atrasado...

Passar o ano a... dormir

Se fosse verdade aquilo que o povo diz sobre o que está reservado às pessoas no ano seguinte, consoante o que se faz na passagem do ano, grande parte dos passageiros do comboio 3012 passaria o ano de 1969 a... dormir. Vem quase vazio, o comboio, a fazer pouco da friagem da noite, com o calor que parece nascer por debaixo dos bancos. Com a fartura de lugares, há passageiros estendidos ao comprido, nos lugares, dormindo a sono solto. Qual meia-noite, qual passagem de ano, qual quê! O ano que aí vem será igual ao que está para morrer — que importa?

«Tanto faz»

De pé, junto do farnel embrulhado num saco de pano, vem o soldado Manuel Landeiro. Vinte e um anos embrulhados numa farda verde-azeitona, onde se destacam enormes distintivos de Caçadores.

— Sou do B. C. 6 (Castelo Branco) e vou à Trafaria a fazer uma visita aos meus.

É a primeira vez que «assiste» à passagem de ano num comboio, mas dos mais recentes fins de ano não guarda recordações mais festivas:

— Entrava o ano a trabalhar, recolhendo peixe na doca de Pedrouços. Não era melhor nem pior do que vir aqui: era o mesmo.

Não era obrigado a vir neste comboio, mas, segundo declarou, «tanto faz».

«A gente habitua-se»

Já o mesmo não acontece com o sr. Alegria Brás, de 52 anos, revisor da C. P., casado e pai de uma filha. Ossos do ofício, isto de fazer a passagem do ano a conferir bilhetes e a elaborar mapas do trabalho.

— Embora custe um pouco, a gente habitua-se. Daqui a bocado chegamos a Lisboa, e vou logo para casa, onde ainda se faz uma pequena festa. Toma-se qualquer coisa e vai-se para a cama. O ano passado, nesta data, estava em Badajoz, mas há dois anos, por acaso, calhou-me ficar em casa, tanto no Natal como no Ano Novo.

«É-me indiferente»

Outro soldado, Luís Fernandes Carrilho, 21 anos, há cinco meses nas fileiras, em Cavalaria 7, regressa da terra (Casteleiro), onde foi passar umas semanas de licença.

— Tenho família em Almada e em Lisboa. Não sei bem onde passo amanhã o dia. Quanto a esta noite não era necessário que a tivesse passado aqui, mas é-me indiferente. Sabe? A gente desabitua-se dessas coisas... E, além disso, tenho que me apresentar depois de amanhã, às oito horas, no quartel.

(Meia-noite em ponto. O repórter conversa com um passageiro do comboio. Três minutos antes, por ter o relógio adiantado, o fotógrafo ergueu o polegar em jeito de saudação e desejara-lhe um «bom ano». Pelas janelas chega a luz hesitante de uma povoação onde o comboio não se detém. E da máquina parece chegar um silvo — ou será imaginação, de tanto se ter imaginado umas «entradas» com festa?

«Já não temos ilusões»

— Nesta idade já não temos ilusões — diz-nos o sr. António Rocha, industrial de farmácia em Castelo Branco. *— Vou a Lisboa num pulo, visitar uns cunhados e regresso amanhã mesmo para cima.*

Pedimos-lhe que nos fale de outras passagens de ano gravadas na sua memória. Desfaz a concha que formou ao redor da orelha com a mão, para escutar, e suspira:

— De tão largos anos, a minha mocidade quase esqueci: tive uma vida de trabalho e sacrifício. Sou viúvo há muito tempo, bem vê que não tenho tido ocasião para festas...

A chegada a Lisboa do sr. José da Cruz Inácio, de 48 anos, vai ser, esta noite, uma surpresa na casa dos sogros, onde, além destes, a mãe, a mulher e os seus cinco filhos o não esperam já, sabidos os afazeres que o demoravam na Covilhã, onde é comerciante de lanifícios. Afinal, sempre se resolveu a vir de noite.

— E a primeira vez que passo este momento fora da família, mas que se há-de fazer?

O comboio acordou

Como ao princípio se disse, foi quase cumprido o primeiro quarto de hora de 1969 que o comboio se encheu de animação, com a chegada do quarteto «Mil Estrelas». Pela porta estreita da carruagem entraram, primeiro, os instrumentos — a bateria, os acordeões, as trompetes — e só depois, os músicos Bernardino Cruz, Luís Reis Gregório, Carlos Luís e António Pais de Oliveira. Ficam amontoados alguns instantes no cubículo da entrada, enquanto alguém procede à arrumação dos aparelhos mais pesados. Os donos dos olhos inúteis riem alto. E falam:

— Vamos lá para dentro, ou não? É melhor...

— Não falta nada?

— Eh! Rapazes, eu é que tenho que me sentar!...

O comboio arranca e já vai célere quando passa ao rés do lugar da ponte de Vila Franca. Os cegos instalam-se e há pedidos para uma tocata. Em breve os acordes de um «passo-doble» põe de pé os que seguiam sentados, e sentados, a esfregar os olhos, os que seguiam deitados. O comboio acordou. E quando os cegos guardam os instrumentos, executado que foi o «Those were the days», da Mary Hopkin, já ninguém dormia — e poucos minutos da chegada a Lisboa. Para muita gente, foi então que o ano começou...

O repórter, um passageiro e o comboio adormecido

O revisor: «Embora custe um pouco, a gente habitua-se»

A dormir no minuto zero. Irá passar o ano a sonhar — mesmo acordado?

LINHOS
BRANCOS E DE CÔR
CAMBRAIAS DE LINHO
HOLANDAS DE LINHO
LINHOS CRUS
PARA APLICAÇÃO
DE RENDAS
PARA BORDAR
A PONTO DE CRUZ
LINHOS PARA FATOS
ESTOPAS DE LINHO
TOALHAS DE LINHO
GUARDANAPOS DE LINHO
TOALHETES DE LINHO
LENÇOS DE LINHO
LINHO PARA ESTOFOS
O MAIOR SORTIDO DE LISBOA
CASA DE PANOS
R. DE S. JULIÃO-ESQUINA DA R. DOS FANQUEIROS

VIERAM COM O ANO NOVO AS TARIFAS MAIS ALTAS NOS ELÉCTRICOS E AUTOCARROS

Um encolher de ombros parece ter sido tudo o que fez o lisboeta quando o condutor da linha de eléctricos Prazeres-Rua da Conceição o informou: «Queira desculpar, agora para o Chiado são quinze tostões».

Assim entrou na história dos transportes colectivos da capital mais um aumento tarifário para eléctricos e autocarros. Vigora desde ontem, e com ele vai a Carris enfrentar uma série de encargos cuja amplitude tem sido sublinhada pela empresa em várias ocasiões. Desse ponto de vista, porém, já o Município discordou. Primeiro pela boca dos seus dois delegados à Comissão Arbitral de Tarifas, que votaram (vencidos) contra o aumento nos bilhetes de eléctrico; depois, em reunião publica, quando três vereadores se pronunciaram em desfavor desta política de reajustamentos por falta de dados seguros sobre a contabilidade ou incomportabilidade (para a empresa) dos novos encargos assumidos.

Nos eléctricos mantêm-se a tarifa de 1$00 para os percursos de 1 e 2 zonas, enquanto 3 ou mais zonas custam agora 1$50. Outros exemplos práticos do aumento: passaram para 1$50 trajectos como Poço Bispo-Praça do Comércio, Arco do Cego-Santos, Carmo-S. Sebastião, Cais do Sodré-Panificação, Chile-Sete Rios (e respectivas continuações).

Os carros para operários (ida e volta), com tarifa especial em sete carreiras, custam desde ontem 1$00 (1 ou 2 zonas) e 1$50 (3 a 6 zonas).

Duas zonas de autocarro custaram de 1$00 para 1$50, 3 zonas de 1$50 para 2$00, 4 zonas de 1$50 para 2$50, 5 e 6 zonas de 2$00 para 3$00, 7 e 8 zonas de 2$50 para 3$00. Manteve-se a tarifa de 3$00 nos percursos de 9 e 10 zonas, enquanto desceram para 3$00 os de 11, 12, 13 e 14 zonas. Passageiros queixam-se de que o esquema — por agora — se presta a certa confusão.

Nas carreiras n.os 16 (Cais do Sodré-Martim Moniz), 30 (Praça do Comércio-Restauradores) e 37 (Rossio-Castelo) ficou tudo na mesma: a única zona do percurso não deu origem a qualquer alteração de tarifa. Mas nos trajectos Campo de Ourique-Marquês de Pombal (9) ou Serafina-Icaniars (20) a subita transformação da cor dos bilhetes de rosa para azul, intrigou muita gente.

«Olha, é o aumento!» Aumento esse mais sensível, por exemplo, dos Restauradores ao Largo Frei Heitor Pinto (21) ou do Chile ao Lumiar (7), onde as 4 zonas passaram de 1$50 a 2$50.

Pautas de cartão com a indicação das carreiras e zonas são a «cábula» fornecida aos condutores neste período de mudança. Também eles, por vezes, não estão bem certos... Mas sorriem aos utentes quando estes perguntam: «Aumentou, não aumentou?» «Pois aumentou. São três zonas...»

A TRADIÇÃO DA OURIVESARIA NACIONAL É DE PROBIDADE E DE COMPETÊNCIA
A
Ourivesaria da GUIA
FUNDADA EM 1880
EM QUASE CEM ANOS DE EXISTÊNCIA AJUDOU A CONSTRUIR E A MANTER ESTA TRADIÇÃO
RUA D. DUARTE 4-B
(Edifício do Hotel Mundial)

CHOCOLATES TAGIDES
BARREIRO - LISBOA - QUELUZ

Torre de Babel

por João Medina

UMA DOENÇA SALUTAR

Vários deputados de alguns países parlamenteiros reuniram-se há tempos na «Maison de l'Europe» em Strasbourg, a dois passos da minha torre, para ali confeccionarem umas frasezinhas selectas sobre os problemas da juventude. Uma vez sonolentos e reunidos numa sala, cada qual debitou do alto da tribuna os habituais acacianismos, lugares comuns, idéias feitas e truísmos que formam o fundo da chamada Sabedoria das Nações ou, se preferirem, da Internacional da Baboseira, já que, como o disse Clemente XV, «os homens assemelham-se mais pela tolice do que pela sapiência».

Ia a bela cerimónia a meio, no seu pacatíssimo e tão fútil desenrolar, quando chegou a alura do deputado turco. E quando o dito oriental se preparava para dizer em urco as mesmas ninharias sobre o problema da juventude no mundo, um grupo de estudanes estrasburgueses, até ali discretamente presente no hemiciclo, decidiu passar à acção, fazendo ouvir a voz dos jovens num debate que lhes era, afinal, dedicado.

Ia pois o turco abrir a boca para pronunciar uns fonemas turcos quando, do alto da tribuna reservado ao público, se ergueu um clamor de vozes jovens e, como que a reforçar a heterodoxia da intervenção, logo um friso de bandeirolas floriu nas bancadas.

O turco suspendeu a sábia discursata turca, os deputados agitaram-se pela sala como um bando de perdizes sob a mira do caçador, os contínuos entreolharam-se aflitos e correram em todas as direcções e só o conspícuo Sir Geoffrey de Freitas, presidente do conselho da Europa teve o bom senso bastante para declarar aos contestadores que se punha à disposição deles para os incluir num debate a realizar num local e numa data a combinar imediatamente. Sábio Sir Geoffrey! Prudente, avisado Sir Geoffrey! Não, não foi em vão que bebeste o primeiro leite e o primeiro colostro na ilha que deu aos teus — e ao mundo — a Magna Charta e o Bill of Rights! Efectivamente, tocados pela oferta espontânea do deputado inglês, os estudantes guardaram as bandeirolas, cessaram os gritos e desceram do galinheiro para parlamentar com o subtil Sir Geoffrey, ficando logo ali combinada uma mesa redonda sobre a questão da juventude, com a presença de deputados holandeses, alemães, italianos e belgas, nessa mesma noite, às nove horas, sala 301. Dito isto, Sir Geoffrey levou os visitantes até à porta, disse-lhes um «Até já» amável e fez acenos cordiais com a mão.

Sim, o subtilíssimo Sir Geoffrey não ignora aquele postulado euclidiano da história: os homens só recorrem à irracionalidade da força e da violência quando lhes falta por completo a racionalidade do diálogo.

Antes estes ardores da mocidade do que o frio, a rigidez e o cinzento hepático dos mortos fatais. Se nos fosse dado escolher a doença da nossa preferência, creio bem que havíamos de optar sem delongas por essa «doença salutar» que é a juventude. Antes uma doença «sádia» do que uma saúde «malsã...».

Strasbourg, Janeiro de 1969.

40 ESCUDOS = 1.500 CONTOS

De despertar a ambição aos mais avarentos...

As dez fracções do bilhete que vier a ser recompensado com a primeira «taluda» do ano serão premiadas com 1.500 contos cada uma. Se dissermos que essas fracções estão a ser vendidas a quarenta escudos, explica-se assim o interesse que tem despertado no País o sorteio dos Reis, pois é a lotaria que até hoje pagará maiores dividendos — 37 500 vezes o custo dos títulos!

Sucederá, como no Natal e Fim do Ano, que a sorte grande seja repartida entre muitos ou, desta vez, ficará inteirinha em poder dos que se tentam no bilhete inteiro? — Que, quinze milhões, em troca de quatro notas de cem, é de despertar a ambição até aos mais avarentos...

Para esta lotaria de cunho tão tradicional caprichou a Misericórdia de Lisboa em criar um plano de prémios de montante elevadíssimo (23 400 contos) repartido entre 13 913 bilhetes a designar no sorteio do próximo sábado, ás 19 horas e 30 minutos. Além da «taluda», serão extraídos os numeros do 2.º prémio (1500 contos) e do 3.º (250 contos) e ainda doze prémios de 40 contos. Em prémios de terminação, aproximações, centenas e grupos de algarismos finais serão aplicados mais de seis milhões de escudos.

Contudo e, incontestàvelmente para além dos méritos próprios que ofereçam os novos planos de sortes, a meteórica progressão dos valores atingidos nos ultimos anos deve-se — é justo acentuá-lo — ao interesse do grande publico pela Lotaria Nacional que, em quase dois séculos de existência, tem repartido infindáveis riquezas, quase não havendo ninguém que não conheça um ou outro caso em que a sorte bafejou com a sua cornucópia doirada, aqueles que dela muito esperavam. Em torno da «taluda» criou-se todo um complexo de lendas e historietas; autênticas umas outras, fruto de imaginações férteis. Mas é esse o lastro em que assenta boa parte da popularidade das lotarias. Esse, e o saber-se que os lucros vão inteirinhos para obras de Assistência Publica.

O sorteio de sábado

Irá a «taluda» de sábado criar história? — Quem o poderá dizer nesta altura?

O sorteio inicia-se, como dissemos, ás 19 horas e 30 minutos. Serão utilizadas as grandes esferas de origem francesa que a Santa Casa adquiriu há três anos, e que são idênticas ás das maiores lotarias do mundo. As bolas são de borracha, com numeros de grandes dimensões que permitem a sua leitura por toda a assistência. Está assegurada a transmissão radiofónica dos actos da extracção dos prémios, como usualmente.

Quem serão os «reis» da sorte, nesta lotaria de Reis?

IMPRENSA

«O Século Ilustrado»

Celebrou o seu 32.º aniversário «O Século Ilustrado», semanário de actualidades de larga expansão, editado pelo nosso prezado colega «O Século», que tem como director o jornalista dr. Francisco Mata, a quem apresentamos, e aos seus colaboradores, as nossas felicitações cordiais.

«Democracia do Sul»

O nosso prezado colega ebornense «Democracia do Sul», dirigido pelo sr. dr. João Leitão da Silva, comemorou o 67.º aniversário da sua publicação. Ao director e aos que ali trabalham os nossos cumprimentos.

«A Comarca de Arganil»

Completou 68 anos de publicação o nosso prezado colega «A Comarca de Arganil», que tem como director o sr. João Castanheira Nunes, a quem felicitamos, e aos seus colaboradores.

POR FAVOR!
NÃO ESQUEÇA
NÃO CONFUNDA
A GRANDE OURIVESARIA DA MODA é na RUA DA PRATA, 257, com mais de meio século de existência.

JÓIAS
Antigas e modernas. Compra cobrindo todas as ofertas
OURIVESARIA PIMENTA
Rua Augusta, 253

Actualidade internacional

MULTIPLICAM-SE OS INCIDENTES NAS FRONTEIRAS ISRAELITAS

TEL-AVIV, 2 — (F. P.) — No espaço de vinte e quatro horas registaram-se onze incidentes nas fronteiras de Israel, no decorrer dos quais morreram seis israelitas: três civis e três militares.

Na fronteira libanesa os comandos usaram pela primeira vez, foguetões «katyoucha» — uma arma que não estava anteriormente ao serviço dos Exércitos libanês e jordano.

No Sinai, três soldados foram mortos pela explosão de uma mina. Há semanas que não havia um incidente nesta região.

Os observadores israelitas precisam que este recrudescimento de incidentes testemunha a vontade árabe de ripostar, depois do «raid» israelita ao aeroporto de Beirute, e a convicção dos comandos palestinianos de que os israelitas, após da condenação do Conselho de Segurança não reagirão.

As implicações da condenação pelo Conselho de Segurança, em particular no que respeita ás futuras relações com os Estados Unidos, foram objecto de um exame no decorrer de uma reunião extraordinária do Conselho de Ministros israelita, que teve a participação do embaixador de Israel nos Estados Unidos general Itzhak Rabin

VIOLAÇÃO DO ESPAÇO AÉREO POR ISRAEL

AMMAN, 2 — (R.) — Helicópteros e aviões israelitas violaram ontem o espaço aéreo da Jordânia pela segunda vez em 24 horas, segundo um informador militar jordano

O informador disse que dois helicópteros escoltados por um caça entraram no espaço aéreo da Jordânia ás 10 e 50 e abriram fogo de metralhadora sobre forças jordanas na região de Ghrandal ao sul do Mar Morto ao mesmo tempo que outros dois caças israelitas sobrevoavam uma região próxima.

O fogo anti-aéreo jordano forçou os aviões israelitas a baterem em retirada.

Anteontem, na mesma região de Ghrandal um veículo das forças de segurança jordanas foi atacado por três helicópteros israelitas tendo morrido três dos seus ocupantes e ficado feridos os outros dois, incluindo um tenente

Entretanto, a Jordânia convocou ontem, para prestarem serviço militar, todos os mancebos nascidos em 1951

Os novos recrutas servirão durante dois anos nas Forças Armadas jordanas ao abrigo da lei de serviço militar obrigatório que entrou em vigor em 1967 após a guerra israelo-árabe. Os jordanos nascidos entre 1945 e 1950 tinham já sido chamados ás fileiras o ano passado.

ESMAGADA UMA REDE DE «COMANDOS» ÁRABES

JERUSALÉM, 2 — (A. N. I.) — As forças de segurança israelitas anunciam que esmagaram uma rede de «comandos» árabes que operava na área de Gaza e que fizeram 58 prisões.

De acordo com o comunicado israelita vinte e oito dos indivíduos presos confessaram que haviam participado em operações de «comandos», para as quais a maior parte havia recebido treino na Jordânia.

Armas pesadas e ligeiras e explosivos foram capturadas nesta operação.

Lulu e Maurice Gibb depois de terem anunciado o seu noivado. A célebre cantora de «To Sir with Love», de 20 anos, conheceu Maurice, de 19 anos, num programa de Televisão da B.B.C. Segundo declararam aos seus «fans» projectam casar-se ainda este ano. Maurice faz parte do conjunto musical «Bee Gees». Lulu, por sua vez, será a representante da Grã-Bretanha no próximo Festival da Eurovisão a organizar pela Espanha.

Ignorando estar grávida deu à luz uma rapariga

NOVA YORK, 2 — (R.) — Uma mulher, que nunca soube que se encontrava grávida, deu ontem á luz um bebé do sexo feminino, pesando 2.72 kg, num hospital desta cidade

O marido mostrava-se incrédulo porque a parturiente, Helen Miller, de 36 anos, não teve nenhuns dos sintomas normais da gravidez e porque há 12 anos um médico a informara que nunca teria filhos.

A senhora Miller, uma ruiva pesando 79,11 kg, foi levada com urgência a um hospital pelo marido, quando se encontrava numa festa da véspera do Ano Novo, após se queixar de violentas dores de estômago.

Seu marido, Stanley, afirmou: «Todos pensámos que fossem perturbações estomacais. Quando me disseram que Helen dera à luz, não acreditei. Trouxeram-me, então, o bebé para eu o ver. Ver para crer».

DILIGÊNCIA SOVIÉTICA PARA CONSEGUIR A PAZ

LONDRES, 2 (R.) — Espera-se que a União Soviética tente hoje obter a concordancia da Grã-Bretanha com uma iniciativa de quatro potências para conseguir a paz no Médio Oriente.

Observadores diplomáticos disseram que a diligência seria feita pelo embaixador soviético, Mikhail Smirnovsky, numa entrevista que tem marcada para esta manhã com o ministro dos Negócios Estrangeiros britanico, Michael Stuart

A União Soviética espera envolver os Estados Unidos e a França, os dois outros membros permanentes do Conselho de Segurança da O. N. U., na iniciativa de paz.

Os mesmos observadores disseram ainda que a importancia que a U. R. S. S. ligava ao plano era ilustrada pelo facto da entrevista ser a pedido do embaixador e para o primeiro dia em que Stuart regressa ao ministério após as férias do Natal.

CRÍTICA A ISRAEL

Funcionários britanicos esperam medidas práticas por parte dos russos destinadas a fortalecer a missão de paz da O. N. U. do dr. Gunnar Jarring

A reabertura do canal de Suez podia encontrar-se em lugar cimeiro na lista de prioridade — afirmaram os mesmos observadores.

Diz-se que a Grã-Bretanha é a favor de um fortalecimento da missão do dr Jarring, mas mostra-se circunspecta acerca de acção das quatro potências fora da O. N. U., que os israelitas e os árabes poderiam considerar como uma solução imposta.

Jornais britanicos criticam hoje a comunicação de Israel de que não faria caso da moção de ontem do Conselho de Segurança condenando o seu ataque de sábado contra o aeroporto de Beirute. O independente «Times» comenta que Israel seria particularmente vulnerável em quaisquer sanções da O. N. U.

DESMENTIDO

NÁPOLES (Itália), 2 — (A. N. I.) — Um informador da Sexta Esquadra norte-americana desmentiu as notícias de que algumas unidades navais teriam entrado de prevenção, devido á tensão do Médio Oriente

Cerca de doze vasos de guerra, que arribaram ao porto de Nápoles para as guarnições passarem em terra o Natal e o Ano Novo, voltam para o mar de 3 a 8 de Janeiro, para opereções de de rotina — acrescentou o informador.

Não especificou o destino exacto dos barcos, mas declarou que nem todos se dirigirão para o mesmo sector do Mediterrâneo quando se fizerem ao mar. E acrescentou não ter conhecimento de quaisquer novos movimentos de navios de guerra russos no Mediterrâneo.

Ataque aéreo israelita na Jordânia

TEL-AVIV, 2 — (R.) — Aviões israelitas atravessaram hoje o rio Jordão para atacarem guerrilhas árabes que procediam a um ataque com «bazookas» e metralhadoras a um carro patrulha israelita próximo de Neveh Um cerca de 15 quilómetros a sul do Mar da Galileia.

Um informador do Exército israelita que deu a notícia do ataque á patrulha disse que esta ripostou mas não especificou que a aviação tivesse sido empregada contra as guerrilhas.

O informador disse que não houve baixas entre os israelitas. Círculos militares anunciaram que o veículo israelita foi assaltado a oriente da aldeia de Beit Yossef

Notícias da região afirmam que a infantaria israelita flagelou as guerrilhas que atacavam de posições próximas da aldeia abandonada de Manshya, junto á margem do Jordão. Minutos depois a aviação israelita atravessava o rio e lançava bombas sobre as posições das guerrilhas.

REJEITADA POR ISRAEL Á RESOLUÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS

NAÇÕES UNIDAS (Nova York), 2 — (A. N. I.) — Afirmando ser contrária à Carta da O. N. U. e inaplicável, o representante de Israel nas Nações Unidas rejeitou a resolução do Conselho de Segurança em que se condena o seu país pelo ataque ao aeroporto de Beirute e se pede uma indemnização adequada para o Líbano

O embaixador Joseph Tekoah acentuou que os israelitas vão considerar a decisão do Conselho de Segurança como mais uma prova de que deve defender os seus direitos e os seus interesses.

«O Médio Oriente terá paz, não através de resoluções do Conselho de Segurança, mas quando os árabes compreenderem a determinação e a tenacidade de Israel» — acrescentou Tekoah.

DILEMA

TEL-AVIV, 2 — (F. P.) — A condenação e grave aviso do Conselho de Segurança são recebidos em Israel, pela Imprensa em geral, com a afirmação de que Israel terá de reagir se os ataques dos terroristas palestinianos continuarem.

Causou viva indignação o facto da moção do Conselho não fazer sequer referência aos ataques mortíferos feitos por esses «comandos» terroristas com o incitamento de todos os Estados árabes. Israel sente-se colocado perante um dilema sério: se as forças israelitas reagirem aos incidentes que os «comandos» palestinianos provocam, poderá incorrer, pela primeira vez na sua existência, nas sanções da O. N. U. Se não reagir, os «comandos» continuarão e ainda mais agressivos

A última sondagem de opinião em Israel mostra que mais de metade da população é contra a evacuação dos terirtórios ocupados sem haver um verdadeiro tratado de paz

Metade da população declara-se pronta a bater-se por esta atitude mesmo que os russos ataquem. Por outro lado, 35 por cento pensa ser possível fazer concessões, a fim de evitar a guerra.

DE GAULLE APOIA O LÍBANO

PARIS, 2 — (F. P.) — Perante todos os embaixadores reunidos ontem no Eliseu, entre os quais se encontrava o representante de Israel, Walter Eyton, vice-decano do corpo diplomático, o general de Gaulle condenou o «raid» israelita contra o aeroporto de Beirute.

De Gaulle qualificou a acção dos israelitas de «acto exagerado de violência» e sublinhou o facto de o ataque ter sido feito por forças regulares de um país que atacou o aeródromo civil doutro país pacífico que, pôs em relevo o presidente da República e um amigo tradicional da França. De Gaulle disse que o Líbano, antigo território sob mandato francês, é, no Médio Oriente, o país árabe mais próximo da França. De Gaulle, em conversação com o embaixador do Líbano, Philipe Takla, assegurou-lhe o apoio total da França.

TERMINARAM AS TRÉGUAS NO VIETNAM DO SUL

SAIGÃO, 2 — (F. P.) — Todas as tropas sul-vietnamianas da região de Saigão entraram de prevenção hoje, de manhã, na previsão de uma tentativa de ataque do Vietcong á cidade depois do fim das tréguas do Ano Novo. Mal esta findou houve uma série de recontros e de ataques dos «vietcongs» a uma base de helicópteros perto de Da Nang, a um posto avançado sul-vietnamiano, 190 quilómetros a sudoeste de Saigão, a um posto americano perto da fronteira do Cambodja.

NACIONAL RÁDIO, SARL

ENCERRAMENTO PARA BALANÇO

COMUNICAMOS A TODOS OS ESTIMADOS CLIENTES E AMIGOS QUE, PARA EFEITOS DE BALANÇO, SE ENCONTRAM ENCERRADOS OS NOSSOS SERVIÇOS DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA BEM ASSIM COMO A SECÇÃO DE PEÇAS E ACESSÓRIOS, SÓ OS REABRINDO NO DIA 10 DE JANEIRO. MANTER-SE-Á NO ENTANTO O SERVIÇO DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA AO DOMICÍLIO QUE PODERÁ SER SOLICITADO ATRAVÉS DO TELEFONE 562136 PPC 4 LINHAS.

ELECTRO PORTUGAL, LDA.

LISBOA

COMUNICA AOS SEUS EX.MOS CLIENTES E AMIGOS QUE ENCERRARÁ AOS SÁBADOS AS SUAS SECÇÕES DE VENDAS, ESCRITÓRIOS E OFICINAS, A PARTIR DE JANEIRO DO ANO CORRENTE.

A F. N. L. LIBERTOU TRÊS AMERICANOS

SAIGAO, 2 — (F. P.) — Três prisioneiros americanos foram entregues ontem pela F.N.L. aos cinco representantes americanos que participaram no segundo encontro americano-«vietcong» em território sul-vietnamiano, anunciou oficialmente o comando americano no Vietnam.

Os três homens foram libertados ás 10 e 50 locais no local indicado pela F.N.L. para os dois encontros, tendo sido imediatamente transportados de helicóptero para o hospital militar de Long Binh próximo de Saigão.

Os três prisioneiros vestiam pijamas cinzentos e aparentavam «boa condição», declarou um informador americano.

A delegação americana chegara ás 9 e 5, locais, de helicóptero, ao ponto de encontro situado a 9 quilómetros ao sul de Tay Ninh.

Três minutos depois um segundo helicóptero americano desceu no mesmo local, transportando designadamente um jornalista, dois operadores e um fotógrafo. Esta cobertura da Imprensa fora prevista pelos americanos para o caso de a delegação do Vietcong estar acompanhada de fotógrafos.

As discussões iniciaram-se logo a seguir entre as duas delegações, prosseguindo durante cerca de quarenta minutos. Houve, no entanto, um intervalo ás 9 e 45.

Ás 10 e 40 locais o porta-voz da delegação «vietcong» anunciou aos americanos que os três prisioneiros iam ser libertados. Estes foram entregues á delegação americana quinze minutos depois.

Os três homens, Thomas Jones, Donald Smith e James Brigham, todos de 21 anos, pareciam fatigados mas «apresentavam-se em boa condição física.

«Sentimo-nos muito satisfeitos por estarmos de volta — declarou um deles — e esperamos juntar-nos em breve ás nossas famílias.»

Os três prisioneiros foram subtraídos á curiosidade dos fotógrafos que os esperavam em Long Binh e transportados de ambulância para um exame geral. Se este for satisfatório, serão entregues aos serviços de informações para interrogatório, podendo depois regressar aos Estados Unidos.

Para facilitar este segundo encontro americano-«vietcong», as tropas americanas e sul-vietnamianas respeitaram um cessar-fogo das 6 ás 11 horas, ao mesmo tempo que a F.N.L. prosseguia a sua trégua unilateral iniciada em 30 de Dezembro e que devia terminar hoje.

Fuga do deputado Moreira Alves

(Continuação da 1.ª pág.)

deixando depois o país com destino ao Paraguai.

O antigo deputado acrescentou que outras pessoas se refugiarão no Chile quando o Governo brasileiro publicar a lista das pessoas privadas dos seus direitos cívicos.

Declarou por fim que não solicitará asilo político ao Chile, aguardando a chegada de sua esposa de origem francesa a fim de seguirem juntos para a França «onde — acrescentou — tenho melhores possibilidades para trabalhar»

A ESPANHA VAI DEVOLVER O IFNI A MARROCOS

MADRID, 2 — (F. P.) — No próximo sábado, 4 de Janeiro, a Espanha e Marrocos assinarão um tratado pelo qual o enclave do Ifni será devolvido a Marrocos.

O território do Ifni fora dado por Marrocos á Espanha em 1860 para que esta instalasse ali uma pescaria, vindo a ser ocupado em 1934. Tem presentemente uns 50 000 habitantes, na sua maioria nómadas, que vivem dos seus rebanhos de cabras e de zebus.

A assinatura deste tratado, que comporta, entre outras, uma cláusula sobre a pesca, põe termo a vários meses de negociações entre os Governos de Rabat e de Madrid em obediência ás resoluções da O. N. U. sobre a descolonização.

Desapareceu um avião no México

CIDADE DO MÉXICO, 2 — (F. P.) — Um avião mexicano, com 26 pessoas a bordo — 22 passageiros e quatro tripulantes—, desapareceu na terça-feira, quando voava entre a localidade de Reynosa, na fronteira com os Estados Unidos e o Porto de Tampico, no Golfo do México.

O aparelho um «DC-3», da companhia Saesa, descolara de Reynosa, no Estádio de Tamaulipas, ás 14 horas locais, e devia aterrar em Tampico ás 15 e 45. A hipótese de o avião ter sido desviado para Cuba foi totalmente posta de parte

ESTADOS UNIDOS—NONO ANO DE GUERRA NO VIETNAM

SAIGAO, 2 — (R.) — Os militares americanos entraram ontem no seu nono ano de participação na guerra do Vietnam em que já perderam a vida mais de 30 500

De umas escassas centenas de conselheiros militares que se encontravam no Vietnam em Janeiro de 1961, o contingente americano aumentou para mais de meio milhão de homens que contam ainda com o apoio de tropas australianas, sul-coreanas, tailandesas e neo-zelandesas.

Por seu turno, as forças governamentais sul-vietnamianas também aumentaram consideràvelmente atingindo agora mais de 800 000 homens em armas.

Apesar disso, os efectivos dos guerrilheiros comunistas também têm aumentado e em Janeiro do ano passado o Vietcong desencadeou uma ofensiva geral, de uma intensidade sem precedentes, durante a qual ocupou total ou parcialmente várias cidades, chegando mesmo a penetrar na embaixada americana em Saigão.

Temporàriamente, os guerrilheiros dominaram oito capitais de província e mantiveram-se na antiga capital imperial de Hué durante 28 dias.

Cerca de metade dos soldados americanos, que até agora perderam a vida no Vietnam, foram mortos durante o ano de 1968, registando-se, só nas províncias do Norte entre Da Nang e a zona desmilitarizada, 6081 baixas.

Desde Janeiro de 1961, os americanos já perderam no Vietnam 4750 aviões e helicópteros, entre os quais três caças-bombardeiros supersónicos «F-111 A» de asa móvel, ultramodernos, cuja destruição representou só por si um prejuízo de 20 milhões de dólares (cerca de 560 000 contos).

Pela primeira vez desde o início da participação americana na guerra do Vietnam, encara-se a possibilidade de começarem a ser retirados este ano alguns efectivos que seriam gradualmente substituídos por tropas do Vietnam do Sul, uma vez que os efectivos e o armamento do Exército deste país estão a ser reforçados para assumirem uma participação cada vez maior na luta e dispensarem gradualmente a presença de tropas estrangeiras.

AVIÃO ISRAELITA ABATIDO

BEIRUTE, 2 — (F. P.) — Um avião israelita foi abatido pela D. C. A. dos «comandos», anuncia um comunicado da organização palestiniana «Al Assifa», ramo de acção militar do movimento de resistência «Al Fatah»

O avião foi abatido no Wadi Arab (entre o Mar Morto e o golfo de Akaba) durante os combates dos «comandos» palestinianos contra pára-quedistas israelitas. Há três dias que a luta prossegue a cerca de 70 quilómetros ao norte de Akaba

Tendo em vista objectivos científicos, estes três soviéticos permaneceram, durante um ano, encerrados numa câmara especial. São eles, da esquerda para a direita: o dr. Manovisev, o técnico Ulybishev e o biologista Bozko

Philip Blaiberg—um ano com um coração novo

CIDADE DO CABO, 2 — (R.) — O dr. Philip Blaiberg, o doente submetido a um enxerto cárdio-vascular que tem sobrevivido mais tempo no mundo, festeja hoje o seu primeiro aniversário de vida com o coração de outro homem.

O dentista aposentado, de 59 anos, assinala á o aniversário da operação realizada pelo dr. Christian Barnard com um banquete festivo, a que assistirão nesta cidade o famoso cirurgião e alguns amigos

Há um ano, o dr. Blaiberg recebeu o coração de um mestiço de 24 anos, vitimado por uma hemorragia cerebral, dez dias depois da morte do seu compatriota Louis Washkansky, o primeiro doente do mundo a ser submetido a um enxerto cárdio-vascular

O dr. Blaiberg foi internado no Hospital de Groot Schuur quase totalmente incapacitado por uma série de ataques cardíacos.

Agora dá longos passeios, toma bannos de sol, nada e come em restaurantes cheios de gente.

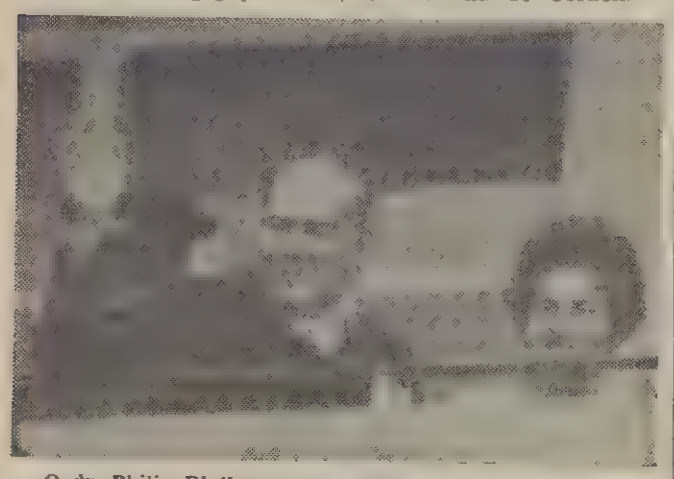
PLANOS PARA O FUTURO

Blaiberg disse ontem pelo telefone ao padre Damien Boulogne, o francês submetido a uma transplantação de coração que tem sobrevivido mais tempo, que se sentia na verdade muito bem

Os seus planos para o futuro incluem ainda este ano uma demorada viagem ao estrangeiro na companhia da mulher Passa, também, a escrever muito do seu tempo.

Efectuou-se um total de 101 enxertos cárdio-vasculares desde que o prof. Barnard realizou o primeiro em Louis Washkansky, em 3 de Dezembro de 1967.

Trinta e cinco doentes sobreviveram, incluindo o último, um americano de 63 anos, que recebeu ontem um coração novo no Centro de Medicina de Cornell.



O dr Philip Blaiberg e a esposa, na varanda do apartamento que o casal possui nos arredores da Cidade do Cabo.

RESPEITO PELOS DIREITOS DO POVO PALESTINIANO —EXIGE AL FATAH

PARIS, 2 — (F. P.) — O movimento de libertação nacional palestiniano Al Fatah publicou hoje por intermédio do seu porta-voz oficial em Paris uma declaração em sete pontos da sua comissão central.

«O movimento de libertação nacional palestiniano Al Fatah rejeita categòricamente a resolução do Conselho de Segurança de 22 de Novembro de 1967 e a missão Jarring dela resultante» — diz essa declaração. Segundo Al Fatah, esta ignora «os direitos nacionais do povo palestiniano» e qualquer solução «pretendidamente pacífica que ignore este dado fundamental está votada ao malogro».

O movimento de libertação nacional palestiniano rejeita qualquer solução que não tenha em conta a existência do povo palestiniano e o seu direito de dispor de si próprio.

Este movimento, que se define a si próprio como sendo «a expressão do povo palestiniano e da sua vontade de libertar o seu território da colonização sionista a fim de recuperar a sua identidade nacional», salienta que não luta contra os judeus «como comunidade étnica e religiosa, mas contra Israel, expressão do sionismo e do colonialismo».

A declaração insurge-se contra «a acção sionista que até ao presente tem tentado reduzir o problema palestiniano a um confronto entre Israel e os Estados vizinhos, quando se trata na realidade da existência e do futuro de um povo expulso há vinte anos do seu lar nacional».

«A acção revolucionária em que se empenhou Al Fatah e a sua guarda avançada armada El Assifa — prossegue a declaração — é a prova da vontade do povo palestiniano de libertar, pela luta armada popular, o território nacional conquistado e colonizado por forças estratégicas retrógradas baseadas no sectarismo religioso, o ódio racial e praticando uma política de discriminação e de perseguição contra os árabes palestinianos muçulmanos ou cristãos».

CARRO ROUBADO
DA-97-89
AUSTIN COOPER VERMELHO. GRATIFICA-SE. 82 06 87-71 55 45.

GOLPES DE MÃO ESPECTACULARES EM SÃO PAULO

SÃO PAULO, 2 — (F. P.) — Os últimos dias de 1968 foram assinalados por um recrudescimento espectacular dos golpes de mão em São Paulo contra bancos e fábricas de munições, o que deixa prever em 1969 uma maior actividade, tanto dos guerrilheiros da esquerda, como dos «comandos» da direita.

No sábado á noite, quarenta homens armados de pistolas-metralhadoras ocuparam a fábrica de munições e de explosivos de Mogi das Cruzes, próximo de São Paulo, levando 23 caixas de dinamite e 40 kg. de clorato de sódio

Na segunda-feira, três indivíduos armados atacaram o caixa de um banco de São Paulo, arrebatando-lhe uma pasta contendo 50 milhões de antigos cruzeiros (350 contos).

Finalmente, na grande cidade industrial os chamados «esquadrões da morte» abateram dois indivíduos de pesado cadastro judicial. Como habitualmente o «serviço de relações públicas» do «esquadrão da morte» informou a Imprensa e a Polícia da identidade das vítimas e do local onde se encontravam os cadáveres. Desde que este grupo entrou em actividade em São Paulo, foram já abatidos dezanove membros de quadrilhas de malfeitores.

A bomba H chinesa foi largada de um avião?

WASHINGTON, 2 — (F. P.) — A bomba de hidrogénio experimentada no dia 27 pela China Comunista foi «provàvelmente» largada de um avião — segundo os cientistas da Comissão de Energia Atómica dos E. U. A. As análises preliminares das cinzas radioactivas a que a mesma comissão procedeu, indicam que o referido engenho continha simultâneamente urânio enriquecido 235, urânio 238 e lítio.

A comissão não possui indicações permitindo concluir que o projéctil ensaiado na passada sexta-feira pelos cientistas de Pequim continha plutónio

A MENSAGEM DE ANO NOVO DO PRESIDENTE DA REPÚBLICA

(Continuação da 1.ª pág.)

tado de alma profundamente perturbado em que tem vivido a humanidade.

O ano internacional

No plano internacional não irei, evidentemente, reeditar tudo aquilo que afirmei em anteriores mensagens sobre os perigos que ameaçam o Ocidente e a sua civilização milenária. Mas não posso deixar de lembrar que os meus receios tinham, infelizmente, pleno fundamento, pois se têm tornado, cada vez mais, em bem tristes e perigosas realidades. A civilização ocidental tem cedido terreno em todos os sentidos e com as sua fraquezas, inépcias e ausência de espírito colectivo, vem concorrendo, mais do que as virtualidades do inimigo, para a sua destruição.

Nos ultimos meses, mormente após a invasão da Checoslováquia pelas forças do Pacto de Varsóvia e o assombro que tal proeza provocou, pareceram os ocidentais mais cientes dos perigos que estão correndo e se avolumam periódicamente, desencadeados por uma vontade firme e forte, que raramente comete erros. Mas apesar de assim ser, continuam os responsáveis ocidentais, como de costume, indecisos quanto á forma de agir e talvez esperançados, mais uma vez, numa melhor compreensão da banda do Oriente, que só se verificará quando lhe convier, pois não existe, nem nunca existiu na realidade, embora fartamente apregoada e, para nosso mal, também fartamente acreditada. E assim o Ocidente se vai diminuindo, parecendo, apesar de tudo quanto se tem passado, disposto a continuar vivendo á sombra de esperanças vãs e á custa de cedências inuteis, sem atentar ou não querendo atentar em que, quanto mais confiar e ceder, pior ficará.

A civilização ocidental tem sido permanentemente minada, sobretudo, depois da Segunda Grande Guerra, em todos os pilares que a têm sustentado e a têm feito durar ao longo de muitos séculos. Tem-se assistido á progressiva dissolução da sociedade, ao abandono e consequentes e perigosas perturbação e corrupção da juventude, ao fomentar da subversão em todos os campos e de todas as maneiras. Até as colunas mestras da Igreja de Cristo estão sendo perigosamente abaladas, numa acção persistente e profunda que, como todas as restantes, foi ateada insidiosamente de fora para dentro, á laia de cavalo de Tróia, e acabou por eclodir gravemente onde parecia impossível que tal acontecesse, por não ser lígitimo ignorar constituir o comunismo o pior inimigo da Igreja. E neste caminhar vai sendo enfraquecido, com uma persistência e uma decisão firmes, indiferentes a quaisquer dificuldades ou revezes, um baluárte milenário que há bem poucas dezenas de anos se afigurava inexpugnável.

As centrais subversivas, sempre situadas em países onde não é permitido qualquer vislumbre de liberdade, exigem, com a maior desfaçatez, que ela seja total nos outros, para, através dela, gozarem da licença permanente de poderem subverter, sem peias, a ordem existente nas casas alheias. E o caos que procuram assim fomentar, constitui o melhor veículo para conseguirem a imposição da sua ideologia, que matará, sem demora e sem remorso, a liberdade total inicialmente exigida. Esta é, em síntese, a mecanica da subversão e há que estar prevenido contra ela e não deixar crescer qualquer dos seus tentáculos, por mais inocensivo que pareça.

Sem uma política sábiamente definida e persistentemente seguida, o Ocidente tem-se deixado embalar pelos canticos de perigosas sereias, tendo perdido, práticamente, todos os pontos de apoio que durante algumas centenas de anos manteve no Oriente e desta maneira a Asia ficou práticamente perdida para os povos do Ocidente, em favor de outros que habilidosamente defenderam os mesmos princípios de liberdade e de autonomia, mas sómente para uso externo. A mesma errada e acanhada visão está colhendo frutos semelhantes em Africa, ainda mais necessária á Europa do que a Asia, com a criação prematura e indiscriminada de nações artificiais, sem condições de vida na sua grande parte e incapazes de as criar, de as manter e desenvolver, fácilmente permeáveis, portanto, ao comunismo totalitário, que a Russia e a China Continental sábiamente nelas vão inoculando. O desastre só não é ainda total porque Portugal se tem oposto, consciente das suas responsabilidades, com todo o peso da sua razão e da sua força e á custa de pesados sacrifícios em vidas e em haveres, ao desvario de que o Ocidente se deixou imbuir, defendendo práticamente sózinho a integridade da Africa Ocidental e Austral, de que os seus territórios são verdadeiros baluartes avançados, estratégicamente muito bem situados e dispondo de esplêndidos portos marítimos. Nas Américas Central e do Sul o trabalho de subversão tem sido, também, intenso e constante, irradiado de Cuba, centro de comunismo que uma política pouco realista deixou criar. Em conclusão, não é apenas a Europa que está a ser cercada e contaminada por todos os meios ao alcance da fértil imaginação comunista. Também os próprios Estados Unidos da América estão sendo cercados e podem ver-se forçados a voltar a um período de isolamento, não agora por vontade própria, mas por imposição alheia.

Não será já tempo de reagir eficazmente contra tão funestas perspectivas, antes delas se tornarem em desastrosas realidades? Não será tempo, também, de pôr termo á expansão dos imperialismos russo e chinês que procuram assenhorear-se das posições bases do Oriente, abandonadas infantilmente pelo Ocidente, mormente do primeiro, que pretende dominar o Mediterraneo e está trabalhando no sentido de cortar os caminhos marítimos que os portugueses descobriram nos anos de quinhentos? Não será tempo, igualmente, de reformar a O. N. U., que, inicialmente criada para manter e defender a paz, tem sido incapaz de o fazer, e antes, sob o domínio da maioria comunista e afro-asiática, se tornou num elemento de perturbadora desunião, pernicioso, parcial, sem consciência e sem prestígio e em que a paixão vence quase sempre a razão e a justiça? No sentido de opor uma barreira a tal torrente impetuosa e destruidora, se vem erguendo a minha voz nas mensagens que todos os anos, no dia primeiro de Janeiro, dirijo aos portugueses. Nenhum eco ela tem despertado; que isso derive, apenas, da sua debilidade e não constitua sintoma desastroso de estar a civilização ocidental já farta de viver e preferir o suicídio á luta pela sua sobrevivência.

O ano nacional

No plano nacional a vida continuou condicionada á guerra que nos movem e em que estamos empenhados em três frentes, para defesa do nosso património territorial, de todas as populações que vivem e mourejam na Guiné, em Angola e em Moçambique e, também, dos restos do Ocidente que perduram nesse continente. Na luta contra o terrorismo, agora principalmente alimentada pelo comunismo moscovita e chinês, são os maus vizinhos igualmente responsáveis, não apenas pelas infiltrações - que consentem, como ainda pelas permanentes ajudas e apoios que aos terroristas continuam dispensando. Essas infracções ás leis internacionais, agora tidas como nulas quando assim convém, têm-nos custado muitas vidas e bens, com total indiferença e até com o aplauso de grande parte daqueles que tinham obrigação moral de nos ajudar, até porque estão beneficiando da nossa decisão e da nossa resistência. E repito o que já está dito e parece evidente: se a seguir á Asia se perder a Africa, outras perdas se seguirão e o mar deixará de ser usado com a mesma liberdade pelas nações ocidentais. E não deve esquecer-se que apesar do papel do maior relevo que a aviação desempenha nos tempos actuais, ainda não é obsoleta a velha afirmação de que quem domina o mar domina o Mundo.

O que parece incontroverso, é dever-se ao extraordinário soldado português a manutenção da civilização ocidental na parte sul do continente negro. O seu espírito de sacrifício, a sua adaptação a todas as circunstancias, mesmo as mais hostis, como tive oportunidade de verificar na Guiné, o moral inexcedível, de que se possui, quando sente estar a cumprir um dever que sobreleva tudo o resto, são qualidades ímpares que o continuam distinguindo, como sempre o distinguiram. Na qualidade de chefe supremo das Forças Armadas de Portugal, saudo com o maior reconhecimento todos quantos combatem generosamente pela sobrevivência das parcelas de Portugal em Africa, que há quinhentos anos descobrimos com o nosso génio e a nossa audácia e são uma parte fundamental do nosso corpo e da nossa alma e, portanto, da nossa Pátria. O sangue nela vertido, ao longo de cinco séculos e agora com abundancia, impõe-nos as maiores obrigações e os maiores sacrifícios. Temos de as cumprir e de os continuar. A nossa honra o exige e eu sou dela fiel mandatário.

Já no declinar do ano que findou o País foi abalado por acontecimento bem triste e inesperado, que profundamente o chocou e atormentou: as graves enfermidades que atingiram o Presidente Salazar, que o prostraram no leito e o inutilizaram para a vida publica, após 40 anos de acção constante e abnegada a bem da Nação. A sua inutilização representou uma grande perda, sem qualquer duvida uma grave perda nacional, pois sempre defendeu com firmeza, com persistência sem desanimo e com visão genial, os verdadeiros interesses nacionais. Em todas as oportunidades que como ministro da Marinha e como Chefe de Estado se me depararam no sentido de justificar uma referência especial a esse excepcional português e homem ímpar do meu tempo, sempre e em toda a parte a fiz, com toda a justiça que lhe era devida. Justificadamente o proclamei Benemérito da Pátria na terra em que nasceu, quando da inauguração da maravilhosa estátua que nela foi erguida. E embora as repercussões internacionais da sua acção não possam vir a ter a projecção de outros vultos grandes da nossa História, é-lhe aplicável, ao menos no ambiente português, as palavras finais que pronunciei na cerimónia da inauguração do Monumento das Descobertas, em 9 de Agosto de 1960.

A certeza que dolorosamente colhi, pela audição ampla dos seus médicos responsáveis da sua incapacidade, para continuar exercendo as altas funções do seu cargo, forçaram-me, a bem da Nação, pela qual o Presidente Salazar velou durante mais de 40 anos e melhor que ninguém, a resolver a grave crise abruptamente aberta por essa incapacidade. Foi minha preocupação não o fazer tarde, nem cedo, e creio bem tê-lo conseguido. Por isso dirigi ao País a comunicação de 26 de Setembro, amargurada comunicação, mas necessária comunicação que deu á crise aberta a solução que me pareceu ser a mais indicada e conveniente, quer interna quer externamente. E a vida do País que nenhuma razão legitimava fazer parar, tem continuado a sua marcha, sem sobressaltos e sem soluções de continuidade, a patentar, por um lado que Salazar tinha mais uma vez razão quando afirmava que nas mãos do Chefe do Estado estava a solução do problema e, por outro, a maturidade do povo português, que tendo-se emocionado profundamente com as doenças do Doutor Salazar, entendeu perfeitamente e apoiou visivelmente a resolução tomada pelo Chefe do Estado. Tudo, felizmente, se passou com a maior naturalidade, com espanto de muitos portugueses e da quase totalidade dos estrangeiros. Nestes houve numerosos a sentirem natural alívio, como houve, também, os que não conseguiram esconder um mau sentimento de amarga decepção.

Visitas ao Ultramar

No mês de Fevereiro do ano que findou visitei oficialmente as províncias da Guiné e de Cabo Verde, unicas províncias africanas que ainda não tinha visitado. A primeira, a mais antiga terra portuguesa de Africa, continua debatendo-se com o terrorismo que os estados vizinhos acolhem, protegem e ajudam e que as potências comunistas mormente as do Pacto de Varsóvia, treinam, armam e sustentam. A visita á Guiné constituía, para mim, um dever de consciência, que era minha obrigação cumprir e foi cumprido de forma semelhante á que se verificara em Angola, no ano de 1963. O entusiasmo de que se revestiram as recepções em Bissau, em Nova Lamego, em Bafatá, em Bolama e em Bubaque e em outras pequenas localidades e os milhares de portugueses de todas as etnias e de todos os credos que a elas acorreram, excedeu tudo quanto de melhor se poderia vaticinar. Foram dias inesquecíveis aqueles que vivi, na Guiné e as manifestações que a minha presença fazia eclodir em toda a parte, não permitiam duvidar do portuguesismo que a todos animava e reunia. E como cumpria ao representante de todos os portugueses nessa velha parcela de Portugal, procurou ele responder com igual solicitude á solicitude com que foi recebido, não se poupando a todos os esforços, nem se furtando ás provas de carinho fartamente prodigalizadas e sempre agradecidas de forma análoga. Os que esperavam e desejavam qualquer acontecimento sensacional ou, ao menos algum desacato, mesmo de importância reduzida, ficaram completamente decepcionados.

Não foi menos calorosa a visita á província de Cabo Verde, que tendo apenas por vizinho o mar, que há mais de cinco séculos os portugueses descobriram e depois percorreram em todas as direcções, vive em completa paz, tal como sucede em São Tomé e no Príncipe. Estive em todas as ilhas, com excepção da de Santa Luzia, não por ser a mais pequena, mas por continuar desabitada devido ás suas insuficientes condições de vida. Em qualquer delas o entusiasmo foi idêntico, acorrendo todos os seus habitantes ás localidades visitadas, para assim poderem saudar o Chefe do Estado e para lhe patentearem o seu indefectível portuguesismo e, também a ânsia de instrução que caracteriza as gentes de Cabo Verde. Os oito dias passados no arquipélago são dos que se não esquecem mais e se em São Tiago, no Fogo, em São Vicente e em Santo Antão o volume das manifestações excedeu o das restantes ilhas, isso derivou, apenas, do maior numero de manifestantes e não do maior calor de cada um. E se de todas as manifestações alguma merece realce especial, pela comoção de que se possuiu, talvez a que se verificou na despedida final da cidade da Praia, para regresso á Metrópole, o mereça.

Em suma as visitas ás duas províncias portuguesas de África, cuja descoberta remonta aos ultimos anos de vida do infante D. Henrique, decorreram num ambiente excepcional e análogo ao que se verificara anteriormente em Angola, em Moçambique e em São Tomé e Príncipe. E a palidez que caracterizou as notícias dadas pela grande Imprensa estrangeira sobre todas essas visitas, é o melhor certificado que dos seus êxitos podia ser conseguido.

Visitas na Metrópole

Na Metrópole prossegui a tarefa dos anos anteriores, estando sempre e em toda a parte onde a presença do Chefe do Estado se justificava. Assim e citando apenas os acontecimentos mais importantes, estive presente na entrega da chave da trimilésima casa dos bairros económicos de Olivais-Sul; na inauguração da estátua do Santo Condestável, na Batalha, em 27 de Abril, dia do 79.º aniversário do Doutor Salazar, inauguração que se revestiu de grande solenidade, da solenidade que o extraordinário vulto nacional que se homenageava exigia; na patriótica cerimónia militar do Terreiro do Paço, em 10 de Junho; nas solenes comemorações da Presuria de Vímara Peres, na cidade do Porto, em 18 e 19 de Junho; na inauguração das novas e amplas instalações do Instituto Industrial do Porto e na inauguração da Escola Comercial de Espinho, em 19 de Junho; na inauguração das obras exteriores do porto da Póvoa de Varzim, em 20 de Junho; na inauguração dos novos conjuntos fabris da Sociedade Central de Cervejas, em Vialonga, da Fábrica Imperial de Margarina, na Póvoa, e da Standard Eléctrica, em Cascais, respectivamente, em 22, 25 e 28 de Junho; na inauguração da barragem do Roxo, pertencente ao conjunto do Plano de Rega do Alentejo, em 30 de Julho; na inauguração, em Tancos, do monumento aos mortos de África, em 3 de Julho; nas festividades da cidade de Setubal, em 20 de Julho; nas comemorações do 50.º aniversário das Oficinas Gerais de Material Aeronáutico, em Alverca, nos dias 10 de Outubro e 19 de Dezembro; de novo na cidade do Porto, de 25 a 27 de Outubro, em várias inaugurações e visitas, sendo, entre todas, de salientar a relativa á entrega de mais mil casas a outras tantas famílias portuenses delas carecidas, mantendo-se assim a cidade do Porto na vanguarda da resolução do problema da habitação em Portugal, posição saliente que muito a honra e, também, áqueles que a levaram a essa posição; na comemoração do 50.º aniversário da assinatura do armistício que pôs fim, em 11 de Novembro de 1918, á Primeira Grande Guerra. Muitas outras visitas e inaugurações mereciam, também, uma menção especial, mas a extensão desta mensagem não a permite. Apenas são de recordar, ainda as visitas oficiais realizadas a Espinho, em 19 de Junho, e a Abrantes, em 1 de Novembro, e, finalmente, a inauguração do Centro de Revisão e de Ensaios de Motores, da TAP, em 18 de Dezembro, e a inauguração do Laboratório Militar do Exército, em 30 de Dezembro.

Dois centenários

No ano que hoje começa ocorrem o 5.º centenário do nascimento de Vasco da Gama e o 1.º centenário do nascimento do almirante Gago [illegible]. Embora mais o primeiro do que o segundo, ambos merecem ser lembrados e comemorados.

Vasco da Gama é o navegador português mais conhecido internacionalmente. No ano que findou, o 5.º centenário do nascimento de Pedro Álvares Cabral foi devidamente comemorado, em Portugal e no Brasil, em cerimónia do maior relevo, com toda a justiça. Pelo menos igual justiça obriga a comemorar, em Portugal, o 5.º centenário de Vasco da Gama; e praza a Deus que o possa ser, também, na sacrificada India Portuguesa, á qual dirijo, fervorosamente, toda a minha confiante simpatia.

É tempo de terminar e faço-o manifestando a minha esperança num futuro melhor, em que a compreensão entre os homens seja muito mais aberta e muito mais sadia e isenta dos malefícios que infestam o Mundo e o transformam, bastas vezes, num verdadeiro inferno. Tudo se modificaria e tudo seria mais simples, se todos se lembrassem de que a vida, neste Mundo, é um bem, mas um bem efémero; e de que a inteligência que Deus deu ao animal que é o homem foi para ser utilizada no sentido do bem e não no sentido do mal. Todos nascem para morrer e enquanto vivos só têm vantagem em serem bons e em serem compreensivos. Se o conseguissem, acabariam graves problemas em que a humanidade se tem debatido e cada vez em maior grau. À medida que a população aumenta, vai aumentando, também, a maldade e tudo seria diferente, se em vez de aumentar a maldade, aumentasse a bondade. Todos passariam a ser mais felizes, a vida seria bem melhor vivida e haveria certamente, também, bem menos desprotegidos da sorte. Por isso peço a Deus que ilumine toda a humanidade, neste dealbar dum novo ano, para que ela encete durante o seu decurso novos caminhos, aqueles em que a honra seja um lema, os costumes sejam sãos e o amor ao próximo seja uma realidade.

Com esta prece, que é ao mesmo tempo um grito da minha alma dolorida, formulo os melhores votos pelas prosperidades das nações amigas, mormente do Brasil e da Espanha, e pelas felicidades de todos os portugueses que vivem em Portugal e no estrangeiro. A todos desejo um bom ano e sobretudo desejo que nele finde a guerra impiedosa que nos movem e que nós sustentamos e havemos de sustentar até á completa vitória da nossa razão, não apenas para podermos continuar a ser dignos filhos de Portugal como para podermos continuar a salvaguardar os próprios interesses dos que nos têm hostilizado tão impensadamente. Que Deus também me ouça, neste meu voto final. Os portugueses, os maiores difusores da doutrina pregada por Cristo no Mundo, bem o merecem.»

O Chefe do Estado com o Prof. Marcello Caetano, os titulares das pastas militares e os Chefes dos Estados-Maiores do Exército, da Marinha e da Aeronáutica, que lhe foram apresentar cumprimentos de Ano Novo

O Chefe do Estado recebeu em Belém os tradicionais cumprimentos de Ano Novo

O Chefe do Estado recebeu ontem, no Palácio Nacional de Belém, os tradicionais cumprimentos de Ano Novo.

O sr. almirante Américo Thomaz começou por receber o sr. cardeal-patriarca de Lisboa, que entrou no palácio pouco antes das 11 horas, na companhia do seu secretário rev.º João Rocha.

À entrada do Pátio das Damas, aguardavam o ilustre prelado o secretário-geral da Presidência da Republica, sr. dr. Luís Pereira Coutinho, e os oficiais da Casa Militar do Chefe do Estado, srs. general Humberto Pais e comandantes Guilherme Tomás e Benvindo da Fonseca, tenente-coronel Freitas do Amaral e major Rui Pereira Coutinho.

O sr. D. Manuel Gonçalves Cerejeira, no seu encontro com o supremo magistrado da Nação, apresentou-lhe os seus votos para o Novo Ano.

Os cumprimentos do Presidente do Conselho

O sr. prof. dr. Marcello Caetano chegou a Belém ao fim da manhã, acompanhado, unicamente, pelo seu secretário sr. major Augusto Reis. À entrada do Pátio das Damas foi recebido pelos srs. general Humberto Pais, comandante Guilherme Tomás e dr. Luís Pereira Coutinho, que o acompanharam ao gabinete de trabalho do Chefe do Estado, onde ainda se encontrava o sr. D. Manuel Gonçalves Cerejeira. Este retirou-se pouco depois, acompanhado até á Sala Luís XV pelo sr. almirante Américo Thomaz, onde ambos se despediram muito afectuosamente. Em seguida o Chefe do Estado dirigiu-se para o seu gabinete, onde se manteve cerca de vinte minutos na companhia do sr. prof. dr Marcello Caetano.

Os srs. presidentes da Republica e do Conselho passaram depois á Sala do Conselho de Estado, onde já se encontravam os srs. Soares da Fonseca, primeiro vice-presidente da Assembleia Nacional, em representação do sr. prof. dr Mário de Figueiredo, actualmente enfermo; dr. Luís Supico Pinto, conselheiro Osório de Albuquerque e general França Borges, respectivamente, presidentes da Camara Corporativa, Supremo Tribunal de Justiça e da Camara Municipal de Lisboa, que lhes apresentaram cumprimentos e igualmente votos de Bom Ano.

Esta audiência, que demorou cerca de meia hora, proporcionou uma amigável troca de impressões sobre os principais acontecimentos da vida nacional no ano que findou e, bem assim, de aspectos relacionados com o exercício das funções do Chefe do Estado e com as actividades das instituições representadas pelas individualidades presentes.

Os cumprimentos das Forças Armadas

Cerca das 12 horas, o sr. Presidente da Republica recebeu a representação das Forças Armadas — o que se verificou pela primeira vez no limiar de um novo ano.

A representação era constituída pelos srs. general Sá Viana Rebelo, brigadeiro Bettencourt Rodrigues e comodoro Manuel Crespo, ministros da Defesa, do Exército e da Marinha, respectivamente; brigadeiro Fernando Alberto de Oliveira, secretário de Estado da Aeronáutica, e coronel João António Pinheiro, subsecretário de Estado do Exército, acompanhado pelos general Venancio Deslandes, chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas e almirante Armando de Roboredo e generais Luís da Camara Pina e Brilhante de Palva, chefes dos Estados-Maiores, respectivamente, da Armada, do Exército e da Força Aérea.

O sr. almirante Américo Thomaz, que recebeu os visitantes na Sala do Conselho de Estado, trocou, com cada um, votos de bom ano.

Após esta cerimónia, foram recebidos os chanceleres dos grupos de Ordens, tendo comparecido os srs. general Santos Costa, das Antigas Ordens Militares; prof. dr. Damião Peres, das Ordens Nacionais; e prof. eng.º Francisco Leite Pinto, das Ordens do Mérito Civil.

Presença de membros do Governo e do Corpo Diplomático

Durante o dia, estiveram no Palácio Nacional de Belém, a inscreverem-se no livro de cumprimentos ao Presidente da Republica e a deixar cartões de felicitações, membros do Governo e do Corpo Diplomático, altas patentes das Forças Armadas, magistrados, professores catedráticos, deputados, altos funcionários e muitas outras entidades civis e militares.

Foram ainda recebidos, na Presidência da Republica, numerosos telegramas de boas-festas, designadamente de muitos chefes de Estado da nações com as quais Portugal mantém relações e também de muitos portugueses radicados no estrangeiro.

Recepção de Ano Novo no Patriarcado de Lisboa

O sr. cardeal-patriarca de Lisboa deu ontem a tradicional recepção de Ano Novo, no palácio do Campo de Santana. A recepção decorreu na Sala do Trono, onde as individualidades eram introduzidas pelos beneficiado José Maria Rodrigues e padre João Rocha, famulo do sr. cardeal-patriarca. A recepção foi particularmente concorrida.

Pouco depois do meio-dia, o sr. general Humberto Pais, chefe da Casa Militar do sr. Presidente da Republica, chegou ao Patriarcado, para em nome do sr. almirante Américo Thomaz retribuir os cumprimentos que o sr. D. Manuel Gonçalves Cerejeira apresentara, de manhã, no Palácio Nacional de Belém, ao Chefe do Estado.

Ás 14 horas, o sr. duque de Palmela, acompanhado de sua família, apresentou cumprimentos ao sr cardeal-patriarca, com quem conversou durante alguns minutos.

Depois, pela tarde fora, até ás 18 horas, estiveram no Paço Patriarcal, ou enviaram cartões de cumprimentos, entre outras individualidades, os srs. ministros de Estado, de Educação Nacional e da Saude; profs. Mendes Ferrão, Martinho Nobre de Melo, Aleu Saldanha, Gonçalves Rodrigues, Albano Pereira e Manuel Gomes da Silva; generais Luís da Camara Pina, França Borges, Santos Costa e Campos Andrada; coronel Carvalho Nunes, engs. Arantes e Oliveira, Nazareth de Oliveira, José Frederico Ulrich, Morbey Afonso, Dias Coelho, Manuel de Sá e Melo, Silveira Busal e Tomás Oom.

Estiveram também no Patriarcado os srs. drs. José Osório da Gama e Castro Saraiva de Albuquerque, presidente do Supremo Tribunal de Justiça, Martins de Carvalho, António Lino Neto, José Rodrigues de Carvalho, José Carlos Ferreira, Francisco Manuel da Camara Sá Nogueira, José Francisco Rodrigues e Nuno de Sacadura Botte Corte Real; marqueses de Rio Maior e de São Payo e de Sá da Bandeira; viscondes de Botelho e da Merceana; condes da Azinhaga e Vale dos Reis; major Silva Pais, José Augusto Pais Ferreira, D. Luís Pereira Coutinho, eng.º Galamba de Oliveira, Vítor Manuel de Lima e Santos, Alfredo Reis, D. António da Cunha, José Filipe Neto Rebelo e Luís e Pedro Azevedo Coutinho, representantes da comissão executiva da União Nacional, Direcção da Obra das Mães pela Educação Nacional; representantes do Conselho Particular de Lisboa da Sociedade de S. Vicente de Paulo; Direcção Nacional das Filhas de Maria Imaculada, Secretariado Nacional do Apostolado do Mar, componentes do Cabido da Sé Patriarcal, clero regular e diocesano, superiores de várias ordens e congregações, confrarias, associações, etc.

No Palácio da Nunciatura

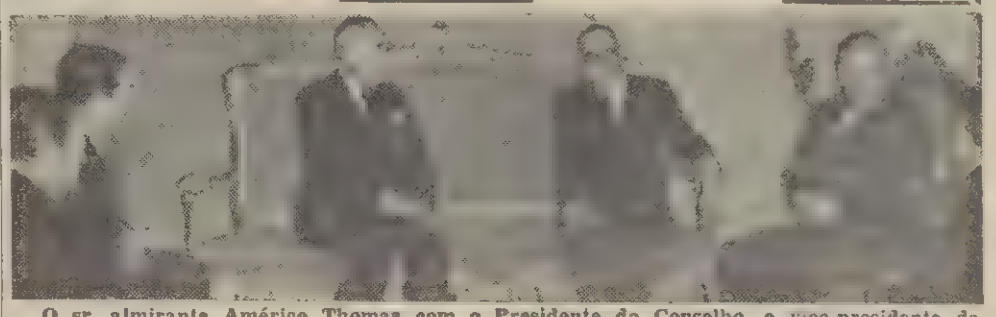
Também, por motivo da entrada do Ano Novo, muitas personalidades civis, militares e eclesiásticas, assim como membros do corpo diplomático, estiveram durante o dia de ontem no Palácio da Nunciatura a deixar cartões de cumprimentos ao representante do Santo Padre, mons. Giuseppe Maria Sensi.

O Presidente do Conselho cumprimenta o cardeal-patriarca

O primeiro dia do ano do Presidente do Conselho

O Presidente do Conselho passou o primeiro dia do ano na sua residência, na maior intimidade, apenas se tendo deslocado, de manhã, ao Palácio Nacional de Belém, a fim de apresentar ao Chefe do Estado os seus votos de feliz Ano Novo.

Tanto na residência do Chefe do Governo, como no Palácio de S. Bento, foram recebidos, durante o dia, muitos telegramas e cartões de cumprimentos, tendo por ali passado, a deixar cartões, membros do Governo e do Corpo Diplomático, altas individualidades civis e militares.



O sr. almirante Américo Thomaz com o Presidente do Conselho, o vice-presidente da Assembleia Nacional e os presidentes da Camara Corporativa, do Supremo Tribunal de Justiça e da Camara Municipal de Lisboa

Durante a apresentação de cumprimentos dos chanceleres das Ordens portuguesas

CASAS PARA MILITARES

Encontra-se aberto concurso destinado a praças, para atribuição das casas de renda económica dos Serviços Sociais das Forças Armadas, a vagar no período de 1 de Abril de 1969 a 31 de Março de 1970.

O prazo da entrega dos boletins de inscrição é de 1 a 20 de Fevereiro. Qualquer informação pode ser prestada na sede dos S. S. F. A., na Rua Pedro Nunes, 8, ou pelo telefone 536986.

Acção de despejo na cidade de Coimbra contra vários moradores de bairros camarários

COIMBRA, 2

Sob a presidência do eng.º Araújo Vieira reuniu-se a Câmara Municipal, que aprovou vários autos de medição de trabalhos, autorizando os respectivos pagamentos.

Foram homologadas várias praças e, depois, deliberado promover o despejo imediato de alguns moradores dos bairros camarários com as rendas em atraso, moradores esses que não usaram da faculdade de amortização concedida pela Câmara.

Foi também dado conhecimento de um telegrama enviado pelo embaixador do Brasil, dr. Ouro Preto, em que este diplomata agradece ao Município a oferta do terreno para a instalação da futura Casa do Brasil e as atenções com que foi distinguido quando da sua visita a esta cidade.

Por proposta do vereador António Miranda Veloso, a Câmara deliberou prestar colaboração, através de um pequeno subsídio, para a realização de um «Cortejo dos Reis Magos», a efectuar no próximo domingo. Seguidamente o vereador dr. Vítor Nemora fez largas considerações sobre o Estádio Municipal, apresentando algumas propostas que foram aprovadas. O vereador Miranda Veloso, novamente no uso da palavra, apresentou as suas saudações e agradeceu à Câmara, em nome do Comércio, as ornamentações do Natal.

Por fim, o presidente saudou a vereação e todos quantos colaboraram com a edilidade, desejando-lhes um próspero Novo Ano.

EXPOSIÇÃO DE ARTESANATO NO ESTORIL

Com grande afluência de visitantes, continua aberta na Junta de Turismo da Costa do Sol a Exposição de Artesanato Português, que de há anos para cá aquele organismo promove no período do Natal e Ano Novo.

No Verão, a Junta realiza a Feira do Artesanato que, este ano, decorreu em Cascais. A exposição, agora patente ao público no Estoril, constitui o que poderemos designar por uma mostra-feira, pois nela se encontram numerosos artigos em venda, objectos de barro e de cobre rendas, colchas bordados etc. Está aberta todos os dias das 10 às 22 e 30, e a entrada é livre.

GRÉMIO DOS METALÚRGICOS

Tomou oficialmente posse a nova direcção do Grémio dos Industriais Metalúrgicos e Metalomecânicos do Sul para que foram eleitos, como membros efectivos, os empresas Sorefame — Sociedades Reunidas de Fabricações Metálicas, S A R L; Fundição do Rossio de Abrantes, S A R L e Pressmalt Sociedade Portuguesa de Prensagem e Estampagem Ld.ª e ainda como suplentes Construções Metalomecânicas «Mague», S A R L; Casa Hipólito, Ld.ª e Ferro-Arco, Ld.ª.

A nova direcção presidida por Sorefame e representada pelo seu presidente do conselho de administração, sr. eng. Francisco Malheiro.

Condecorados três membros da colónia portuguesa na Venezuela

CARACAS, 2 — Foram condecorados com a Ordem do Infante três dos mais destacados elementos da colónia portuguesa na Venezuela: Manuel Corte de Abreu, Agostinho de Sousa Macedo e João Rodrigues Aguiar.

Em nome do Chefe do Estado Português, as insígnias daquela ordem foram impostas aos condecorados antes da sua partida para Lisboa pelo embaixador cessante de Portugal em Caracas, dr. António da Rocha Fontes.

Compañia Trasatlantica Española, S. A.

MADRID

PRÓXIMAS SAÍDAS DE LISBOA DIRECTOS PARA:

NORFOLK E NEW YORK

OS PAQUETES ESPANHÓIS:

«GUADALUPE» —	18 de Janeiro	p. fut.º
«COVADONGA» —	22 de Março	p. fut.º
«GUADALUPE» —	12 de Abril	p. fut.º
«COVADONGO» —	14 de Junho	p. fut.º
«COVADONGA» —	23 de Julho	p. fut.º
«GUADALUPE» —	23 de Agosto	p. fut.º
«COVADONGA» —	13 de Setembro	p. fut.º
«GUADALUPE» —	15 de Novembro	p. fut.º
«COVADONGA» —	6 de Dezembro	p. fut.º

Recebem CARGA GERAL, CORTIÇA E DE FRIGORÍFICO
Passageiros em 1.ª Classe e Turística

Para informações e reservas de lugares, favor dirigir-se ao seu agente de viagens ou aos Agentes Gerais em Portugal

LLORET & XAVIER, LDA.

Largo do Corpo Santo, 21, 1.º
Telef. 32 46 71 - 32 72 58 — LISBOA

FESTAS DE ANO NOVO

Da comissão de festas da Baixa da Banheira

BAIXA DA BANHEIRA 2 — Como nos anos anteriores, com a presença do presidente da Câmara Municipal da Moita e outras individualidades, a comissão de festas da Baixa da Banheira promoveu, na cave da igreja, a tradicional distribuição de roupas e guloseimas a crianças pobres. Este ano o bodo contemplou cerca de 150 desprotegidos da sorte que, em redor de uma árvore de Natal, assistiram antes a uns festivais variedades.

O «Diário de Lisboa» agradece de novo o envio de senhas para os seus protegidos da localidade que couberam aos meninos Jorge Manuel de Sousa Correia Mendes e Maria de Fátima Cerqueira Pereira.

Jantar de confraternização de profissionais de escritório

A direcção do Sindicato Nacional dos Profissionais de Escritório do Distrito de Lisboa promoveu um jantar de convívio com os colaboradores do organismo, que reuniu mais de uma centena de pessoas, encontrando-se presente não só os elementos directivos, como também todos os que trabalham no sindicato. Pelos directores srs. Augusto Vítor de Sepúlveda Cofreira, D. Irene de Almeida Carmo e Caiano Pereira, foi posto em evidência o objectivo da reunião, que serve para o estreitamento das relações entre a direcção e os seus colaboradores, esperando que assim se atiniam objectivos que melhor sirvam os interesses dos associados. Agradeceu em nome do pessoal o sr. dr. Palma Ferreira.

Dos filhos dos empregados da UCAL

No refeitório do complexo industrial de Sete Casas (Loures), realizou-se a festa de Natal dedicada aos filhos dos empregados da União das Cooperativas Abastecedoras de Leite de Lisboa (U. C. A. L.).

Cerca de oitenta crianças receberam brinquedos e tiveram um lanche, aplaudindo, depois, num animado acto de variedades, os palhaços e um ilusionista.

Assistiram à festa os directores e funcionários superiores da U. C. A. L., além de muito familiares dos funcionários de todas as categorias.

Novas moedas em Angola

LUANDA, 2 — Entram em circulação em Angola, a partir de hoje, 5648 moedas de dois escudos e cinquenta centavos, no valor total de 14 120 contos — informa a Direcção Provincial dos Serviços de Fazenda e Contabilidade de Angola.

MORREU MAIS UM GÉMEO DE LOURENÇO MARQUES

LOURENÇO MARQUES, 2 — Faleceu o terceiro dos quatro gémeos prematuros nascidos a Clara Mutangua, no dia 13 de Dezembro, no Hospital Central Miguel Bombarda, em Lourenço Marques.

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

EDITAL N.º 314

Faz-se saber que no dia 14 de Janeiro de 1969, pelas 15 horas, terá lugar na 4.ª Repartição — Armazéns e Imprensa Municipal da Direcção dos Serviços Técnico-Especiais, Avenida 24 de Julho, 171-C, o concurso público para a «Empreitada n.º 284/68 — instalação de 10 abrigos para passageiros de eléctricos e autocarros em vários locais da cidade», de licitação de 137 535$00 (Processo n.º 216/68/CP/DSTE).

O depósito provisório é de 3439$00 e o definitivo de 5% da importância da adjudicação sendo o primeiro efectuado na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, suas filiais, agência ou delegações, mediante guia preenchida pelo concorrente de harmonia com o modelo 1, anexo ao «Program de concursos para adjudicação de empreitadas e de fornecimentos da Câmara Municipal de Lisboa», publicado no «Diário Municipal» n.º 7673 de 24/10/1960.

O proceso de concurso encontra-se patente todos os dias úteis na referida repartição.

Paços do Concelho de Lisboa, em 16 de Dezembro de 1968.

O Presidente,
António Vitorino França Borges

Sociedade Agrícola «Casa Reynolds»

S. A. R. L.
QUINTA DAS AMOREIRAS
SANTA IRIA DE AZÓIA
Telefone 259-955

Por deliberação da Assembleia Geral da Sociedade Agrícola «Casa Reynolds», SARL, para nos termos dos artigos 10.º e seguintes do Pacto Constitutivo reunir em sessão ordinária na sua sede social na Quinta das Amoreiras em Santa Iria de Azóia no próximo dia 30 do mês de Janeiro às 16 horas, para deliberar sobre a seguinte ordem de trabalhos:

a) Regularização da situação legal de uma parcela de terreno vendida em 1961 a Armando Vitorino e mulher, Natália de Jesus Vitorino, a qual se encontra ainda integrada no prédio pertencente á Sociedade, Cruzinha de Baixo — Pireacoche.

b) Venda de uma parcela de terreno.

c) Compra de várias parcelas de terreno.

d) Doação de terreno necessário á instalação de um cemitério.

e) Exame da actividade desenvolvida pelo C.A. durante o ano de 1967 e estudo da orientação — a imprimir no futuro aos assuntos sobre que lhe cabe ocupar-se.

f) Discutir, aprovar ou modificar o balanço e o relatório do conselho fiscal.

Lisboa, 23 de Dezembro de 1968.

O PRESIDENTE
DA ASSEMBLEIA GERAL
Luís Gallego

PIANOS
VERTICAIS
E DE CAUDA
ALUGAM-SE
Estabelecimentos
VALENTIM
DE CARVALHO
Comércio e Indústria, S. A. R. L. — 95, Rua Nova do Almada, 99 LISBOA

DINHEIRO
S/ AUTOMÓVEIS
Empresta-se em boas condições. Transacções rápidas. Sigilo absoluto.
SONIPAL
R. CONDE REDONDO, 34-2º
TELEFNS. 52248-556580

MINISTÉRIO DA SAÚDE E ASSISTÊNCIA

HOSPITAL DE SANTA MARIA

CONCURSOS PARA O ANO DE 1969

Detergentes	**Conc. Público n.º 27/69**
Conservação e Manutenção do Equipamento dos Blocos Operatórios e Esterilização	**Conc. Público n.º 28/69**
Conservação e Manutenção de todas as Instalações Telefónicas da Rede Interna e de toda a Aparelhagem de Som	**Conc. Público n.º 30/69**
Conservação e Manutenção da Aparelhagem Óptica e de Microtomos	**Conc. Público n.º 31/69**

As respectivas condições encontram-se patentes todos os dias úteis das 9 às 12 e das 14 às 17 horas, excepto aos Sábados (das 9 às 12,30 horas), na Secretaria do Serviço de Aquisições.

A abertura das propostas terá lugar no dia e hora indicados nos Cadernos de Encargos.

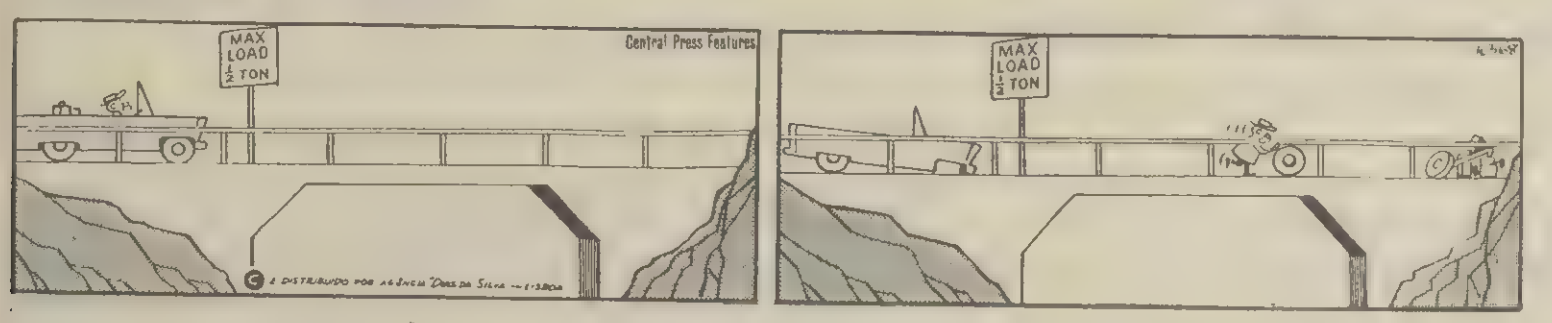
Lisboa, 27 de Dezembro de 1968.

O CHEFE DO SERVIÇO DE AQUISIÇÕES
Manuel Brioso Pina de Jesus

Os Peanuts

Carol Day

Aventuras do Tio Carlos



HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 2 de Janeiro de 1939 pu-

«LONDRES, 2. — Os jornais publicam o programa da visita de Chamberlain e de Halifax a Roma e admiram-se que esse programa apenas comporte uma visita oficial de Chamberlain a Mussolini.

«Segundo o «Times» escreve, em correspondência de Roma, há a certeza de que a questão de Espanha será o primeiro assunto das conversações. «Um informador oficial do Governo italiano — diz — declarava recentemente que a rápida liquidação desta guerra era para a Itália da mais imediata importância em consequência do problema da Tunísia e de Jibuti. Se a vitória de Franco se fizesse esperar, Mussolini poderia vir a perguntar se o jogo vale a pena.»

quando for almoçar ou jantar ao restaurante
Cova da Moura
AV. INFANTE SANTO, 13
repare na iluminação fornecida por
BRONZES SÃO JORGE
RUA SANTO ANTÓNIO DOS CAPUCHOS 94 A

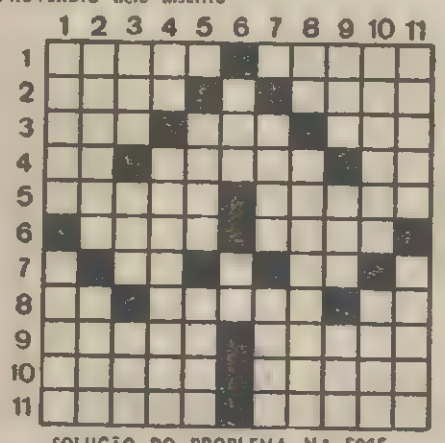
Palavras cruzadas

(COM PROVÉRBIO)
PROBLEMA N.º 5046

HORIZONTAIS: 1 — Esmonca. Granja. 2 — Portanto. Furta. 3 — Eva. Cabelos brancos. Primeiro dos três palavras que formam o nome de uma freguesia do concelho de Agueda. 4 — Interjeição que exprime admiração. Predestinam. Antes de Cristo. 5 — Girar. Margem. 6 — Tempo do verbo ser. Caminha. 7 — Abreviatura de idem. Porco. 8 — Campeão. Abaixe. Artigo definido. 9 — Mulher que foi amada por Petrarca. Lavrava. 10 — Olhar atentamente. Marcar o peso da tara em. 11 — Perfume. Empregara.

VERTICAIS: 1 — Desmontar. Serenidade. 2 — Conjunto de ideias e imagens que se apresentam ao espírito durante o sono (pl.). Ir para fora. 3 — Fecha as asas para descer mais depressa. Ofereci. Boi selvagem. 4 — Artigo definido. Vestiram com farda. 5 — Rosto. Criança francesa, célebre pelo seu heroísmo. 6 — Uma das abreviaturas de Madeira. Aqui. 7 — Rainha da Arábia, também chamada Belkiss. Nome vulgar em Benguela, de um réptil da ordem dos sáurios. 8 — Campeão. Falsidades. 9 — Saudável. Passado. Pedra de altar. 10 — Aguçara. Vila e concelho do distrito de Aveiro. 11 — Racha. Guarnecera de asas.

Resolveu completamente este problema?
Procure agora, em segundo passatempo, o PROVÉRBIO nele inscrito



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5045

HORIZONTAIS: 1 — Opa. Bart. El. 2 — DE. Gap. RICO. 3 — Ens. Roubou. 4 — Capelistas. 5 — Dá. Pote. 6 — Olhareis. 7 — Pasmada. Rés. 8 — SOBERBO. 9 — NÃO. Ela. HÁ. 10 — Desvia. Amei. 11 — Ás. Assacais.

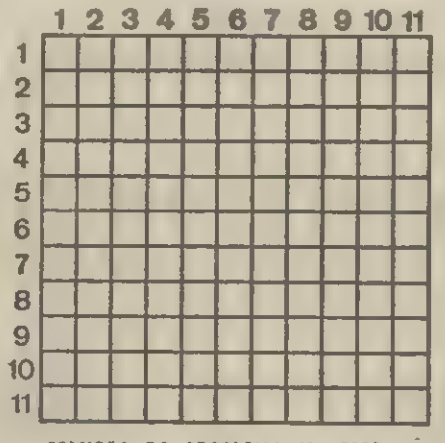
VERTICAIS: 1 — Ode. Depende. 2 — Penca. Aes. 3 — Sá. Ossos. 4 — PALMO. Vá. 5 — Bare. Hábeis. 6 — Apalpadelas. 7 — Piorara. 8 — Triste. AC. 9 — INTEIRO. Má. 10 — Ecoa. Sé. Hei. 11 — Lousã. Suois.

(Provérbio: DE RICO SOBERBO NÃO HÁ PALMO INTEIRO).

(NOVA MODALIDADE)
PROBLEMA N.º 8890

HORIZONTAIS: 1 — Estacionar. O mesmo que perna de pau (jogo). 2 — Além. Simulam. 3 — Passo junto de. Macaca. 4 — Pedra de altar. Vende a crédito. Abreviatura de Santíssimo Sacramento. 5 — Abreviatura de idem. Nome dum planeta. Artigo definido. 6 — Têm na memória. Ligara. 7 — Invulgar. Cidade da Arábia. 8 — Porco. Apeldo. 9 — Vai para fora. Aperto. molhos. Monarca. 10 — Montões. Sofa. 11 — Utensílio para lavrar a terra. Espíritos.

VERTICAIS: 1 — Cessais de andar. Doença que dificulta a respiração. 2 — Despentar. Prefixo que designa ar. 3 — Cabo da costa de Portugal. Repreensão. 4 — Para barlavento. Simples. Preposição latina que designa movimento. 5 — Batráquio. Reputação. Emprego. 6 — Senhor em inglês. Prata (s. q.). 7 — Mil e cem em romano. Peixe escômbrida do Algarve. Três iniciais que se encontram juntas em muitas passagens bíblicas com o significado de Ah! Oh! 8 — Medida de líquidos usada na Alemanha, Holanda e Suíça. Autor dramático, jornalista e estadista português, autor de «O Saltimbanco». Plural (abrev.). 9 — Ninhos. Ergueram. 10 — Enfastiara. Povoação do concelho de Condeixa. 11 — Amachuca. Esteiros.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 8889

HORIZONTAIS: 1 — Dança. Acabe. 2 — Açor. Amer. 3 — Com. Bom. Bar. 4 — Aleta. Inata. 5 — Rosa. Eram. 6 — Coral. 7 — Lodo. Asta. 8 — Anoso. Asaia. 9 — Per. São. Imã. 10 — Arem. Ador. 11 — Oásis. Abara.

VERTICAIS: 1 — Dacar. Lapão. 2 — Acotá. Onera. 3 — Nomes. Dores. 4 — Cr. Tacos. Mi. 5 — Ba. Os. 6 — Co. Tri. Al. 7 — Mi. Ao. 8 — Ca. Nelas. Ab. 9 — Âmbar. Salda. 10 — Beato. Timor. 11 — Erram. Asara.

1968

742 Propriedades construídas e vendidas no valor de 161.011.220$40

J. Pimenta

1969

Tudo o que o público amigo pretender. Estamos industrializados para corresponder a todas as exigências.

ANDARES APARTAMENTOS MOBILADOS MORADIAS

J. PIMENTA É A MAIOR ORGANIZAÇÃO COMERCIAL E INDUSTRIAL DO PAÍS NO SECTOR DE PROPRIEDADES. A ÚNICA QUE PROJECTA, CONSTRÓI, DECORA, VENDE E ADMINISTRA.

A VENDA DE ANDARES COM GARANTIA DE RENDIMENTO, ASSEGURADO ESTE, NO ACTO DA ESCRITURA DE COMPRA E VENDA,É MODALIDADE INÉDITA QUE **J. PIMENTA** CONCEBEU HÁ DOIS ANOS PARA PROTEGER OS INTERESSES DOS SEUS CLIENTES.

180 CONTOS RENDEM-LHE 1.125$00 MENSAIS

GARANTIDOS DURANTE 12 ANOS, PAGOS DIRECTAMENTE ONDE O CLIENTE INDICAR.

MAIS DE 3.000 CLIENTES EM TODO O ESPAÇO PORTUGUÊS, NA EUROPA E NOUTROS CONTINENTES ATESTAM O NOSSO COMPORTAMENTO DANDO PREFERÊNCIA À NOSSA ORGANIZAÇÃO.

NÃO VÁ EM CONVERSAS, CONVERSE CONNOSCO OU COM OS NOSSOS CLIENTES PORQUE SÓ ELES E NÓS PODEREMOS DIZER-LHE A VERDADE.

LOCAIS DAS NOSSAS PROPRIEDADES: AMADORA E LINHA DE CASCAIS E PARA 1969 CASCAIS E LISBOA.

INFORMAÇÕES NO LOCAL DAS NOSSAS CONSTRUÇÕES OU NOS NOSSOS ESCRITÓRIOS.

LISBOA
RUA CONDE REDONDO, 53-4.º, Esq.º
TEL. 45843/47843

QUELUZ
RUA D. MARIA I, N.º 30
TEL. 952021/22

REBOLEIRA-AMADORA
TEL. 933653/70

TV dia a dia

HOJE PODE VER...

NOITE DE CINEMA: O NOIVO DAS CALDAS

ANA PAULA, a protagonista de «O noivo das Caldas»

Fernando Curado Ribeiro é o galã desta película nacional, contracenando com Ana Paula

ADAPTAÇÃO CINEMATOGRÁFICA da comédia de João Bastos, com realização de Artur Duarte. Intérpretes: António Silva, Ana Paula Zeiger, Curado Ribeiro, Josefina Silva, M. Santos Carvalho, Maria Olguim, Erico Braga, Cármen Mendes, Costinha, Luísa Durão, Humberto Madeira, Maria da Luz, Raul Solnado, Yola, António Palma, Elvira de Figueiredo, Salles Ribeiro, Rosinda Rosa, Mário Santos, Maria Leonardo, Pestana de Amorim e Deolinda Rodrigues.

Este filme será apresentado cerca das 22 horas.

Dong McCline, é um dos principais intérpretes da série «O Maioral», no papel de «Trampas», que logo pelas 22 e 25, estará em acção num episódio, pleno de movimento

O MAIORAL: RANCHEIROS EM LUTA

O JOVEM STEVE um dos vaqueiros do juiz Garth, parte em demanda do Oeste, pois o seu sonho é trabalhar com gado.

Trava conhecimento com Johnny Wade, outro vagabundo como ele, que o toma sob a sua protecção e lhe ensina todos os segredos da profissão.

Georgia Price, dona do rancho «Walking Butle», contrata-os com o intuito de prejudicar o juiz Garth e os outros rancheiros, travando-se um duelo de morte entre eles...

É esta a história que nos conta o episódio que se exibe pelas 22 e 25 e que foi realizado por Jerry Hopper, tendo como intérpretes Lee J. Gobb, James Drury, Dong McCline, Gary Clarke, Brian Keith, Roberth Shore e Geraldine Brooks.

2.º PROGRAMA
Revista do Ano Internacional

AS 2.ª e 3.ª edições do Telejornal pelas 21 e 30 e 23 e 45, respectivamente, e ainda a Revista do Ano Internacional, passando em revista os acontecimentos da vida além-fronteiras em 1968, cerca das 21 e 50 preenchem a emissão de hoje do emissor UHF, de Lisboa.

Rádio

PROGRAMA DE HOJE

EMISSORA — 1.º Programa — 451 m — 665 kc/s — Às 16: Noticiário; 16 e 05: Luz no Horizonte; 16 e 30: Que quer ouvir?; 17: Mensagens de militares em serviço na província de Angola; 18 e 10: Programa da Mulher, por Maria Emília Cancela de Abreu e Judite Navarro; 18 e 40: Musica e Sonho; 19 e 50: Musica só musica; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Solistas ligeiros; 20 e 35: 9.º episódio do folhetim «A História da Rainha Santa»; 21: Jornal de Actualidades; 21 e 30: Melodias por «Los 4 Planetas»; 21 e 40: Variedades; 22 e 30: Orquestras ligeiras; 23 e 05: Programa da noite; 1: Fecho.

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s — Às 16 e 30: 1.º e 2.º actos da ópera «Luísa» (Charpentier); 18: Musica do século XX; 19: Horizonte, semanário de Letras e Artes. 19 e 30: Folclore Português — Musica da Beira [illegible] por [illegible] B B C [illegible] de piano. 20. [illegible] 30 e [illegible] Musica Sinfonica [illegible] 30: Concerto pelo Grupo Vocal Feminino Harmonia, sob a direcção de Friedrich Wilhelm Verner. 20 e 51: Scherzo n.º 3 em dó sustenido menor op. 39 (Chopin) — piano: Tamas Vasary; 21 e 30: Panoramas da História, pelo dr. João Ameal; 21 e 50: Recital pelo soprano Maria de Malibrina, com a colaboração da pianista Ramona Sanuy; 22 e 10: Concerto n.º 58 em fá maior (Tartini); 22 e 20: Poemas sinfónicos;

3.º Programa — (Cultural em MF 2) — 94,3 mc/s 23: Musica de piano — Sonata n.º 3, opus 33 em fá sustenido menor (Scriabine) por Sanson François — Balada n.º 1, em sol menor, opus 23 (Chopin) — por Wilhelm Backhaus; 23 e 30: Musica Sinfónica — Ronda da Primavera (Debussy) — Orquestra Sinfónica de Londres sob a direcção de Pierre Monteux — Sinfonia n.º 1, em dó menor, op. 68 (Brahms) — Orquestra da Sociedade de Concertos do Conservatório de Paris sob a direcção de Charles Munch; 0 e 27: Musica de arco — Suite n.º 6, em ré maior, para violoncelo (Bach) — Janos Starker (violoncelo) 1: Fecho

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 15: Canções ao acaso; 18 e 30: Lisboa á tarde; 19 e 15: No mundo aconteceu; 19 e 30: Rádio-Jornal; 20 e 05: Conjuntos vocais; 20 e 30: Jornal dos espectáculos; 20 e 45: Tempo de ritmo; 21 e 03: Diapasão; 21 e 32: Impacto; 22: Noticiário; Impacto (continuação); 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 02: «P. B. X.»; 2: Contacto. 3 e 02. A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Talismã

Modulação de frequência — 97,4 mc/s — Às 16 e 04: Clube das Donas de Casa; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 20 e 52: Boa noite em FM. 22 e 02: Programa á Gó-Gó; 23 e 08: Grande roda; 0 e 02: Alta Fidelidade Philips; 1 e 03: Banda Sonora; 2: FM-67; 4: Fecho

Emissor de Miramar — 383,6 m — 782 kc/s — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Matinée teatral, 19 e 03. Miscelânea; 19 e [illegible] Ela, 19 e 30: Robbialac; 19 e 4[illegible] Crónica Feminina;; 20 e 05: Rádio Placard; 20 e 20: Norte dia a dia; 21 e 05: Cabina de escuta, 21 e 10: Orquestra; 21 e 15: Só-Rádio; 21 e 30: Leitura; 22 e 02: Rádio Jornal; 22 e 30: Presença coimbrã; 23 e 04: Clube da Juventude

RÁDIO RENASCENÇA — 233,2 m — 1286 kc/s — Às 16: Radiorama; 18: Melodias famosas; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 05: Musica seleccionado 19 e 30: Página um; 20 e 55: Meditando: 21: Variedades: 21 e 30: As vozes de Madalena Iglésias e Gabriel Cardoso; 21 e 45: Conjuntos; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Musica variada; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho.

Estação do Porto — [illegible] m — 1169 kc/s — Às [illegible] Radiorama; 18: Uma orquestra; 18 e 30: Terço, da Basílica dos Mártires, em Lisboa, 19 e 05: Musica selecoionada, 19 e 30 Página um 20 e 5[illegible] Meditando, 21 Mosaico 20 e 30 [illegible] marinos, 2[illegible] A [illegible] companhia, 23. A 23.ª hora [illegible] Fecho

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — [illegible]8 m — 1594 kc/s — 94,4 mc/s — **Rádio Peninsular** — Das 7 ás 8 e das 12 ás 14 e 30 — **Rádio Voz de Lisboa** — Do[illegible] a 2 e das 19 e 30 ás 2 — **Clube Radiofónico de Portugal** — Das 8 ás 10 e das 22 ás 2 — **Rádio Graça** — Das 14 e 30 ás 19 e 30

PROGRAMA DE HOJE

1.º Programa — Às 19: TV Educativa, 19 e 30: Telejornal; 19 e 50: Lanterna Mágica; 20 e 15: Vamos Dormir; 20 e 25: Programa Feminino; 20 e 40: Vamos Jogar no Totobola; 20 e 55: «Ao Serviço da Nação»; 21 e 30: Telejornal; 21 e 55: Noite de Cinema — «O Noivo das Caldas»; 23 e 50: Telejornal, Meditação e Fecho

2.º Programa — Às 21 e 30: Telejornal; 21 e 50: Revista do Ano Internacional; 22 e 25: O Maioral; 23 e 45: Telejornal e Fecho

TELEVISORES GRUNDIG

AMANHÃ — **1.º Programa** — Às [illegible] TV Educativa 19 e 30. Telejornal; 19 e 50: Quarto dos Brinquedos, 20 e [illegible] Vamos Dormir; 20 e 30. Cartaz TV 2 [illegible] «Ao Serviço da Nação», 21 e 30 Telejornal, 21 e 55: «As Nossas Queridas Mulheres», 2[illegible] e 25 História da Musica, 22 e 55 Serie do Oeste, 23 e 50 Telejornal Meditação e Fecho

2.º Programa — Às 21 e 30: Telejornal, [illegible] e 5[illegible] Concerto — «Os Menestréis de Lisboa», 22 e 10. Tom Sawyer [illegible] e 4[illegible] Estudio C [illegible] 23 e [illegible] Telejornal e Fecho

TUDOR PILHAS BLINDADAS ESTANQUES

canal da crítica

COMPARANDO SIMONE COM SIMONE

Quando, há dias, empreguei numa crónica a palavra crise **para me referir ao panorama do cançonetismo português, estava ainda bem longe de enfrentar toda a verdade da situação. Faltava-me, para isso, assistir à actuação de uma das mais ilustres cançonetistas da nossa praça: Simone de Oliveira.**

A sessão de variedades da noite da passagem do ano deu-me, nesse aspecto, mau prenúncio. Simone interpretou a canção de Mary Hopkin em termos muito desfavoráveis para o seu prestígio. Cantou muito mal, nunca vestiu a pele da canção, em resumo: nunca a amou. E só se vive bem aquilo que se ama.

No TV Clube de ontem, Simone de Oliveira ofereceu-nos, como cançonetista uma das suas piores actuações na Televisão Portuguesa. Não que os seus recursos hajam diminuído. Simone não canta pior do que cantava há dois anos. Simone canta bem e canta mal como há dois anos: canta bem o que vive bem, canta mal o que sente mal. Claro que não deixa de ser subjectivo isto de viver uma canção mal ou bem, mas a verdade é que, à força de convivermos com um artista, se percebe **quando está a fazer arte ou a fazer negócio.**

Para Simone de Oliveira nem todas as canções servem, sendo isto verdade para ela ou para qualquer outro intérprete. Se, ontem, nem uma vez unica foi possível a real comunicação com o publico, foi apenas porque a cançonetista interpretou apenas o que para si não fora talhado. Experimente Simone envergar um vestido feito para outra pessoa e verá a figura que faz!

Simone não entendeu as canções brasileiras: não viu o que nelas havia de coloquial, de mais falado que cantado. Na canção francesa, não conseguiu mergulhar na sua raiz: ficou-se pelo jogo da melodia, tornou frívolo o que é um grito de amor. E quanto á canção em língua inglesa, não saboreou as palavras; disse-as a correr para se livrar delas.

Claro que esta crítica será [illegible]rosa na medida em que estou comparando Simone com Simone. Se tomasse outras cançonetistas por padrão talvez que eu estivesse aqui a fazer elogios rasgados e falaria na sua presença, na beleza que consegue obter através do sublinhado de uma palavra ou de uma expressão, no equilibrio da representação, na [illegible] com que evita o corpo [illegible] do microfone. Simplesmente, isso deve considerar-se em Simone como um capital já adquirido, que deve ser aplicado em canções de valer a pena. Lutar contra a facilidade é a atitude correcta num artista que se preza. Ontem, o «TV Clube» foi para Simone de Oliveira um cruzeiro de férias no mar da facilidade. Vale a pena cantar assim? Vale a pena ser turista no território da canção?

MÚSICA, MAESTRO!

A entrada do novo ano fez-se sob o signo da musica.

(Continua na pág. seguinte)

FERGUSON A GRANDE MARCA BRITÂNICA DE TV

TV dia a dia

(Continuação da pág. anterior)

Muita, durante todo o dia. A própria fita da «tarde de cinema» estava embebida em canções. Esta furia musical viria a atingir o cumulo com a transmissão, pela Eurovisão de um concerto de valsas de João Ramilhete realizado em Viena de Áustria.

Não quer isto dizer que eu seja antivalsa. Convenhamos, porém, que se foi longe, que se abusou da paciência do publico. Houve demasiada valsaria, nem sempre apresentada com bom gosto. As florinhas, os fáceis e voláteis passes baléticos, a gesticulação cómica do regente da orquestra, pode ser que em Viena estejam certos

Pode ser. Mas duas ou três valsas bastavam para baptizar o neófito, não?

FRIVOLIDADE POR FORA, SERIEDADE POR DENTRO

O filme espanhol que ontem se apresentou ao publico português vem aureolado por uma série de consagrações e de aplausos. Justíssimos

Dizer dele que nos fez rir a bandeiras despregadas, não será o bastante. O mais significativo será dizer que nos fez pensar dentro da carruagem da gargalhada

O telespectador ao sorrir diante de certos quadros históricos estava a fazer investigação e a pôr questões por sua própria conta. O curioso filme da Televisão espanhola ultrapassa, deste modo, a fronteira do puro divertimento para se transformar em meditação sobre a felicidade. O Homem — foi dito por outras palavras (ou, melhor dizendo, por outras imagens) tem de vencer uma série de preconceitos e de forças irracionais, se quiser ser amplamente feliz. E a ultima imagem, a dos «robots» humanos do ano três mil que se aproximam e se beliscam, é um grito de esperança na certeza de que, faça-se o que se fizer, o amor acabará por vencer.

A emissão *daquele* filme na televisão portuguesa representa, só por si, um progresso que me apraz registar. Caramba, os telespectadores portugueses sentem-se muito honrados em que os considerem pessoas crescidas, maiores e vacinadas

ENCERADORAS

O BEBÉ DE SOFIA LOREN VISTO DE BORDO DA «APOLO 8»...

As «gralhas» poisam em todo o lado. A História da Imprensa no nosso País está cheia de histórias onde as «gralhas» são as principais personagens.

O ano de 1968 não acabaria sem que uma «gralha» q'sonha viesse alegrar o «Telejornal». Contracenavam Gomes Ferreira e Manoel Caetano. A certa altura, Manoel anuncia: «Imagens tiradas de bordo da «Apolo 8». As imagens diziam afinal respeito ao nascimento do pimpolho de Sofia Loren...

«Gralha» inofensiva, sem quaisquer consequências diplomáticas, pois as astronaves fazem espionagem — mas não levam o seu espírito de missão tão longe ..

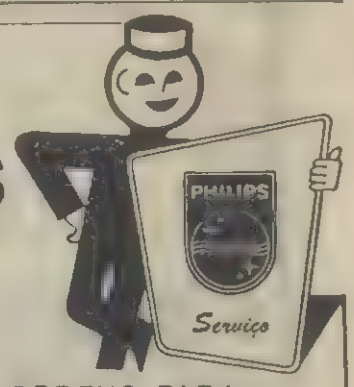
A propósito: na mesma rubrica falava-se em «*espaçónave*». Sei que uma língua morre e nasce em cada dia Pois que morra com dignidade e nasça com bom gosto — o que não é o caso do «espaçónave». Nova «gralha»?

M

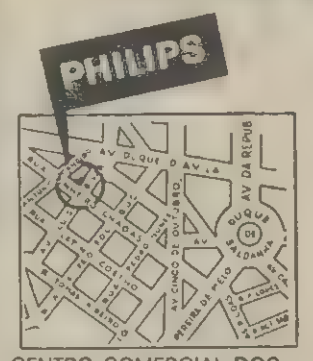
RECINTOS DE DIVERSÕES

- Está a actuar no Rio de Janeiro no restaurante Lisboa á Noite o conhecido agrupamento «Os 3 de Portugal».
- Estreou-se com pleno êxito em São Paulo, no restaurante Abril em Portugal, a cantadeira Estela Alves.

Serviço PHILIPS



AS SUAS ORDENS PARA:



Montagens de: **Auto-Rádios**

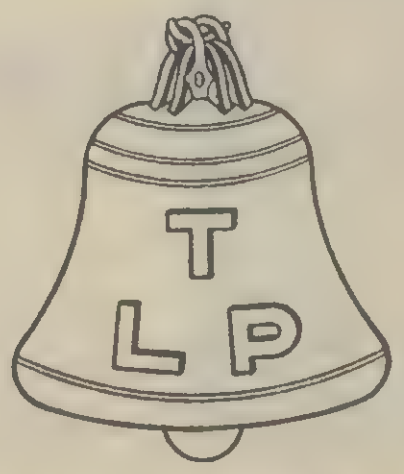
Venda de: **Acessórios**

Reparações **Rápidas**

CENTRO COMERCIAL DOS SERVIÇOS TÉCNICOS DA PHILIPS PORTUGUESA

Avenida Luis Bivar, 85-A
Rua Pinheiro Chagas, 68
Telefone 58 02 00 — LISBOA

HIPOTECAS
FAZEM-SE EM LISBOA, ARREDORES E PROVÍNCIA
AO JURO DA LEI
A CONFIDENTE
ROSSIO, 3-2.º TELEF 369384



TELEFONES DE LISBOA E PORTO
EMPRESA PÚBLICA

AO COMPLETAR O 1.º ANO DA SUA ACTIVIDADE AO SERVIÇO DA NAÇÃO CUMPRIMENTA TODOS OS SENHORES ASSINANTES A QUEM APRESENTA OS MELHORES VOTOS DE UM FELIZ ANO NOVO.

LISBOA — RUA ANDRADE CORVO, 14
PORTO — RUA DA PICARIA, 5

DESPORTO

TOTOBOLA

O NOSSO PALPITE

U. Tomar-Belenenses ...	[illegible]
Porto-Setúbal	X
Académica-Sanjoan. ...	1
C. U. F.-Leixões	1
Guimarães-Varzim	1
Espinho-A. Viseu	X
Leça-Famalicão	2
Tirsense-Beira-Mar	1
Vale-Cam.-Salgueiros ...	2
Tramagal-T. Novas ...	1
Sintrense Barreirense	2
Luso-Lusitano	X
Sesimbra-Montijo	X

SPORTING-ATLÉTICO (4-2)

As defesas «deram» brilho aos avançados contrários

Mau começo de ano tiveram as duas equipas que ontem se defrontaram no Estádio Alvalade.

A do Atlético, visitante, porque não conseguiu lograr os seus intentos na conquista de pontos, necessidade que se lhe impõe em todos os desafios para conseguir êxito na tentativa de fuga que empreende; a do Sporting dado que após a campanha do norte onde se terão desvanecido as suas pretensões ao titulo, não revelou talento para adregar a actuação que fizesse esquecer aos seus adeptos esse desfazr de ilusões.

Todavia o ataque do Sporting marcou quatro golos, proeza pouco vulgar para os dianteiros «leoninos» na presente temporada Esse facto, aparentemente digno de aplauso, se pode disfarçar deficiências globais. não esqueceu no entanto a modéstia de uma exibição que apreciada á luz das incidências do jogo colocou em plano de realce as «maselas» que presentemente afectam o onze sportinguista.

O conjunto alcantarense nem sequer se entregou a processos de anti-jogo ultra--defensivos ou 'ilegais. Elogiosamente procurou até esplanar os seus lances numa dimensão que não confinasse a sua acção a um permanente labor defensivo. Resultou até ao longo de alguns períodos duradouros a excelente ligação e entendimento dos visitantes que no apoio recíproco e no trato do esférico nunca deixaram antever uma inferioridade que a marcha do resultado poderá sugerir.

Aconteceu até nos domínios da execução individual um dos factores que mais desagradávelmente nos impressionaram ontem na turma de Alvalade A suavidade de pés que denuncia um trabalho constante e identifica o futebolista de eleição teve fugaz aparição na equipa verde-branca. Esse pequeno (para alguns) pormenor explicará até o malogro de muitas jogadas sportinguistas carecidas de executores para lhes dar continuidade.

*

É bem verdade que o Sporting usufruiu de largos trechos da supremacia territorial. Não é menos certo que no confronto quantitativo Damas-Botelho resultou muito mais laborioso para o guardião de Alcantara. São teses que não carecem sequer da correspondente demonstração. No entanto elas não podem conduzir á conclusão de que a supremacia do Sporting foi de tal modo evidente que impôs, para além dos quatro tentos alcançados, intenso e brilhante trabalho a Botelho.

Como se poderá justificar então que os habitualmente incisivos dianteiros «verde--brancos» fizessem por quatro vezes o esférico transpor o risco branco da baliza contrária, quando se não podem debitar concessões especiais ao guarda-redes que nela actuava?

Uma unica razão se nos afigura válida: a fragilidade do sector de protecção á rede de Alcantara excessivamente vulnerável pelos flancos particularmente pela direita, o que nem sequer foi condignamente aproveitada pelos «leões».

Tivesse o Sporting um extremo esquerdo audacioso, atrevido e veloz que não o timorato Manuel Duarte e o Atlético apesar da sua agradável movimentação colectiva talvez lamentasse agora um resultado ainda mais desairoso

■

Outra nota saliente da partida, a defesa do Sporting consentiu dois golos ao ultimo classificado do campeonato.

Pois diga-se que por outros transes difíceis ainda passaram os defensores de Alvalade.

Houve, outem pelo menos, uma quebra evidente no credenciado compartimento defensivo do Sporting que a ausência de Hilário não pode totalmente explicar, mas que poderá encontrar justificação na nitida má forma de Armando que obriga a oscilar todo o sector. Mas para além desse inequívoco apontamento um outro elemento de análise haverá para apreciar. As deficiências posicionais dos homens do meo-campo nos lances defensivos (em linha com os companheiros da rectaguarda) que não lhes permitiu, nas jogadas de ressaca, tentativas (pelo menos) de captação do esférico, a cair habitualmente nas zonas de discussão entre «médios».

Por isso a defensiva sportinguista foi algumas (muitas) vezes enleada. Porque o esférico surgia nas zonas ou sua jurisdição sem tempo para as indispensáveis rectificações posicionais Por isso bastas vezes se viu um defesa «leonino» entre dois dianteiros alléticos

E se estes dispusessem ao menos de um companheiro para Tito, então sim, talvez o Sporting tivesse experimentado verdadeiras e reais dificuldades. Porque os que teve ontem foram muito por culpa própria...

■

O dr. Décio de Freitas, também não teve um ano novo feliz. Foram frequentes os julgamentos ao inverso e alguns até pelo menos para quem estava á distancia perfeitamente injustificados.

E V

AS EQUIPAS

SPORTING — Damas; Celestino, Armando (Bastos aos 60 m.), José Carlos e Pedro Gomes; Gonçalves e Pedras; Chico, Ernesto, Márinho e Manuel Duarte.

ATLÉTICO — Botelho; Durand J Carlos, Candeias e Murraças; Canário e F Mendes; Seminário, José Luis, Tito e José do Carmo

Arbitro: dr Décio de Freitas, de Lisboa

Golos: CHICO, aos 31 e 43 minutos; Márinho, aos 34 e GONÇALVES, aos 77 minutos, marcaram pelo Sporting. Os golos do Atlético foram obtidos por F. MENDES aos 69 m e por TITO aos 89 minutos

Marinho procura vencer a oposição de um defensor alcantarense

Bailado estranho perto da baliza alcantarense. Contudo Botelho parece senhor da situação

O BENFICA NO BRASIL

MONTEVIDEU, 2 — (A. N. I.) — O Penarol, de Montevideu, está a estudar uma proposta do Internacional (de Porto Alegre) para participar num torneio quadrangular de futebol a realizar entre Abril e Maio naquela cidade brasileira.

Além destes dois clubes participarão no torneio a selecção hungara de futebol e o Benfica.

DIA DO SINTRENSE

O Sintrense decidiu considerar «Dia do Clube» o desafio a disputar contra o Barreirense no dia 5 de Janeiro, a contar para o Campeonato Nacional da 2.ª divisão

NA «SÃO SILVESTRE» DE MADRID

Vitória do espanhol Salgado

• Ausência de Gamoudi
• Decepção dos portugueses

MADRID, 2. — (F. P.) — O espanhol Javier Salgado venceu a corrida de São Silvestre, disputada nas ruas de Madrid.

A corrida foi bem seguida por grande numero de espectadors, apesar do frio que se faz sentir em Madrid, disputou-se no bairro popular de Vallecana, ao sul da cidade. Participaram 44 atletas representando a Bélgica, a França, Portugal e a Espanha. O favorito (o tunisino Gamoudi) não chegou a alinhar, em virtude do voo do avião que o havia de conduzir a Espanha, ter sido anulado.

Classificação da prova

1.º, Javier Salgado (Espanha), os 5 kms em 15 m 35 s 6/10; 2.º, Emile Pultemas (Bélgica); 3.º, Charles Lismont (Bélgica), 15 m 49 s; 4.º, Jean-Pierre Ouine (França), 15 m 52 s; 5.º, Hamoud Ameur (França), 15 m 56 s; 6.º, Iluminado Corcuera (Espanha), 15 m 57 s; 7.º, Mariano Haro (Espanha), 16 m 03 s; 8.º, Augusto Alonso (Espanh), 16 m 10 s; 9.º, Carlos Perez (Espanha), 16 m 17 s 4/10, e 10.º, Morujo Julio (Portugal), 16 m 17 s 5/10

Em seguida classificaram-se com o tempo de 16 m 18 s, os corredores Maroquin (França) Maximiano Pinheiro (Portugal), Armando Aldegalega (Portugla) e Henry Vaes (Bélgica).

Carlos Tavares foi 2.º em Luanda

LUANDA, 2 — (A N. I.) — O sul-africano Van Zyl ganhou a corrida de São Silvestre disputada nas ruas de Luanda, tendo estabelecido um novo «record» da prova com 23,8 minutos. O «record» anterior fora estabelecido pelo benfiquista António Pinto, com 23,9 minutos, no ano anterior.

O segundo lugar coube a Carlos Tavares, do Benfica, e o terceiro a António R[illegible] p[illegible]nga de Lourenço Marques.

A S. Silvestre do Barreiro

Com a participação de 51 concorrentes (federados e populares) disputou-se no Barreiro a tradicional corrida de São Silvestre

A prova para atletas federados, na distância de 5000 metros, pertenceu ao benfiquista José Ferreira, enquanto na competição para populares numa extensão de 3200 metros, o triunfo coube a Francisco Ferrer, do Murches de Cascais

Fernando Baptista (Austin Cooper S) ganhou o «Rallye do Fim do Ano»

Terminou ontem com a prova complementar de Perícia - Maneabilidade o XIII «Rallye» do Fim do Ano á Figueira da Foz, integrado nas jornadas Automobilísticas do Fim do Ano, organizados pelo Clube Arte e Sport.

Na prova que reuniu numerosos concorrentes, os melhores resultados foram os seguintes:

1.º, Fernando Baptista, em «Austin Cooper S», com 940 pontos; 2.º Alfredo César Torres, 1001; 3.º, Vasco Salter Cid, 1005; 4.º, Manuel Santos Antunes, 1013; 5.º, Artur Santos, 1031; 6.º, Giovanni Salvi, 1036; 7.º Antonio Ferreira Almeida, 1041; 8.º, Luís Neto, 1042; 9.º José Guilherme Gael, 104[illegible], 10.º, Manuel Melo, 1060

Senhoras — 1.ª, Maria Isabel Gomes, 1044 pontos

CORPORAÇÃO DA IMPRENSA E ARTES GRÁFICAS

Reuniu-se o cons[illegible] da Corp[illegible] da I[illegible] e Artes Gráficas que [illegible] o [illegible] ordinário do organismo para 1969 [illegible] ficou as transferências de verbas [illegible] 1968.

Foram [illegible] assuntos [illegible] revisão de [illegible] tivas de tr[illegible]

Futebol no estrangeiro

México, 2-Itália, 3

CIDADE DO MÉXICO, 2 — Espectadores enfurecidos invadiram ontem o campo quando o México foi derrotado pela Itália por 3 a 2 num desafio internacional de futebol que se realizou nesta capital.

Os espectadores começaram a atirar para o campo com as duras almofadas de couro que arrancaram dos assentos, quando o árbitro mexicano Javier Aguilar anulou na segunda parte um golo da selecção do México, que estabeleceria um empate a duas bolas com os italianos

Muitos dos 80 mil espectadores que enchiam o campo apuparam o árbitro durante 10 minutos

O jogo foi interrompido e sòmente recomeçou quando as paixões acalmaram. O México conseguiu o empate a duas bolas, após o recomeço do encontro, e sòmente foi batido por um golo marcado pelo extremo-esquerdo italiano Luigi Riva quando faltava um minuto para terminar o desafio.

Ao intervalo o México vencia por um golo, marcado no último minuto da primeira parte pelo avançado-centro Enrique Borje

Os italianos empataram aos 13 minutos da segunda parte, também por intermédio de Riva, e dois minutos depois passaram o resultado para 2 a 1 com um tento marcado pelo avançado-centro Pietro Anastasia.

O México empatou aos 25 minutos por intermédio do extremo-direito José Luis Gonzalez e, finalmente, Riva fez 3 a 2 a favor dos italianos

As duas equipas voltam a defrontar-se de novo no próximo domingo nesta capital

Málaga, 1-Roma, 2

MÁLAGA (Espanha), 2 — O Roma venceu por 2-1 o Málaga num desafio particular de futebol disputado nesta cidade espanhola.

Ao intervalo os espanhóis venciam por 1-0.

TAÇA DAS FEIRAS

Saragoça, 3--Newcastle, 2

SARAGOÇA (Espanha), 2. (A. N. I.) — O Saragoça venceu o Newcastle por 3-2 no primeiro encontro dos oitavos de final da eliminatória que lhes coube disputar para a «Taça das Cidades com Feira».

Ao intervalo registava-se o empate a dois golos.

NO BRASIL

GERSON — O JOGADOR DO ANO

RIO DE JANEIRO, 2 — (A. N. I.) — O jogador Gerson foi eleito a melhor figura do futebol brasileiro no ano de 1968, pelo «Jornal dos Desportos», do Rio de Janeiro.

A ACADÉMICA VENCEU O MARÍTIMO (5-1)

FUNCHAL, 1 — (A.N.I.) — No Estádio dos Barreiros, com reduzida assistência, devido ao mau tempo, disputou-se um encontro particular de futebol em que a Associação Académica de Coimbra venceu o Marítimo por 5-1.

LUSO-AMERICANOS EM DESTAQUE NO FUTEBOL

LUDLOW (Massachusets), 2.— (A. N. I.) —A Imprensa destaca os nomes de três jogadores de ascendência portuguesa da equipa de Ludlow que chegou á final do Torneio Nacional de Futebol para juniores: Dennis Duarte, Tony Correia e Freddy Pereira.

Nessa final, o Hamilton venceu o Ludlow por 3-2, depois de ter sido anulado um tento desta ultima equipa.

Também no basebol se tem destacado a juventude luso-americana da região, em especial a equipa católica «Fátima».

Ténis

MIAMI BEACH (Florida), 2. — (F. P.) — No final de um duelo encarniçado, que durou mais de duas horas, a Austrália ganhou a Sunshine Cup, considerada a Taça Davis dos juniores, vencendo os Estados Unidos da América, que eram detentores do troféu, por duas vitórias a uma

CICLISMO INTERNACIONAL

BOTELLA E POBLET

PRESIDENTES DAS FEDERAÇÕES VALENCIANA E CATALÃ

Com a escolha de Luís Puig para presidente da Federação Espanhola de Ciclismo ficou em aberto o cargo de presidente que desde há anos vinha desempenhando na Federação Valenciana da modalidade.

Para preencher essa vaga acaba de ser eleito o antigo ciclista Salvador Botella, que, ao tomar conta do lugar, tomou a iniciativa de organizar o «Grande Prémio Laranja», prova destinada a corredores profissionais e que terá carácter de continuidade no calendário do ciclismo valenciano. Realizar-se-á também so dia (23 de Fevereiro) terá entre 230 e 250 km e um prémio de 50 000 pesetas para o vencedor.

O novo presidente da Federação Valenciana encontra-se igualmente empenhado em elevar a categoria da maior corrida velocipédica daquela região: a «Volta a Levante». A cidade de Elche apresentou a sua candidatura para ali se efectuar a partida da importante prova que terá a participação de cinco grupos espanhóis e mais dois estrangeiros, sendo um deles, provàvelmente, o grupo belga «Faema» com o famoso Merckx á cabeça.

★

De entre os numerosos candidatos ao cargo de presidente da Federação Catalã de Ciclismo, o antigo ciclista Miguel Poblet parece ser o que reune o apoio unanime de todos os sectores do ciclismo catalão.

Ao que se diz, Noé Tena será o vice-presidente e Mariano Cañardo acabará por assumir um cargo de acessor técnico.

★

A equipa «Fagos» anunciou já o seu quadro de ciclistas para a próxima temporada. Conta com os seguintes corredores: Jesus Aranzábal, Mariano Diaz, José Maria Errandonea, Francisco Gabica, Joaquin Galera, Lopéz Rodriguez, Ramon Mendiburu, António Menéndez, Luis Ocaña, Domingo Perurena, Luis Santamarina, Juan Sáenz e Eusébio Velez

Com vista á próxima época está assente a sua participação na Volta á França.

★

Ao dissover-se a equipa profissional da Ferrys, o ciclismo valenciano correu o risco de desaparecer do primeiro plano da velocipedia espanhola

Entretanto, porém, outra firma, a Pepsi-Cola, criou em Valência uma equipa de profissionais que veio preencher a vaga deixada em aberto pela Ferrys. A nova equipa valenciana foi há dias apresentada á Imprensa. Sob a orientação técnica de Salvador Botella e de Matias Bermejo, a equipa conta com os seguintes corredores: Mariné, Saez, os irmãos Lasa, Ibañez, Pedrero, Albelda, Roda Martinez Esterlich Demetrio Martin, Canet, Florêncio, Iborra e Yuste

★

A formação belga-italiana da «Faema» apresentará na próxima época os seguintes corredores: Merckx, Van Schil, Reybroeck, Spreejt, Van den Brosche, Swerts, Sercu, Van de Kerckhove, Van Den Berghe, Brands, Van Sweevelt, Stevens, De Rosso, Farissato e Scandelli. Drienessens e Vigna são os técnicos.

★

Também a Mercier, que é dirigida por Antonin Magne, decidiu já o seu quadro de ciclistas para 1969.

Compõem-no 14 franceses e 7 estrangeiros: Poulidor, Campaner, Chappe, Charbonneau, Ducreux, Genet, Guimard, Labourdette, Lemefeyer, Perin, Ricci, Riotte, Robino, Vidamente, Beugels, Coolos, Hiddinga Holan, Janssen, Peelman e Schier.

★

De 31 de Março a 3 de Abril realiza-se a XVII Volta a Maiorca que terá desta vez grande projecção internacional.

★

Com efeito os organizadores anunciam já como certas as presenças de grandes figuras do ciclismo, tais como Gimondi, Janssen, Van Springel e Merckx.

★

O italiano Bitossi foi o vencedor do «Prémio Bicicletina de Ouro» que é anualmente concedido por uma associação desportiva para distinguir o ciclista mais regular do ano.

Franco Bitossi obteve um total de 32 votos, enquanto Vitorio Adorni teve apenas 25

★

Nos primeiros dias de Janeiro são esperados em Palma de Mallorca cerca de 150 ciclistas suiços e holandeses que escolheram aquela ilha para fazerem a sua preparação de inverno.

Os dirigentes da Federação Balear de Ciclismo receberam correspondência nesse sentido, tendo-lhes sido reservados aposentos para um período de cerca de um mês.

CONGRESSO DE GINÁSTICA

Para proceder á apreciação discussão e votação das contas da direcção e parecer do conselho fiscal relativos ao mandato de 1967/1968 está marcada uma reunião do Congresso da Federação Portuguesa de Ginástica para as 21 e 30 do dia 16 de Janeiro, em continuação dos trabalhos interrompidos em 23 de Outubro último

«O DONO DA BOLA»

A bola, uma saltitante bola de borracha, faz a alegria da pequenada nas quatro partidas do mundo. Esta imagem, colhida pelo nosso repórter-fotográfico João Ribeiro num bairro popular de Lisboa é, digamos, uma imagem universal. A «equipa» mostra-se radiante e os braços no ar sugerem grande vitória, provàvelmente sobre o grupo da rua vizinha. Entretanto, um dos garotos se impõe como «leader» da «troupe». Talvez o melhor marcador de golos ou, simplesmente «o dono da bola»

NATAÇÃO

O Algés e Dafundo na inauguração da Piscina Olímpica de Luanda

Seguiu ontem, ao princípio da tarde, para Luanda, a representação metropolitana que vai inaugurar a piscina olímpica de Luanda: oito nadadores do Sport Algés e Dafundo.

A inauguração da piscina olímpica de Luanda terá lugar no próximo dia 4, com a presença de altas individualidades locais.

Estarão igualmente presentes na inauguração, além dos nadadores angolanos, atletas de Lourenço Marques e da África do Sul.

A equipa metropolitana é chefiada pelo dr. Francisco Alves, presidente da Federação Portuguesa de Natação, e dela fazem parte os nadadores Vítor da Fonseca, Monteiro da Silva, Joaquim Ferreira Alves, Bessone Alves, Fernando Rosa Jorge, Graça Maia, Ana Gaspar Monteiro e Cristina Patacas.

Convidados especialmente pela mesma comissão, seguiram quatro nadadores humorísticos do Algés: Horácio, Celestino, Custódio e Jorge.

Sublinhou, a propósito, o presidente da Federação:

— Receio muito que o Fundo de Fomento Desportivo não aprove o orçamento que a minha federação elaborou com vista aos trabalhos de 1969. Se assim vier a acontecer, todos os nossos planos com vista ao futuro ficarão destruídos, e a preparação para as Olimpíadas de 1972 irá sofrer um duro golpe.

A represntação metropolitana regressa a Lisboa no próximo dia 7 de Janeiro.

NA ALEMANHA

Futebolistas com férias pagas

MUNIQUE, 2 — (F. P.) — Os futebolistas da primeira divisão da Alemanha Ocidental, que são considerados como os empregados e os operários, têm direito a uma gratificação de férias como estes. Tal é o parecer da Federação de que dependem. Segundo os regulamentos, este abono é calculado em função do montante total dos seus emolumentos normais, gratificações

Kopa e Hidalgo indigitados para a Federação Francesa

Segundo fontes bem informadas é provável que o internacional francês Raymond Kopa venha a ser designado pelo Governo para fazer parte do conselho Federal do futebol francês.

Também outro antigo internacional Michel Hidalgo parece estar indigitado para um alto cargo na Federação.

Os novos dirigentes da Federação Francesa de Futebol ha pouco eleitos em Paris devem [illegible] em funções

PROVAS DA A. F. L.

Aproveitando o feriado nacional a A. F. L. fez disputar os encontros em atraso a contar para os diferentes campeonatos distritais.

Assim, temos:

Campeonato da 2.ª Divisão

Zambujalense-Charneca	1-0

Campeonato da 3.ª Divisão

SÉRIE A

Camarate-Armadorense	1-5
Operário-Império	2-2
Boa Hora-Estefania	4-5

SÉRIE B

Talaíde-Bom Sucesso	6-1

Campeonato de Juniores 1.ª Divisão

SÉRIE A

Palmense-Belenenses	(A)

(A) Adiado.

SÉRIE B

Sacavenense-Des. Olivais	2-0

2.ª Divisão

SÉRIE A

Mouraria-S. L. Águias	1-2
Bom Sucesso-Tires	1-2
Carcavelos-Porto Salvo	1-1

SÉRIE B

F. Benfica-Cacém	4-1

SÉRIE C

Charneca-Bela Vista	4-0
Cascalheira-Camarate	1-1
Liberdade-Lusitano C	3-1

SÉRIE D

P. Loures-Azambuja	3-0
U. Povoense-Povoense A	1-1

Campeonato de Juvenis

SÉRIE D

U. Povoense-Alverca	2-3

EM SESIMBRA

A HOMENAGEM AO TREINADOR CARLOS ALBERTO

Na festa de homenagem ao treinador dos juniores e juvenis do Sesimbra, Carlos Alberto Cunha, que ontem se efectuou no campo Vila Amália em Sesimbra a equipa local venceu o Se[illegible] na categoria de juniores. No desafio de [illegible] sesimbralenses [illegible]

GARRINCHA

FOI DISTINGUIDO COM O «GOLFINHO DE OURO»

Garrincha, cujo regresso triunfal aos terrenos de jogo foi considerado o maior acontecimento desportivo do ano no Brasil, acaba de ser destinguido com o troféu «O golfinho de ouro», destinado ao «atleta do ano».

O prémio foi-lhe atribuido em circunstâncias surpreendentes, pois Garrincha nem sequer figurava na [illegible] vencedor [illegible]

SURDOS

A CASA SONOTONE DESEJA A TODOS OS SEUS CLIENTES E BONS AMIGOS, À EX.ma CLASSE MÉDICA, ÀS 451 FARMÁCIAS NOSSOS COLABORADORES NA LUTA CONTA A SURDEZ NA PROVÍNCIA, À IMPRENSA, RÁDIO E TELEVISÃO

Ano Novo muito próspero

Ao iniciarmos mais um ano de trabalho, a gerência da Casa Sonotone agradece a quantos preferiram os seus serviços e ficaram seus clientes, prometendo continuar servindo sempre com toda a boa vontade, carinho e, muito especialmente, desenvolver todos os seus vastos conhecimentos da CIÊNCIA ELECTRO-ACÚSTICA, como foi demonstrado no último Congresso de Otorrinolaringologia, realizado na Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, a que presidiu o Ex.mo Snr. Dr. Nobre Leitão, apresentando o que existe de mais moderno para corrigir a surdez e, bem assim, contribuirmos para melhor assistência técnica aliada à superior qualidade dos seus aparelhos auditivos.

SONOTONE — MAIČO — DANAVOX — QUALITONE — REXTON

Em exposição os novos modelos para 1969, construidos com nova técnica, permitindo que uma pilha atinja a duração de 450 horas!

AGUARDAMOS AS VV. PREZADAS VISITAS e o bom acolhimento à nossa Brigada-Técnica que mensalmente visitam as localidades da Provincia.

LISBOA — Poço do Borratem, 33 — Telefones: 868352-865978-872428
PORTO — Praça da Batalha, 92 — Telefone: 35602

CARTAZ DOS CINEMAS

MONUMENTAL

(M 12 anos) Tel. 555131
Às 15.00, 18.15 e 21.30
2.ª SEMANA
70 mm — no «écran» gigante
AS SANDÁLIAS DO PESCADOR
com Anthony Quinn, Oskar Werner e Sir Laurence Olivier

QUINZENA INFANTIL
(M. 6 anos) — Amanhã ás 18.30 h.
BRANCA DE NEVE E OS 7 ANÕES, a obra-prima de Walt Disney, em ultima exibição em Portugal

TIVOLI

(M 12 anos) Tel. 5 05 95
Às 3 e 6.15 da tarde (a p. r.) e 9.30 da noite
2.ª SEMANA
JULIE ANDREWS
a inesquecivel vedeta de «Musica no Coração», noutra maravilha grandiosa em 70 mm
A ESTRELA (STAR!)

EDEN

(M 12 anos) Tel. 320768
Às 15.15, 18.30 e 21.45
3.ª SEMANA
CANTINFLAS no mais explosivos dos seus filmes
AS MINHAS PISTOLAS

LUMIAR

(M. 12 anos) Tel. 791574
Às 15.30 e 21.30
LONGE DA MULTIDÃO
com Julie Christie, Terence Stamp, Peter Finch e Alan Bates
Um dos maiores êxitos da temporada
PARQUE PRIVATIVO
AR CONDICIONADO

EUROPA

(M. 12 anos) Tel. 661016
Às 15.15 e 21.30
3.ª SEMANA
CANTINFLAS
no seu mais «explosivo» filme
AS MINHAS PISTOLAS

ODEON

Telef. 32 62 83
Às 15.15 e 18.15 (p. r.) e 21.30
3.ª SEMANA SENSACIONAL
A comédia musical com arrebatadoras corridas de touros
MARISOL E O TOUREIRO
com o famoso «espada» PALOMO LINARES
(Co[illegible] (M 12 anos)

SÃO LUIZ

Tel 327172
Às 15.15, 18.15 e 21.30
Os mais fabulosos desenhos animados
PARA TODOS Technicolor
3.ª SEMANA
O novo filme de Walt Disney
O LIVRO DA SELVA
No programa o filme:
CORRE, CORRE, CAVALINHO

ALVALADE

Tel. 763680
Às 15.45 e 21.45
Os mais fabulosos desenhos animados — PARA TODOS
Technicolor
O novo filme de Walt Disney
O LIVRO DA SELVA
No programa o filme:
CORRE CORRE CAVALINHO

IMPÉRIO

(M. 12 anos) Tel. 555134
Às 15.15 e 21.30
Technicolor—Panavision 70 mm
4.ª SEMANA
OLIVER!
Real Carol Reed
c/ Ron Moddy — Oliver Reed — Mark Lester e Shani Wallis

Sessão clássica, hoje, ás 18.30 (Adultos). Um filme de Nadine Trintignant «MEU AMOR, MEU AMOR», com Jean Louis Trintignante e Valerie Lagrange — Cinemascope-Eastmancolor

ESTÚDIO

Às 15.30, 18.30 e 21.45
Para todos—Cinemascope—Color.
O NOVO
SUPER FESTIVAL — TOM & JERRY

AVIS

(M. 12 anos Tel. 47163
Às 21.45
3.ª SEMANA
Divertida história sentimental
MARISOL E O TOUREIRO
com Marisol e «Palomo Linares»
EASTMANCOLOR

CASINO ESTORIL

(M. 12 anos) Tel. 260729
O ESPIÃO SAI ÀS NOVE
c/ Hayley Mills, Dean Jones, Dorothy Provine, Rod McDowall e Neville Brand

MUNDIAL

(Adultos) Tel 538743
Às 15.15, 18.30 e 21.45
O discutido filme de Charlie Chaplin
A CONDESSA DE HONG-KONG
com Sophia Loren e Marlon Brando
Metro: Picoas
TECHNICOLOR

POLITEAMA

(M 12 anos) Tel 32 63 05
HOJE, À NOITE, ÀS 21.30
2.ª SEMANA DE ÊXITO EXTRAORDINÁRIO
com o idolo dos idolos MONTGOMERY WOOD
QUEM DISPARA PRIMEIRO
Um filme de tremenda acção sempre explosiva!

HOJE, ás 18.30 (Adultos)
SESSÃO CLÁSSICA

CONDES

Telefs. 32 25 23 32 67 10
Às 15.15, 18.15 e 21.30
(Para todos)
Este é o vosso grande amigo!
ASTÉRIX, O Gaulês
E na primeira parte — Fabulosas viagens e desenhos TOM & JERRY
O maior brinde das férias

LIDO

Tel 93 75 93 AMADORA
(M. 12 anos) Às 21.30 h.
Um espectáculo maravilhoso no «écran»-gigante (70 mm)
O EXTRAVAGANTE DOUTOR DOLITTLE
Encantamento e originalidade com Rex Harrison e Samantha Eggar

CHIADO TERRASSE

(M. 17 anos) Tel. 320917
CAMELOT
com Richard Harris, Vanessa Redgrave, Franco Nero e David Hemmings
O filme «Camelot» começa a exibir-se ás 21.30 h.

IDEAL

(M. 17 anos) Tel. 324194
Às 21 horas
ASSIM MORREM OS BRAVOS
COM JEITO VAI... ESPIANDO

LIZ

(M 12 anos) Tel. 48560
POR FAVOR NÃO COMAM OS MALMEQUERES
ENCRENCA DUPLA

SÃO JORGE

(M. 12 anos) Tel. 54154
Às 15.15, 18.15 e 21.30
EM 3.ª SEMANA
O maior êxito de Paris
O PEQUENO BANHISTA
com Louis de Funés

ROMA

(Adultos) Tel. 727778
Às 21.45
2.ª SEMANA
Espantosa comédia de Dino Risi
O PROFETA
TECHNICOLOR
Vittorio Gassman—Ann Margret

ESTÚDIO 444

(M. 12 anos) Tel. 779097
Às 21.45
2.ª SEMANA
Um tema original! Um filme polémico
O ELOGIO DA PREGUIÇA
EASTMANCOLOR
com Philippe Noiret e Françoise Brion

RESTELO

(M. 12 anos) Tel. 610375
Às 21 30
O ASSALTO AO CARRO BLINDADO
com John Wayne e Kirk Douglas

IMPERIAL

(Adultos) Tel. 45933
Às 21 horas
MOMENTO A MOMENTO
A ESTALAGEM DO TAMISA

OUTROS ESPECTÁCULOS

CIRCO

Às 21 e 30: Companhia de Circo (6 anos).

TEATROS

MONUMENTAL — Às 20 e 30 e ás 23 e 30: «Click! Já está...» (17 anos).
MARIA VITÓRIA — Às 20 e 45 e ás 23: «Grande Poeta é o Zé» (17 anos).
VARIEDADES — Às 20 e 45 e ás 23: «O amor 68» (17 anos)
VILLARET — Às 21 e 23 h: «A Preguiça» (17 anos)
TRINDADE — Às 21 e 45: «A torre e o galinheiro» (12 anos).
LAURA ALVES — Às 21 e ás 23: «O Jovem Mentiroso» (17 anos).
CAPITÓLIO — Às 21 e 45: «Tango» (17 anos)
VASCO MORGADO — Às 21 e 45: «Noite de Verão» (12 anos)

CINEMAS

CINEARTE — Às 21: «Ano secreto» (17 anos)
PARIS — Às 21: «Das Ardenas ao Inferno» (17 anos)
ROYAL — Às 21. «Os grandes aventureiros»
OLIMPIA — Às 9: «Guerreiros em fúria» (17 anos)
SALÃO LISBOA — Às 19: «Sete contra o mundo» (12 anos)
ARCO IRIS — Às 21 e 30: «A casaca vermelha» (12 anos).
CINE-ORIENTE — Às 21: «As Olimpíadas de Tóquio» (12 anos)
CINE-MOSCAVIDE — Às 21: «O Homem de Oklahoma» (17 anos)
ENCARNAÇÃO — Às 21: «Desordem na terra dos Gringos» (12 anos)
SPORT LISBOA BENFICA — Às 21 e 15: «30 Winchesters» (12 anos).

Linha de Cascais

ALGÉS — STADIUM — Às 21 e 30 «Tony Bone investiga» (17 anos)
OEIRAS — OEIRAS-CINE — Às 21: «A máscara do zorro» e «Granado adeus» (12 anos)
PAREDE — ROYAL-CINE — Às 21: «O mistério do Alto da Falésia» (17 anos)
ESTORIL — CASINO — Às 17 e ás 21 e 30: «O espião sai ás nove» (12 anos)
CASCAIS — S. JOSÉ — Às 21 e 30 «A pistola do mal» (12 anos)

Outra Banda

ALMADA — INCRIVEL — Às 21 e 15: «Morto ou vivo» (17 anos)
TRAFARIA — PAVILHÃO JARDIM — Às 21 e 15: «Espião com a minha cara» (17 anos)
COVA DA PIEDADE — UNIÃO ARTISTICA — Às 21 e 15: «Cavacos 5 para os 12» (17 anos)

Linha de Sintra

PONTINHA — CINE-UNIÃO — Às 21: «Flinte agente secreto» (17 anos)
DAMAIA — D. JOÃO V — Às 21 e 30: «O fundo da garrafa» (17 anos)
AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — Às 21 e 15: «Comissário X — Acção em Ceilão» (17 anos).
QUELUZ — QUELUZ-CINE — Às 21 e 15: «O agente diabólico» e «Beirute — 24 horas para matar» (12 anos)
SINTRA — CARLOS MANUEL — Às 21 e 30: «O rebelde aventureiro» (12 anos)

«Meu amor, meu amor» em sessão clássica no Império

Nadine Trintignant, mulher do famoso actor Jean-Louis Trintignant e irmã do não menos famoso Christian Marquand, discípula de Claude Lelouch («Um homem e uma mulher» e «Viver por viver») e J. L. Godard («Pedro, o Louco»), realizou a sua primeira longa metragem, enquadrada nos mais relevantes atributos do novo cinema — «Meu Amor, Meu Amor».

Pelo tom da história, das suas cores e da sua musica, pelas extraordinárias interpretações de Jean-Louis Trintignant e de Valerie Lagrange, este filme revela um talento vincado e definido, que coloca Nadine Trintignant ao nível dos melhores cineastas da actualidade «Mon Amour... Mon Amour», filmado em «eastmancolor» e em «techniscope», é a discutida película que o Império exibe hoje, em sessão clássica, ás 18 e 30

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

Em Lisboa — Turno F

AJUDA — Lidio Almeida, Calçada do Ajuda, 70 (637318)
ALCANTARA — Probidade, R. Alcântara, 5-A-B (638589)
ALFAMA — Anunciada, R. do Vigário, 4 (866360)
ANJOS — Guerra, R. Andrade, 32-36 (845513)
AREEIRO — Central do Areeiro, Av Paris, 2 e 2-A (720820) ⁕ Belo, Av de Roma 53-A (776341)
ALTO DO PINA — Eusil, R Barão de Sabrosa, 04 (841912)
ALVALADE — Alentejo, Av Igreja, 28-B (712682) ⁕ Rainha Santa, R Afonso Lopes Vieira, 57-B (765262) ⁕ Estados Unidos, Av Estados Unidos da América 16-B (725859)
ARROIOS — Aliança, Av Almirante Reis, 45-B-C (50487)
AVENIDA DA LIBERDADE — Galénica, R dos Pretas. 2-4 (322588)
AVENIDAS NOVAS — Cordote, Lda., Av Visconde Valmor, 28-A-B-C (77229) ⁕ Saldanha, Av. Praia da Vitória, 53-55 (43938) ⁕ Latina Av António Augusto de Aguiar. 17-A (42312)
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — Ascenso, R 27, n.º 4 (731216)
BAIXA — Internacional, R. do Ouro, 228 (322017-30203)
BELÉM — Restelo, R. Duarte Pacheco Pereira, 11-C (Pedrouços) (610741)
BENFICA — Marques, Est de Benfica, 648 (700096) ⁕ Vitex. Est Benfica, 373-B (780548)
CAMPO DE OURIQUE — Almeida, R. Silva Carvalho 136 (631726) ⁕ Condestável, R Coelho da Rocha, 119 (666206)
CAMPOLIDE — Imparcial, R General Taborda, 28 (680931) ⁕ Rualto, Ld.ª, R. do Alto do Carvalhão, 5-A, 5-B (651721)
CAMPO GRANDE — Santa Maria, Av 5 de Outubro 283-A (763016)
CHARNECA — São Bartolomeu, Vila Paulo Jorge, 1 — Galinheiros (780979)
CONDE DE REDONDO — Contemporânea, R Conde de Redondo, 26-30 (45048)
ESTRELA — Aurélio Rego, Calç da Estrela, 139 (661758)
GRAÇA — Progressiva, R. de St Marinha, 18 (863619) ⁕ Alves de Carvalho, R. do Vale de Santo António, 7-9 (840125)
JANELAS VERDES — Infante Santo, R Olival, 290 (661003)
LUMIAR — Patuleia, Herdeiros, R. Lumiar, 122-124 (790332).
MARQUES DE POMBAL — Vieira Borges, R. Alexandre Herculano 28 (40536)
OLIVAIS — Simão, Av de Berlim, R D, I, 6-A (3 0581)
PALHAVÃ — Curie, Av Madame Curie, 5-A (778439)
PENHA DE FRANÇA — Dimar, R Conde de Monsaraz, 7-B (842533)
PICHELEIRA — Marluz, Calç do Picheleira, 40-B-C (720708 e 728395)
PRINCIPE REAL — Oliveira, R D Pedro V, 123-125 (327980)
REGO — Prates & Mota, R Beneficência, 91 (773728)
SANTO AMARO — Santo Amaro, R Filinto Elísio, 29-A B (637070)
S. BENTO — Valentim, R do Poço dos Negros, 88-90 (679453)
DE SANTA APOLÓNIA AO BEATO — Grijó, R do Grilo, 25
MOSCAVIDE — Banha, Av Moscavide, 27 — (251858)

Linha de Cascais

ALGÉS — Combatentes, Av Comb G Guerra, 166 (Tel 213953)
CAXIAS — Nova, Rua Bernardim Ribeiro, -A (242839)
PAÇO DE ARCOS — Trindade Bras R Costa Pinto, 86 (2432034)
OEIRAS — Central, R João Teixeira Simões, 8 (2430058)
PAREDE — Grincho Av da Republica, 87-A (247 204)
ESTORIL — Costa, Av Saboia, 29-B (260085)
CASCAIS — Cordeiro, Av Comb G Guerra, 40 (280170 e 284191) ⁕ Nova, Est de Alvide — Fontainhas (28 044)

Linha de Sintra

AMADORA — Melo, P D João I, lote 46 — Bairro Janeiro (932756) ⁕ Central, Av Cardoso Lopes, 25 (932210) ⁕ Igreja, P. da Igreja, 22-A (937740) ⁕ Jardim, Av Conde de Oeiras, loja X-1 — Reboleira (938149)
DAMAIA — Confiança, Est Militar, lote D (971023)
QUELUZ — Correia, L do Mercado, 3 (950905) ⁕ Zeller, R. da Republica, 83 (950045)
CACÉM — Central, R Elias Garcia, 55 (Tel 2940034)
MEM MARTINS — Quimia, Est. Mem Martins 285 (T 2910012)
S. PEDRO DE SINTRA — Valentim (Tel 980456)
SINTRA — Misericórdia, L Dr Gregório de Almeida, 2 — (Tel. 980391)
COLARES — Colares — Abrejo (299088).

Outra Banda

ALCOCHETE — Gameiro, L António dos Santos Jorge 1 — (234100)
ALHOS VEDROS — Gusmão, R Cândido dos Reis, 30 (2241[illegible])
ALMADA — Galeno, Rua Capitão Leitão, 85-B (2760565
BAIXA DA BANHEIRA — Aliança, Est Nacional, 74 (224302)
BARREIRO — Higienica, R D Manuel I, 18 (22730 1.
COVA DA PIEDADE — Castro Rodrigues P 5 de Outubro 62 (270121)
MOITA — Silva Rocha, P da Republica, 16 (Tel 2390291
MONTIJO — Giraldes — R Almirante Reis, 45 (230008)
SESIMBRA — Lopes, R Cândido dos Reis, 67 (229028)
SETUBAL — Costa, Largo da Misericórdia (Tel 22760), Brasil, P do Brasil (Tel 24788.
SEIXAL — Godinho, L da Igreja, 5 (2218580)

SERVIÇOS URGENTES

Telefones

AGUA, GAS, ELECTRICIDADE — Companhias das Aguas 361353 ⁕ Companhias Reunidas 537011 ⁕ Gazcidla. 538821 ⁕ Gazcidla (dom e feriados) 882069
BOMBEIROS — Sapadores, 322222 ⁕ Voluntários, 538524
POLICIA E G. N. R. — Serviço de emergência, 115 ⁕ Segurança Pública, 366141 ⁕ Judiciária, 535380 ⁕ Marítima, 326456 ⁕ Internacional, 362721 ⁕ Viação e Trânsito, 42205 ⁕ G N R (área rural), 36865
SAUDE — Cruz Vermelha, 665342 ⁕ Enfermagem permanente 766161 ⁕ Enfermagem de urgência, 43738 ⁕ Hospital de Santa Maria 775171 ⁕ Hospital de S José, 860131 ⁕ Sangue, oxigénio e soros, 771168 e 771169 ⁕ Transfusões, soros e oxigénio 538524 ⁕ Centro de Intoxicações (informativo), 767777 761176 e 763456
TRANSPORTES — Aeroporto, 721101 ⁕ Caminhos de ferro (C. P.), 869029 ⁕ Caminhos de ferro (Estoril), 361121 ⁕ Estação fluvial T Paço), 325345 ⁕ Estação Maritima de Alcântara. 663195 ⁕ Estação Maritima de Rocha, 672445 ⁕ Estação fluvial (Belém). 638531

BOM APETITE

Restaurante CASTANHEIRA
DECLARADO DE UTILIDADE TURÍSTICA
E. da Torre - Lumiar - 790168
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
AOS SÁBADOS E DOMINGOS
ORQUESTRA PRIVATIVA DESTE RESTAURANTE
(Maiores de 15 anos)

PASTELARIA FÓIA RESTAURANTE
C. Mártires da Pátria, 59-A
Telef. 54549
ESPECIALIDADES DA COZINHA PORTUGUESA
PASTELARIA C/ FABRICO PRÓPRIA

MINABELA
Restaurantes Churrasqueira Pastelaria
ESPECIALIDADE EM BOLO-REI
AMADORA—Telef 939191/2
QUELUZ—Telef 951611

XANGAI
Av Duque de Loulé 20-B
Telef 5 73 78
(frente à Embaixada Americana)
AMANHÃ EXPERIMENTE GALINHA C/ ANANÁS E FICARÁ CLIENTE

TARANTELA
RESTAURANTE ● SNACK-BAR
L. D. Estefânia, 23 e 27
Telef. 58 52 08
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
Sala no 1.º andar para Banquetes
Lanches de Casamento

CHURRASCO RESTAURANTE
ABERTO ATÉ ÀS 3.30 H.
Rua das Portas St.º Antão, 83
Telf. 323059

Tamborim
Restaurante — Snack-Bar — Cervejaria
Especialidades diárias
AÇORDA DE LAGOSTA e COZINHA GOESA
Rua Gomes Freire, 14
Telefone: 4 62 47
(Ao Campo Santana)

QUINTA DE S. VICENTE RESTAURANTE
Telheiras de Cima, 144
Tel. 790211
Aos Sábados e Domingos
JANTARES DANÇANTES
com o conjunto privativo
AMBIENTE FAMILIAR
(Maiores de 15 anos)
Parque privativo para automóveis
(AR CONDICIONADO)

APÓS AS REFEIÇÕES — CHAVE D'OURO — O MELHOR CAFÉ

Diário de Lisboa

DL

Propriedade de
Renascença Gráfica, S. A. R. L.
Editor: João C. de Sá
Sede: Rua Luz Soriano, 44
Telef 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
Publicidade 3 42 21
End. Tel. DIBOA; Telex 1363
Lisboa 2 — Portugal

O tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO NACIONAL:

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal Continental o vento era fraco ou moderado do quadrante Leste e o céu estava limpo ou pouco nublado com excepção do Algarve onde estava muito nublado

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Praia da Rocha, 12°,6, mínima: Figueira de Castelo Rodrigo, 4°,6

TEMPERATURAS OBSERVADAS, ÀS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — Na atmosfera: 7°; na água do mar: 14°,8

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ

Céu pouco nublado ou limpo; vento moderado de Leste; pequena subida de temperatura

Amanhã
Nascer ás 8 e 55
Ocaso ás 18 e 27

Amanhã Dia 11 Dia 18 Dia 25

PREIA-MAR: Dia 2 — 3 e 36 (3,6 m); 5 e 50 (3,5 m). Dia 3 — 4 e 05 (3,7 m); 16 e 28 (3,5 m) BAIXA-MAR: Dia 2 — 9 e 12 (1,4 m); 21 e 20 (1,4 m) Dia 3 — 9 e 48 (1,3 m); 21 e 54 (1,3 m)

Baixas americanas

SAIGÃO, 2 — (ANI) — O número de baixas norte-americanas no Vietnam, em 1968, foi quase igual ao número de mortos e feridos dos sete anos anteriores de guerra — contou-se o quartel general norte-americano em Saigão.

Os números oficiais, que não incluem as baixas dos últimos três dias do ano, apresentam para 1968 o total de 14 521 soldados norte-americanos mortos em combate e 92 564 feridos.

Desde 1 de Janeiro de 1961 até ao dia 28 do mês passado, morreram no Vietnam 30 543 norte-americanos e ficaram feridos 192 372. Além disso 1243 foram dados como desaparecidos ou capturados.

SUBIR A GLÓRIA A PÉ — Os dois ascensores da Glória estão parados a meio da calçada, enquanto uma brigada da secção de oficinas da Carris faz as primeiras reparações no carro n.º 1, abalroado anteontem por uma camioneta. Passaram esta tarde 48 horas sobre o acidente e ainda não se sabe quando é que o elevador voltará a funcionar. Subir e descer a Glória a pé foi a maçada que o Ano Velho deixou a milhares de lisboetas

ENCONTRO EM PARIS DE GAULLE-ZORINE

PARIS, 2 — (F. P.) — O General De Gaulle conferenciou esta tarde, durante cerca de três quartos de hora, com Valerian Zorine, embaixador soviético em França.

A conferência disse respeito ao Médio Oriente e decorreu a pedido do Presidente da Republica.

Saindo do Eliseu, Zorine disse que o Governo Soviético enviara recentemente uma mensagem ao general De Gaulle acerca daquele problema. A mensagem tratava, nomeadamente, das quatro grandes potências para se consertarem acerca do problema.

Acrescentou o embaixador que há muitos pontos de acordo entre os Governos francês e soviético quanto á crise do Médio Oriente.

ALTO NÍVEL ÁRABE

AMMAN, 2 — (R.) — O presidente Nasser concordou com a proposta do Rei Hussein para uma conferência árabe de alto nível, segundo revela uma mensagem, do chefe de Estado egípcio para um monarca jordano, aqui publicada hoje

O rei Hussein tinha apresentado essa sugestão no domingo a seguir ao ataque israelita ao aeroporto de Beirute

NAPALM SOBRE A JORDÂNIA

AMMAN, 2 — (A. N. I., F. P. e R.) — Aviões israelitas atacaram hoje com «napalm» e foguetes duas regiões agrícolas no norte da Jordânia — anunciou um informador militar nesta cidade.

Os ataques aéreos, que danificaram uma casa e plantações, foram feitos em apoio de uma acção terrestre, durante a qual tropas israelitas abriram fogo com tanques e armas automáticas contra essa região jordana.

Entretanto, o Governo israelita está reunido desde as 9 horas da manhã, estudando, nomeadamente, as relações de Israel com a futura administração de Richard Nixon, além das possibilidades de uma conferência quadripartida sobre o Médio Oriente. O embaixador de Israel em Washington participa na reunião, que se segue a uma série de consultas na Presidência do Conselho e no Ministério dos Negócios Estrangeiros.

Por outro lado, o primeiro-ministro libanês afirmou em Beirute que «o Líbano está a reforçar o Exército na fronteira com Israel».

Yafi afirmou que o Governo deu ordens ao Exército e à Força Aérea para repelirem qualquer agressão.

Interrogado sobre as notícias de concentrações de israelitas ao longo da fronteira, disse: «As concentrações terrestres não podem ser observadas a olho nu. Quando Israel se prepara para uma agressão, não revela a suas operações».

O ministro libanês anunciou ainda que o seu Governo está a considerar problemas de defesa, em cooperação com outros países árabes.

Quando lhe perguntaram se o Líbano pediria o auxílio dos Exércitos árabes, na eventualidade de um novo ataque, Yafi respondeu:

«Esse é um dos problemas específicos que está presentemente a ser estudado pelo Governo».

ATENAS, 2 — (F. P.) — O avião grego da «Olympic Airways» desviado para o Egipto aterrou no Cairo, ás 11 e 30, com todos os seus ocupantes incólumes — anuncia-se oficialmente. A companhia informa que o piloto foi compelido a tomar o rumo da capital do Egipto sob a ameaça de um passageiro.

De Atenas vai seguir um avião da companhia para trazer os passageiros para esta capital.

«KIBUTZ» ATACADO

(Continuação da 1.ª página)

Por seu turno, a rádio libanesa rejeitou hoje toda a responsabilidade do Líbano na morte de três israelitas, no «kibutz» de Kiryat Shmona, por um ataque que Israel pretende ter sido desencadeado a partir da fronteira libanesa, terça-feira à noite.

«É natural — afirmou a rádio — que, depois da condenação do seu ataque ao aeroporto de Beirute, pelo Conselho de Segurança das Nações Unidas, Israel procure dirigir as suas acusações contra o Líbano, a fim de diluir os efeitos da opinião internacional e justificar os seus actos».

ALVO DE UM ATENTADO O IMPERADOR JAPONÊS

TÓQUIO, 2 — (R.) — Um homem arremessou com uma funda uma pequena bola de ferro contra o imperador Hirohito quando o soberano apareceu hoje, com a família imperial á varanda do palácio, para saudar enorme multidão que lhe manifestava os melhores votos para o Ano Novo.

O imperador não foi atingido, assim como os outros membros da sua família, quando o homem, que se encontrava a cerca de 18 metros de distância, arremessou a bola contra a varanda.

Um grupo de cerca de dez pessoas da multidão de 30 000 subjugou o homem e entregou-o á Polícia, antes que ele pudesse utilizar de novo a funda.

A Polícia do palácio disse que o homem se chamava Kenzo Okuzaki, contava 48 anos e trabalhava na companhia de baterias Sun, em Kobe, no oeste do Japão. Okuzaki tinha várias bolas de metal em seu poder.

INFORMAÇÃO AOS

HOTÉIS, PENSÕES e RESTAURANTES

Comunicamos que estamos aptos a fornecer azeite estreme do tipo extra virgem e fino virgem, em embalagens de 1 e 5 litros, não recuperáveis, e que esperamos apresentar brevemente embalagens individuais, que passarão a vigorar a partir do dia 1 de Junho próximo, conforme o estabelecido pela PORTARIA N.º 23 800, de 23 de Dezembro de 1968.

CONSULTEM-NOS

CASA AGRÍCOLA SANTOS JORGE

RUA BRAAMCAMP, 50-A — Tel. 4 86 39
RUA CORONEL BENTO ROMA, 45-D — Tel. 71 18 49

— ENTREGAS AO DOMICÍLIO —

A GUERRA DE BIAFRA

O PRIMEIRO LIVRO DO MUNDO
SOBRE A GUERRA DE GENOCÍDIO DE BIAFRA
ILUSTRADO COM 124 FOTOGRAFIAS «VIVAS»

Pedidos à EDITORIAL INICIO
Av Almirante Reis, 23, 4.º-Esq. — LISBOA
PREÇO 50$00 ■ À VENDA NAS LIVRARIAS

SÃO LUIZ

Tem a honra de apresentar

X FESTIVAL DE TEATRO PARISIENSE

de colaboração com GALAS KARSENTY-HERBERT
UM PROGRAMA EXCEPCIONAL
Comemorativo do 10.º aniversário das temporadas regulares de Teatro Francês
OS MAIORES CARTAZES DOS GRANDES TEATROS DE PARIS
AUTORES, PEÇAS e ARTISTAS SENSACIONAIS
num conjunto de interesse e de invulgar categoria
6 COMPANHIAS DIFERENTES ● 6 PEÇAS
12 ESPECTÁCULOS (Entre Janeiro e Maio)
CADA PEÇA SERÁ REPRESENTADA DUAS VEZES:
DE TARDE E À NOITE

2.ª-Feira, 20 de Janeiro (Tarde e noite)
— F A N N Y —
de MARCEL PAGNOL
com Henry Vilbert, Lucien Barjon e Catherine Rouvel

2.ª-Feira, 3 de Fevereiro (Tarde e noite)
COMME AU THÉATRE
de FRANÇOISE DORIN
com Martine Sarcey, Renaud, Mary e Michel Roux

2.ª-Feira, 10 de Fevereiro (Tarde e noite)
LE CHEVAL ÉVANOUI e L'ECHARDE
de FRANÇOISE SAGAN
com Jacques François

4.ª-Feira, 23 de Abril (Tarde e noite)
INTERDIT AU PUBLIC
de JEAN MARSAN
com Jean le Poulain, Micheline Dax e Jacques Bodoin

4.ª-Feira, 30 de Abril (Tarde e noite)
P Y G M A L I O N
de G BERNARD SHAW
com Pierre Vaneck, Alfred Adam, Mary Dea e E. Dondry

2.ª-Feira, 5 de Maio (Tarde e noite)
UN JOUR, J'AI RENCONTRÉ LA VERITÉ
de FELICIEN MARCEAU
com François Périer e Geneviève Bruncl

TODAS AS PEÇAS, REPRESENTADAS NAS SUAS VERSÕES INTEGRAIS, SÃO PARA ADULTOS, COM EXCEPÇÃO DE «PYGMALION» QUE É PARA MAIORES DE 12 ANOS

INDICAÇÕES IMPORTANTES

Para estes espectáculos do Teatro Francês, as bilheteiras, de 2 a 5, em 7 e 8 e a 9 de Janeiro, funcionarão exclusivamente das 10 ás 14 e das 18 30 ás 20 h
Fora das horas indicadas as bilheteiras funcionarão exclusivamente para os espectáculos cinematográficos

HOJE, AMANHÃ e dias 4 e 5 de JANEIRO: ANTIGOS ASSINANTES
DIAS 7 e 8 de JANEIRO: NOVOS ASSINANTES
A PARTIR DAS 10 HORAS DE 9 DE JANEIRO: VENDA LIVRE PARA TODOS OS ESPECTÁCULOS

AVISO — Por «Antigos Assinantes» entendem-se os srs espectadores que tiveram assinaturas na ÚLTIMA TEMPORADA e aos quais são garantidos os mesmos lugares desde que sejam levantados nos primeiros 4 dias do presente calendário do bilheteira.

—— Peçam na bilheteira o programa destes espectáculos ——

LOTARIA DOS REIS

15.000 Contos por 400$00
1.500 Contos por 40$00

JOGUE NO

CAMPIÃO

A CASA QUE VENDEU O 2.º e 3.º PRÉMIO DA LOTARIA DE FIM DO ANO

SUPLEMENTO
Diário de Lisboa
LITERÁRIO

N.º 544 / 2 DE JANEIRO DE 1969

Ao encerrar o ano de 1968

o "Suplemento DL"

rememora melancólicamente

o passado

e confia em que o futuro seja de glória para as Letras e Artes,

cultivadas com estímulo e independência.

A poesia portuguesa em 1968

por Eduardo Prado Coelho e Gastão Cruz

E. P. C. — Para começar, tenho que reconhecer um ponto: o baixo nível da publicação poética no ano de 68. Custa-me reconhecê-lo na medida em que tenho defendido a ideia de que a nossa poesia atravessa um bom momento e de que é neste domínio que as mais novas gerações têm produzido um trabalho mais útil. Para explicar, portanto, este facto desagradável tenho um argumento que julgo de peso: o retraimento progressivo das nossas casas editoras em relação à poesia. Repara que as colecções de poesia tendem a desaparecer, que estão, ou pràticamente paradas, ou à existirem em ritmos muito mais lentos. Há jovens de interesse (como Rui Dinis ou Manuel Gusmão) que não puderam ainda lançar os seus livros. E outros (como a Luísa Neto Jorge) que não têm conseguido ver os seus livros publicados. Pelo menos, as circunstâncias são neste momento desfavoráveis para a poesia, e isso justifica em parte a quebra verificada neste ano. No lado positivo, encontro bastante pouca coisa. Claramente, acima de toda a produção restante, parece-me de salientar os dois livros de Carlos de Oliveira (o «Sobre o Lado Esquerdo» e a recente «Micropaisagem»), que julgo ser — e vou agora usar uma linguagem algo sensacionalista — o *poeta do ano*.

G. C. — Estou absolutamente de acordo. De acordo quanto à tua apreciação geral do panorama poético deste ano e quanto ao caso de Carlos de Oliveira. O que particularmente me surpreendeu em «Sobre o Lado Esquerdo» e, sobretudo, em «Micropaisagem» foi o que esses livros representam de alargamento de perspectivas, quer para a obra poética de Carlos de Oliveira, quer para a poesia portuguesa de tendência realista, quer mesmo para a poesia portuguesa sem mais. Além disso, parece-me extraordinário que um poeta entre os quarenta e os cinquenta anos possa mostrar-se tão sùbitamente renovado, dentro de uma perfeita linha de continuidade e coerência com a sua obra anterior, e provoc-nos uma linguagem que é indubitàvelmente tão moderna como a dos melhores poetas das gerações mais novas. Isto impressiona-me tanto mais, quanto ainda há bem pouco tempo, num colóquio, o Ruy Belo se mostrava bastante pessimista quanto aos destinos da sua poesia e da poesia em geral, quando o Herberto Helder parece ter deixado, talvez provisòriamente, embora, a poesia pela prosa de ficção quando a poesia de Mário Cesariny, a mais importante, com a de Ramos Rosa, da década de 50, parece defunta há muito («A Cidade Queimada» tem todo o ar de uma certidão de óbito), quando Jorge de Sena, depois de ter encontrado talvez a sua melhor forma no discurso minucioso e austero das «Metamorfoses» nos deu, este ano, o prosaísmo completamente dessorado da «Arte de Música»...

E. P. C. — Ora bem, eu aí estou em desacordo. Para já, num aspecto, que é a tua apreciação de «Arte de Música». Ao contrário de quase toda a gente, que, pelo que ouvi, considera que se trata de uma obra inferior a «Metamorfoses», eu creio que, embora sendo um livro desigual, sem poemas que nos *esmaguem* como no anterior, é contudo um excelente livro de poesia. «Metamorfoses» é uma obra extravasada, isto é, lançada euforicamente para o mundo, para o mundo como totalidade. Ora nos melhores poemas de «Arte de Música», aqueles em que se estabelece a relação com a música como algo de *vazio*, de *não-figurativo*, existe um tipo de reflexão sobre a arte, sobre o que em arte se pode dizer e se não pode dizer, sobre a plenitude e o silêncio, que julgo de grande valor. Creio mesmo que há grandes poemas neste novo livro de Jorge de Sena e que os seus defeitos são os de toda a poesia do autor.

G. C. — Concedo que a minha generalização de há pouco é um tanto excessiva e que os poemas do livro não são todos do mesmo nível. Trata-se de uma obra desigual, na verdade. Justamente, uns três ou quatro dos poemas referentes a composições clássicas, de Bach e Mozart, por exemplo, parecem-me os melhores. Neles, Jorge de Sena evita, de algum modo, os defeitos mais frequentes nos restantes: o descritivo empobrecedor (é uma ideia infeliz, essa de pretender *descrever* a música, ainda que programática), o comentarismo supérfluo, a musicografia trivial; e, num outro plano, o afrouxamento ou mesmo a completa anulação daquela tensão da linguagem que distingue a verdadeira poesia.

E. P. C. — Embora eu reconheça alguma pertinência em certas opiniões tuas, não deixo de considerar esta «Arte de Música» como um dos livros de poesia mais importantes e significativos de 1968. A par dele e a par do caso realmente excepcional de Carlos de Oliveira (excepcional: de renovação, de intencionalidade de amadurecimento), vejo muito pouca coisa a apontar. No grupo *jovem*, digamos, tivemos «O Comércio dos Nervos» do Armando da Silva Carvalho (a que eu fiz ao longo do ano uma referência demasiado breve, mas que justifica a mais crítica das atenções — isto é, a atenção que o saiba valorizar indicando os seus aspectos positivos), tivemos a 3.ª série dos «Poemas Livres», com um ou outro elemento digno de simpatia e de uma observação mais compreensiva, e... Lembras-te de mais alguma coisa?

G. C. — Só uma palavra, ainda, sobre «O Comércio dos Nervos» e os «Poemas Livres». Talvez neste seu livro o Armando da Silva Carvalho raramente atinja momentos tão altos como no primeiro que publicou (estou a lembrar-me de vários poemas sobre a agricultura ou das «Cinco Prosas» finais da «Lírica

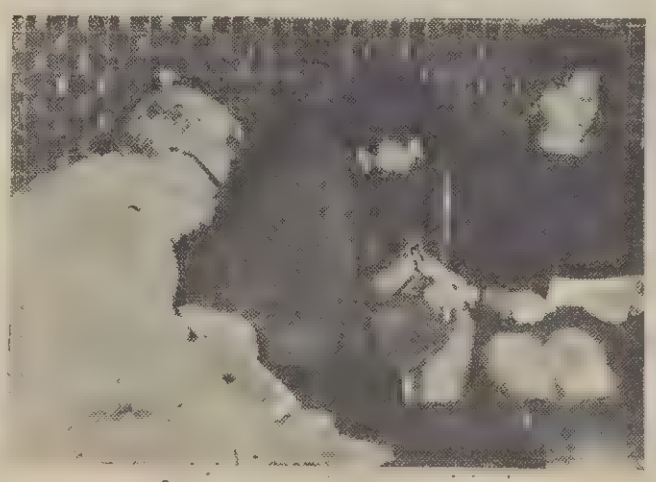
(Continua na 5.ª página)

Jorge Amado: «Eu continuo o mesmo»

do nosso enviado especial Joaquim Letria

SALVADOR (BAÍA) — É em Salvador, Baía de Todos os Santos, que vive o mais lido escritor da língua portuguesa. Jorge Amado de seu nome, o homem que há anos escavou os «Subterrâneos da Liberdade» e que deixou para sempre ligado à Literatura o nome de Luís Carlos Prestes ao publicar «O Cavaleiro da Esperança».

Conhecera-o pessoalmente em Lisboa, durante um «cocktail» na Embaixada brasileira que comemorava assim a passagem pela capital portuguesa do escritor e sua família. Mas agora, na Baía, em Salvador, revendo em cada pedra, em cada habitante, a literatura de Jorge Amado que devorara na minha adolescência nunca poderia perder a oportunidade de um «tête-à-tête» com o escritor no seu «habitat», no sítio onde vive a maior parte do seu tempo, onde trabalha.



Jorge Amado: a paz na família

Sou recebido por Amado na sala estranhamente bela, simples e funcional da sua casa maravilhosa em Rio Vermelho, uma zona tranquila da cidade de Salvador. De camisa e calça branca de linho, o escritor enfia os pés nus nuns sapatos de couro negro. As janelas abertas para o jardim suspenso deixam entrar o cheiro opulento das plantas baianas e o silvo dos pássaros que saltitam de árvore em árvore.

«Neste momento, trabalho num romance. Ou melhor, estou metido em trabalhos, pois comprometi-me com o meu editor de São Paulo a entregar uma obra até ao fim do ano e estou vendo que este romance se está a complicar, está a crescer dentro de mim e não poderá estar pronto dentro do prazo. Mas tenho uma novela que talvez dê a tempo e fica o romance para ser mais cuidado», responde o escritor à pergunta sacramental sobre o que trabalha de momento.

Mas como pode trabalhar Jorge Amado? São dois estudantes que entram agora, pedindo dinheiro para o seu movimento e assinatura para um abaixo-assinado. É o vizinho que vai a Fortaleza e quer oferecer um livro de Amado a um amigo, com dedicatória. São jovens que buscam conselhos. São comissões que pedem umas palavrinhas para as badanas de um programa. Como pode trabalhar o escritor?

«Jorge Amado é extremamente organizado. Ele encontra tempo para tudo», diz-me um amigo comum.

Quando não viaja pelo estrangeiro, ou sai a negócios —ele vai frequentemente a São Paulo tratar com os editores — Amado trabalha no seu gabinete isolado, espécie de quiosque dando para o jardim que cintura a sua bela, estranha e moderna casa. Tem uma secretária ajudando-o. Isola-se e trabalha.

Agora, estou na sala comum, de confortável mobiliário, simples mas caro, ambiente fresco, em frente do escritor. Chega a sua juvenil esposa, D. Zélia Amado. Em breve o diálogo é extensivo, taçinhas de sorvete de umbu, esse acre fruto do sertão que dá este doce amarelo-esverdeado, desenjoativo e muito frio. Dali a pouco é Paloma, a filha do casal, 17 anos [illegible] dinâmicos, algo sofistica[illegible]. E não tarda João, o filho [illegible] 20 anos, exterior «[illegible] revestindo um espírito [illegible] dical.

Repórter e família Amado batendo um longo papo. A pergunta, de há muito a saltar, explode de repente:

— Jorge Amado, todo esse aburguesamento de que o acusam... a sua ruptura política..

Não me deixa acabar. E vem a resposta que mais poderá interessar ao atento leitor português do escritor brasileiro.

— Mas, meu filho, eu [illegible] tinuo o mesmo. O que se passou foi ùnicamente que senti necessidade de mais liberdade para trabalhar, para evoluir artisticamente. Não podia continuar sempre

(Continua na 7.ª página)

CHRISTINE DE RIVOYRE
(«Le Petit Matin»)
Prémio Interallie 1968
Edições Grasset

Prémio Interallié 1968

por Alcides de Campos

SE É VERDADE que a mulher e a sardinha se querem pequenas... Christine de Rivoyre personifica às mil maravilhas a preceito popular. *Sardinha* coroada de belos caracóis loiros com duas franginhas matreiras e sedosas caídas sobre dois olhinhos vivos e escuros como as noites que neles se insinuam vivas e ardentes, pequena e irrequieta, Christine de Rivoyre alia à fineza dos seus traços a elegância das suas maneiras — rodopiando como asa sob o pêso dos flash sorrindo a todos e a ninguém no átrio meio-madeira meio-alcatifa das edições Grasset. O fumo encobre tudo provoca fiozinhos de tosse, aveluda e torna misteriosas as conversas de chacha tidas a meia-voz — envolve tudo de uma névoa suspeita que nos cansa e entedia... *Tant pis:* vamo-nos daqui o mais depressa possível. Tomar ar, respirar, lavar a cara e os olhos no ar fresco das ruas outonais... *Tant pis* para o trabalho que nos propunhamos realizar. *Tant pis* para o velho desejo de entrevistar Christine de a ter uns minutos, mesmo curtos, só para nós. *Tant pis ou tant mieux*, pois melhor do que todas as entrevistas (é uma opinião tão válida, supomos, como qualquer outra) mais vale para o leitor não-coscovilheiro um «aperçu» do livro do que todas as perguntas (regra geral banais ou indiscretas) do jornalista e as respostas (quase sempre prefabricadas ou inúteis) da entrevistada. E com esta nos descartamos...

Le petit matin, livro sexto de Christine de Rivoyre, relata-nos a história irónico-emotiva de Nina e dos seus cavalos, o ídolo entre Nina e «Querelle» (égua maravilhosa que galopa à velocidade dos sonhos e do desespero...), as batalhas de Nina contra as suas guerras (ou exílios?) interiores, a canção triste de Nina e dos seus sonhos queimados pelo tempo e pelas circunstâncias... *Le petit matin* é a madrugada que anuncia bruscamente aos habitantes da velha mansão landêsa de Nara, a presença dos alemães e da segunda guerra Mundial — presenças vivas que vêm instalar-se na intimidade de Nina (dezassete anos de «pureté et de sauvagerie») e confundir-se com as sombras que deambulam na sua vida e no seu espírito: a avó, o pai, a mãe (em cujo culto o pai a inicia) e a tia. Mas sobretudo o retrato do primo ean,J que um dia partira para lá da linha de demarcação na companhia de Vincent, o estranho e equívoco Vincent... Entre os «pensionários» alemães (um coronel e um tenente) e os sonhos perdidos para sempre mas sempre vivos, Nina galopa no meio dos fantoches humanos que a rodeiam antes de se abrasar nas corridas hípicas que abrem sulcos de suor e de sangue na verdura espessa da floresta: narinas rasgadas à brisa matinal, peito aberto ás vertigens da velocidade que se racha sob as patas dos seus três fogosos cavalos. E enquanto a guerra cresce à sua volta e no mundo, um sentimento de cumplicidade cada vez maior e mais completo se insinua entre a jovem Nina e os seus cavalos. Cumplicidade a que não é alheia a transpiração das cavalgadas. Cumplicidade de solidão e de sonhos, de paixões e de revoltas duma adolescente em luta contra si mesma, a nu no ar fresco das primeiras horas do dia, virgem e pecadora sob as copas frondosas dos gigantescos pinheiros das Landes...

Le petit matin é a guerra interior e a guerra exterior. É a evolução a passos vertiginosos de um sentimento de sensualidade selvagem cercado de mil angústias. Sentimento no qual a realidade física de um homem acaba por impor-se (e sobrepôr-se) à irrealidade dolorosa de outro homem: Jean, o primo desaparecido «un petit matin», para lá da linha de demarcação, morto algures sob uma bala invisível...

O tema, delicado, requeria uma pena sensível mas firme apta a não deixar-se submergir pelas emoções da adolescência diante dos seus problemas. A sensibilidade e o pudor de Christine de Rivoyre, aliados a uma pontinha de ironia, salvam não só o livro do naufrágio saganesco mas coroam-no desta dose indispensável de talento de sensualidade e de fogo (na guelra) que despertou e prendeu a atenção dos jurís do «Interallié».

SUPLEMENTO Diário de Lisbôa LITERÁRIO

BALANÇOS DO ANO

A poesia portuguesa em 1968, *por Eduardo Prado Coelho e Gastão Cruz*

A ficção e o ensaio em 1968, *seguido* de Crítica em fim de ano, *por Mário Sacramento*

A 26.ª Hora, *folhetim artístico de José-Augusto França*

1968 na roda dos «best-sellers».

LETRAS PORTUGUESAS

Fernanda Botelho ou o tempo em construção, *por Maria Lúcia Lepecki*

LETRAS ESTRANGEIRAS

Prémio Interallié 1968, *por Alcides de Campos*

ENTREVISTA

Jorge Amado: «Eu continuo o mesmo». *por Joaquim Letria.*

ARTES PLÁSTICAS

Nota sobre o Prémio Soquil, *por Francisco Bronze.* «Rever» Carlos Botelho

JAZZ

A propósito do «free jazz»

TEATRO

Teatro espanhol e Arrabal, *por Josué da Silva.*

POLICLÍNICA DO INTENDENTE

Av. Almirante Reis, 27, 2.º — Telef. 45587

Dr Abel Alves — Otor., nariz e garganta 14 h
Dr Artur Fernandes — Doenç olhos — 2.ª 4.ª e 6.ª ás 14.30, 3.ª e 5.ª ás 17 horas
Dr Armando Valle—Anál clín e vacinas 11 h
Dr Armando Luzes — Rins e vias urinárias. 17 h.
Dr Benard Guedes — Raios X. 16 h.
Dr E de Miranda Rodrigues—Doenças nerv mentais (2.ª 4.ª e 6.ª), 18 h
Dr Formigal Luzes — Ag. Físicos. 15 h.
Dr Fernando Castor Amaro — Medicina geral. 14 h
Dr Junqueira Junior — Boca e dentes 17 h
Dr Maia Mendonça — D das crianças (2.ª 4.ª e 6.ª), 15 h.
Dr. Pedro da Cunha — Partos e doenças das senhoras (3.ª 5.ª e sáb.), 15 h
Dr Rui Branco — Clínica médica Doenças do Coração. Electrocardiogramas, 15 h
Dr Souto Soares — Cirurgia geral, ortopedia, operações, 14 h
Dr Tito de Noronha — Doenças da pele e sífilis (2.ª 4.ª e 6.ª) ás 12.30

Debate Essencial

O PROBLEMA RACIAL NOS E. U. A. VISTO POR PORTUGUESES
debate dirigido por
Urbano Tavares Rodrigues
col. «Polémica»
Editorial Estampa

Urbano Tavares Rodrigues reuniu sete individualidades de responsabilidade marcada na vida portuguesa para analisarem sob uma perspectiva nossa e

com as incidências que nos ocorrem, o problema racial nos Estados Unidos. São ao todo oito depoimentos em que se confrontam os pontos de vista mais diversos, e do debate final resulta iniludivelmente uma tomada de consciência importantissima que, em muitos aspectos, ultrapassa a localização geográfica e política do fenómeno.

A preocupação de reunir em torno da mesma questão opiniões tão diferenciadas como as de Monsenhor Avelino Gonçalves, Henrique Barrilaro Ruas, José Tengarrinha Vítor Wengorovius, Jorge Sampaio, Mário Sottomayor Cardia e Urbano Tavares Rodrigues —esse confronto difícil mas necessário marca, por si mesmo, a primeira definição do objectivo da obra: o de um apelo á solidariedade e á compreensão perante um acontecimento desumano Por isso mesmo, o balanço crítico obido é ainda mais significativo, dada a variedade das reflexões. Em qualquer das intervenções há linhas essenciais que se mantêm e com maior ou menor veemência, com maior ou menor profundidade as premissas essenciais sublinham-se. Os Esados Unidos da segregação surgem como um fenómeno obsoleto e cruel que diz respeito não apenas ao *establishment* e á crise do sobredesenvolvimento americano, mas á Humanidade no seu todo e a certas áreas geográficas em particular.

«A esta visão sinistra», diz Urbano Tavares Rodrigues na apresentação da obra, «opomos nós, os homens de boa vontade (quaisquer que sejam as nossas convicções e os métodos que preconizamos) o pleno desenvolvimento das forças de produção, a formação polivalente dos indivíduos, favorável á divisão espontanea do trabalho colectivo e, enfim, o respeito do ser humano pelo seu semelhante.»

É esta a linha geral de *O Problema Racial nos E. U. A. Visto por Portugueses*

A partir dela se desenvolve todo um valioso e oportuno esclarecimento que importa pôr em relevo pelas contribuições informativas que contém

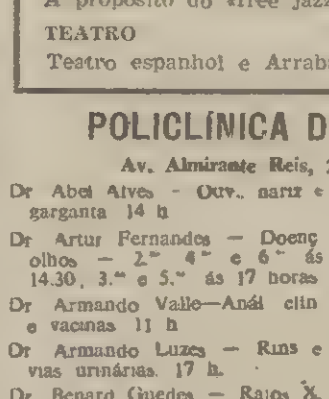
Uma aventura feliz

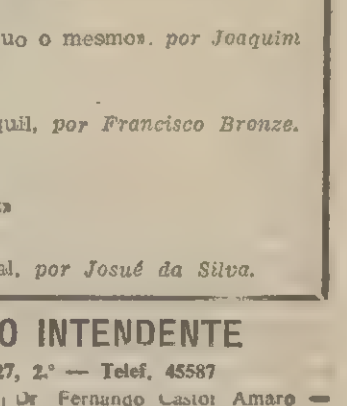
A FLOR
VAI TER COM O MAR
por Alves Redol
Ilust. Leonor Praça
Colecção 6/12
Publicações Europa-América
Lisboa 1968

«A Flor pede que pintem
este conto.
A cor também conta.
E muito.
Como vocês gostam
dos lápis de cores,
entrem com eles neste livro
e pintem.
Vai ficar mais belo.»

É com este convite singelo qu Alves Redol, em seu nome e no de Leonor Praça se dirige ás crianças neste fim do ano de 1968. O livrinho aí está. Cheio de frescura e de terna invenção. Chama-se *A Flor Vai Ver o Mar* (colecção «6/12», Publicações Europa-América) e conta uma aventura digna de ser lida e recriada com as cores da imaginação de cada leitor de palmo e meio.

Tem sol vivaz, boi pachorrento. Tem a rã e o cão, e o pau com cara de mau e por fim, um chinês que toma chá. Mas para lá destas personagens e do jogo animado que elas estabelecem entre si (e que não tem nada a ver com as mais que convencionais figuras das histórias infantis) o livrinho vem recheado de belas ilustrações. E mais: foi escrito por Redol — e nisto está uma segunda moralidade, que é a de que os grandes narradores, tal como fez Mestre





Aquilino, jamais perdem um desejo de pureza e de curiosidade pelo universo simples e difícil da Infância.

Alves Redol, depois de *A Vida Mágica da Sementinha*, reexplora uma das zonas mais complexas e sedutoras da criação literária. O desenfadado encantamento do estilo e da invenção conjugam-se aqui num passatempo maravilhado que tem a originalidade das fábulas clássicas e o sabor alegre da aventura feliz. Porque foi realmente uma bela e conseguida aventura, esta que Redol e Leonor Praça realizaram, contando com a colaboração dos leitores mais exigentes e menos preconceituosos de sempre — as crianças.

LUSTRES
de sonho para a sua casa. Fábrica Av 5 de Outubro, 203 r/c. Esq — Telefone 77 16 39 Ao Campo Pequeno

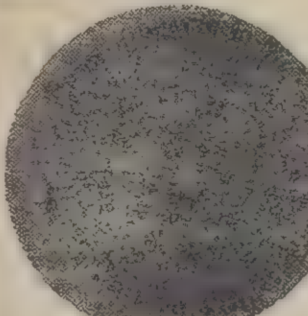
CARTÃO DIPLOMATA
O mais distinto bilhete de visita em relevo executado em placa de cobre ou cunho de aço de absoluta necessidade em praxes protocolares para pessoas de distinta condição social bem como de bom gosto
ANIBAL GRAVADOR
A casa que melhor trabalha
Rua Nova do Almada 64
LISBOA

ALUGUER SEM CONDUTOR
CARROS NOVOS — PREÇOS ACESSÍVEIS

Avenida Padre Manuel da Nóbrega 10-B
Telefs: 72 76 54 72 49 75
LISBOA

POLICLÍNICA DE CAMPO D'OURIQUE
RUA FRANCISCO METRASS, 24, 1.º - D.
TELEF. 66 99 64

Doenças das crianças	Dr A Ferreira Gomes
Clínica cirúrgica	Dr Eduardo Amaral
Doenças das senhoras — partos...	Dr. Eduardo de Albuquerque
Clínica Médica	Dr E Oliveira Machado
Peles e sífilis	Dr João Menezes Ferreira
Doenças dos olhos	Dr. José Coelho Puga
Doenç. dos ouvidos, nariz e garg.	Dr Lídio do Amaral
Ortopedia e cirurgia das crianças	Drª Maria Albertina do Carmo
Doenças reumáticas	Drª Maria Isabel Barata
Doenças dos rins e vias urinárias	Dr Pires Pereira
Doenças	Dr R Campos Marçal
Raios X	Dr Coelho Lopes
Análises clínicas	Dr Eugénio Lito
Agentes físicos	Dr. F. Formigal Luzes



nota sobre

O Prémio Soquil

por Francisco Bronze

SE COMPARARMOS ESTE PRÉMIO com todos os outros que ùltimamente têm sido concedidos ás artes plasticas por empresas, teremos forçosamente de concluir ser ele o mais acertado com as exigências de uma politica da cultura — na medida em que recusa um caracter competitivo imediato e se refere ás melhores exposições realizadas durante uma temporada, o que permite avaliar a actividade dos artistas nacionais sem que tenham estes de se submeter a quaisquer normas de concurso. Que uma empresa se disponha a jogar neste tipo de publicidade «à la longue», preferindo-a a êxitos mais fáceis e imediatos, isso só pode dignificar os responsáveis pela iniciatva, permitindo-lhes, porventura, descerrar horizontes mais largos em realizações futuras e semelhantes, tudo dependendo da inteligência e imaginação dos «conselheiros espirituais» das sobreditas empresas.

Já sabemos que não serão nunca os prémios que vão resolver os problemas de um profissionalismo que não existe e que não vemos bem como poderá vir a existir na sociedade portuguesa, como seria realmente desejável. Nesta medida, talvez os prémios correspondam, de facto, aos balões de oxigénio com que se pretende salvar um moribundo — e nisso têm razão certas objecções que entre nos se têm levantado a um optimismo por vezes exagerado quanto á sua eficácia. Mas também essas objecções nos parecem pecar por exagero. Achamos que não devem ser retirados ou diminuidos os tais balões de oxigénio aos nossos pintores e escultores, que deles, afinal, bem precisam. Mas não fiquemos por ai. Que se organizem os artistas a fim de estudar os problemas que lhes dizem respeito e proponham as soluções que os prémios de modo nenhum pretendem ser. Porque não, e para já, um Encontro de Artistas? Supomos que nenhum critico de arte lhes retirará o apoio que sempre estiveram dispostos a conceder e que se integra perfeitamente nos seus próprios objectivos. Não devemos pensar que para a solução dos nossos problemas só uma «linha» é que é válida. Se quisermos acreditar na Imaginação devemos aceitar a simultaneidade de acções. Sempre o pior de tudo será o imobilismo que nada tenta, nada experimenta para salvar o que puder ser salvo — e esse imobilismo, sim, é que deveremos lamentar e combater.

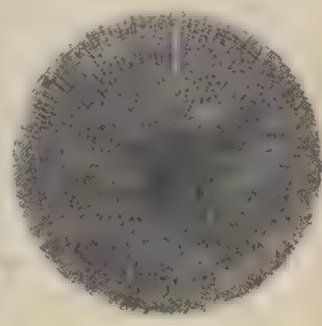
Sobre a atribuição do Prémio Soquil não queremos calar quanto ele constituiu uma surpresa no nosso meio artistico, aos olhos de muita gente podendo mesmo surgir como uma atitude de prudência por parte do juri. Prudência porquê? Votar em Noronha da Costa seria talvez arriscar de mais num artista ainda muito jovem e longe ainda da maturidade; além disso poderia parecer escandaloso tendo sido Noronha galardoado com o 2.º prémio no Salão GM e por ter ele vindo a gozar por parte da critica duma atenção que a muitos parecerá exagerada, mas que sem favor se justifica.

A nós, parece-nos, que o juri deveria ter corrido esses riscos, quer para o caso de Noronha da Costa quer para o caso de José Rodrigues, outro dos artistas que mais se destacaram na ultima temporada. Se em relação ao primeiro podem colocar-se algumas reservas quanto ao problema da «maturidade», que pode constituir realmente um factor a ter em conta (sobretudo se não nos libertámos totalmente de preconceitos de qualquer modo académicos), o mesmo não acontece com a obra de Rodrigues, fruto de uma larga experiência do «fazer». Para este artista, na verdade, achariamos da melhor justiça a atribuição do Soquil.

Carlos Calvet, o pintor premiado, tinha-se apresentado na temporada finda com uma bela exposição, de grande homogeneidade e coerência de pesquisas. Todavia a sua obra, se se revela de uma solidez e de uma seriedade sem reservas, parece-nos ficar muito aquém do interesse inventivo e da imaginação demonstrados nos trabalhos de Noronha, ou ainda aquém da pujança criadora dos desenhos e esculturas de Rodrigues. A problemática destes artistas parece-nos, por outro lado, mais audaciosa e mais evidentemente apontada ao futuro — enquanto na arte de Carlos Calvet se sente muito mais os fantasmas do passado e o peso de uma tradição de pintura: razões que poderão traduzir-se por um menor risco em preferi-lo.

Se de facto já não p[illegible]mos entender uma [illegible] critica que não [illegible] comprometida [illegible] o critico [illegible]teiramente assum[illegible] os riscos das suas opções — não seria forçoso reconhecer que, de algum modo, através deste Prémio o júri constituido a si própr[illegible] se defin[illegible] nas suas [illegible] de geração e na sua fundamentação ideológ[illegible]

Não será necessário sublinhar que as nossas palavras não pretendem dizer mais do que realmente dizem, tão-sómente a[illegible]mando um juizo critico que a outro se opõe. O que significa que implicitamente aceitamos a validade de outros critérios (que podem ter sido os do juri deste Prémio), os quais, é evidente, talvez inteiramente possam justificar a sua acção judicativa.



EXPOSIÇÕES

GALERIA BUCHHOLZ *Rua Duque de Palmela*	PRÉMIO SÓQUIL, UMA POLITICA ARTISTICA
SOCIEDADE DE GRAVADORES *Travessa do Siqueiro*	EXPOSIÇÃO DE GRAVURAS, CONJUNTO SIGNIFICATIVO DE PEÇAS EDITADAS PELA SOCIEDADE.
GALERIA PERMANENTE S. N. B. A. *Rua Barata Salgueiro*	EXPOSIÇÃO PERMANENTE DE ARTE MODERNA COM ALGUNS ARTISTAS PORTUGUESES.
GALERIA DA FUNDAÇÃO GULBENKIAN *R. Marquês de Fronteira*	DESENHOS ITALIANOS DA ACADEMIA CARRARA DE BERGAMO

ESCAPARATE

AUTORES ESTRANGEIROS

Titulo — A Máquina Divina (2)
Autor — Martin Caidin
Tradutor — Eurico da Fonseca
Colecção — Argonauta
Editora — Livros do Brasil
Número de páginas — 208
Preço — 15$00

Titulo — O Caso do Fantasma Sedutor
Autor — Erle Stanley Gardner
Tradutor — Fernanda Pinto Rodrigues
Colecção — Vampiro
Editora — Livros do Brasil
Número de páginas — 281
Preço — 15$00

Titulo — O Escritor e o Critico
Autor — Georgy Lukács e Anna Seghers
Tradutor — Antonio Landeira Carlos Araujo
Editora — Publicações D. Quixote — Lisboa
Colecção — «Cadernos de Literatura» — n.º 3
Número de páginas — 156
Preço — [illegible]

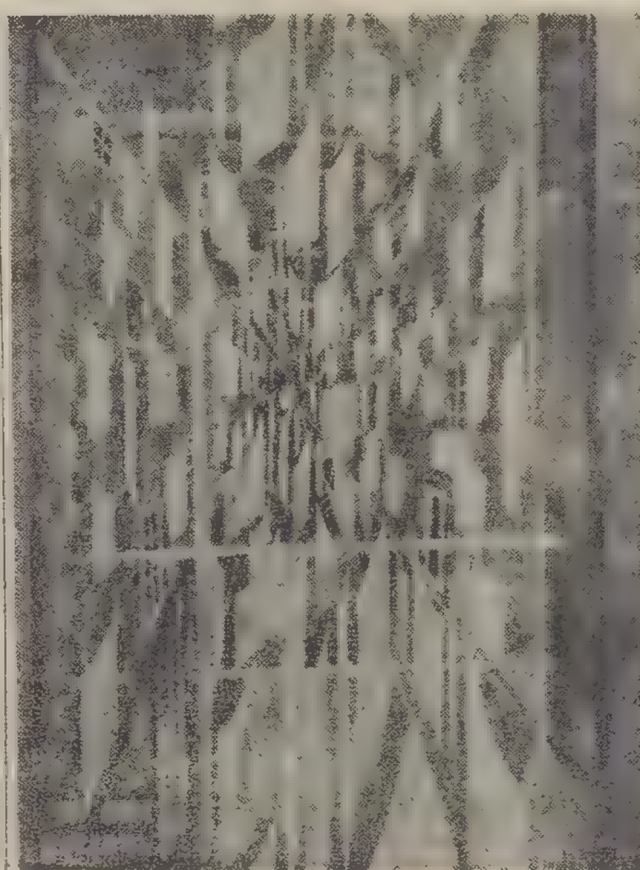
Titulo — Novo Cinema, Cinema Novo
Autor — Georges Sadoul e outros
Tradutor — Carlos Araujo e outros
Editora — Publicações Dom Quixote — Lisboa
Colecção — «Cadernos de Cinema» — n. 2
Número de páginas — 157
Preço — 25$00

Titulo — Fadado para Vencer Romance
Autor — John dos Passos
Tradutor — Fernanda Rodrigues
Editora — Editorial Minerva — Lisboa
Colecção — «Minerva» — Capa Amarela
Número de páginas — 339
Preço — 35$00

Titulo — Revelando a Velha Africa
Autor — Basil Davidson
Editora — Prelo — Lisboa
Colecção — «Cadernos de Hoje» — n.º 5
Número de páginas — 322
Preço — 80$00

Titulo — Galnões do Passado Romance
Autor — Ethel M. Dell
Tradutor — R. M.
Editora — Editorial Minerva — Lisboa
Colecção — «Minerva» — Série Branca
Número de páginas — [illegible]
Preço — 30$00

Titulo — Herois que Ninguém Cantou Romance
Autor — Anton Myrer
Tradutor — Fernanda Pinto Rodrigues
Editora — Editorial Minerva — Lisboa
Número de páginas — 547
Preço — 75$00 enc.



«Rever»

Carlos Botelho

BOTELHO comemorou os seus cinquenta an[illegible] tividade como pintor. E [illegible] de [illegible] a [illegible] artista [illegible] e toda uma vida [illegible] em [illegible] (Feira) Fe[illegible] em 1913 qu[illegible] realizou a sua primeira exposição de pintura, no Liceu Pedro Nunes, e por isso aí se realizou este ano uma exposição de trabalho do pintor, assim como outra teria lugar na G. Buchholz. Ora, precisamente esta exposição, na galeria que o pintor inaugurara em 1943, veio trazer-nos á consciência um problema que não deixa de ter a sua gravidade, e que se refere aos equivocos que se têm criado entre nós por ausência de um constante diálogo, único meio de agudizar um espirito critico. Desfazer hoje tais equivocos, ou o que nos parece como tal, implica necessàriamente a urgência de se «reverem» muitos dos valores consagrados. Carlos Botelho será um deles.

Com uma triste ideia da sua arte ficaria quem pela primeira vez tomasse contacto com ela através destes quadros apresentados. E pensamos que os interesses do público, os interesses de uma cultura a fomentar exigiriam que se mostrasse um conjunto de obras significativo da validade do artista. Ora é forçoso reconhecer que nem o conjunto destas peças, nem qualquer delas tomada isoladamente, possui qualidade suficiente para honrar um criador que se preze e que deve ser o caso de Carlos Botelho. Que sejam porém as nossas palavras bem claras: — não se trata aqui de negar a importância do pintor na história da nossa arte moderna; o mais significativo da sua obra — aquilo que não veio agora á admiração do publico — basta com certeza para assegurar a sua validade numa determinada hora da pintura portuguesa. O mais grave de tudo será ainda o quanto tem sido dito pela critica acerca do artista, baseando-se certamente na análise de algumas telas aqui presentes.

Quer isto dizer que não concordamos com a afirmação de que o mais válido de Botelho se situe nesta «fase» em que ele procura «actualizar» os seus esquemas plásticos pelos de uma modernidade que então vivia a sua experiência abstracta. Supomos, pelo contrário, que é nas paisagens de Lisboa francamente figurativas e ainda não totalmente descarnadas por uma posterior vontade de depuração formal que as suas sensiveis qualidades de pintor melhor se afirmam. Isto vem precisamente chamar a nossa atenção para os riscos que os artistas correm quando o seu evoluir não corresponde de facto a uma necessidade poderosa. Quando os problemas de uma «actualidade» não são autênticamente vividos, ou são abordados apenas pela «rama», estão abertas todas as vias que conduzem a lamentáveis epigonismos e á superficialidade das modas.

É por tais razões que devemos assentar no carácter marginal que assumem quase todos os quadros desta exposição, adentro da obra de Botelho. Eles não concorrem de forma nenhuma para o entendimento de um pintor que foi, sem dúvida, um dos mais interessantes da sua geração.

FRANCISCO BRONZE

A crise da novelística, tão largamente comentada em todos os quadrantes literários, parece não se ter feito sentir no movimento livreiro. Os peritos de mercado (v. «*Books & Bookmen*») sustentam que se as obras de sociologia e de ensaística usufruem de um crescente prestigio junto do publico nem por esse facto foi susbstancialmente prejudicada a venda do romance. «O que acontece, esclarece a revista «*Books & Bookmen*», é que os grandes contingentes do publico da ficção passaram a interessar-se *também* por obras de outra indole.»

COM efeito, um balanço dos «best sellers» em Portugal, na França e nos Estados Unidos confirma que, com excepção de *América — Desafio à Europa*, de J. Servan-Schreiber, *Anti-Memoires*, de Malraux e de *Between Parent and Child*, de Ginot, os grandes êxitos couberam ao romance e à novela. Damos a seguir o apuramento dos dez titulos que em 1968 foram sucesso de primeira grandeza, indicando-se o numero de semanas que permaneceram à cabeça da lista dos «best sellers». No que se refere a Portugal os dados obtidos foram extraidos da respectiva secção da «*Vida Mundial*», da mesma forma que, em relação aos Estados Unidos e à França, nos reportámos às classificações de «*The New York Times Book Review*» e de «*L'Express*», respectivamente.

	N.º de semanas na lista
PORTUGAL	
O DELFIM, de José Cardoso Pires	15
O INSTINTO SUPREMO, de Ferreira de Castro	14
AMÉRICA, DESAFIO À EUROPA, de Servan-Schreiber	10
O SR PRESIDENTE, de Miguel A. Astúrias	9
LENDAS DA GUATEMALA, Miguel A. Astúrias	9
HÁ SEMPRE UM AMANHÃ, de Pearl Buck	9
ENSAIOS, de Bertrand Russell	8
O PROBLEMA CHINES, de Roger Garaudy	8
CASA DE CORRECÇÃO, de Urbano Tavares Rodrigues	7
AS MINHAS MEMÓRIAS, de Cunha Leal	7
ESTADOS UNIDOS	
THE CONFESSIONS OF NAT TURNER, de William Styron	43
TOPAZ, de Leon Uris	40
AIRPORT, de Arthur Hailey	34
COUPLES, de John Updike	32
TESTIMONY OF TWO MEN, de T. Caldwell	28
MYRA BRECKINRIDGE, de Gore Vidal	28
IBERIA, de Michner	28
TRUE GRIT, de Charles Portis	21
THE ARMIES OF THE NIGHT, de Norman Mailer	20
THE AMERICAN CHALLENGE de Schreiber	16
FRANÇA	
LE DÈFI AMÈRICAIN, de Servan-Schreiber	26
L'OEUVRE AU NOIR, de Margueritte Yourcenar	20
LE MATRIMOINE, de Hervè Bazin	18
LA TRAGEDIE DU GENERAL, de J. R. Tournaux	17
ELISE, de Claire Etcherelli	16
L'HOMME UNIDIMENSIONNEL, de Marcuse	15
LE SINGE NU, de Desmond Morris	13
LE TEMPS D'AIMER, de Philippe Heriat	10
LES AMÈRICAINS, de Roger Peyrefitte	10
LA FEMME ROMPUE, de Simonne de Beauvoir	8

1968: A ficção e o ensaio

por Mário Sacramento

NO DIA em que eu tiver lido tudo, TUDO, vou ser um homem feliz. So será verdadeiramente novo, nooovo o ano em que o conseguir. Triste saio, por isso, do que ora finda: não virei a.nda as páginas (entre outras) de livros como *De Noite as Arvores são Negras*, de Maria Isabel Barreno; *A Madona*, de Natalia Correia e *As Areias Movediças*, de Clara d'Ovar (Europa-América, Presença e Portucalense, respectivamente). E *sei*, não obstante, que preciso de os ler — e bem! Houve, até, quem me desse (já) uma palmadinha no ombro, sobre isso. Obrigado, mas o certo é que leio pouco e mal, cada vez menos e pior, até. Vou renooovar-me, prometo. O ano de 69 vai ser fabuloso, verão!

Dois bons romances no mesmo ano

Entretanto, há o que li deveras — bem ou mal. E, como a incumbência é de escolher, vou fazê-lo entre vaias e assobios, como qualquer júri que se preze. Aliás, a selecção não é difícil, se ficarmos pelas cumeadas: tivemos dois bons romances — *O Delfim* de José Cardoso Pires (Moraes) e *Bolor*, de Augusto Abelaira (Bertrand)—, dois volumes de contos a reter — *Casa de Correcção*, de Urbano Tavares Rodrigues (Bertrand) e *Os Amantes* de David Mourão-Ferreira (Guimarães) —, quatro ensaios importantes — os «Ensaios» de Vitorino Magalhães Godinho, o prefácio de Alberto Ferreira ao segundo volume de recolha dos textos da polémica *Bom Senso e Bom Gosto* (Portugália), o *Sentido e Forma da Poesia Neo-Realista* de Eduardo Lourenço (Ulisseia) e a *História do Teatro Português* de Luis Francisco Rebello (Europa-América) —, narrativas de heterogeneidade ou classificação fluidas—*Apresentação do Rosto* de Herberto Helder (Ulisseia), *O Despojo dos Insensatos*, de Mário Ventura (Bertrand), *Três Semanas em Maio*, de João Palma-Ferreira (Europa-América) e *História Natural*, de Manuel Mendes (Sociedade de Expansão Cultural) —, uma peça notável — *As Mãos de Abraão Zacut*, de Luis de Sttau Monteiro (Ática) —, a edição facsimilada e critica de um inédito precioso — *O Roubo das Sabinas*, de Almeida Garrett, com ensaio-prefácio de Augusto da Costa Dias (Portugália) —, um livro de viagens de Vitorino Nemésio — *Caatinga e Terra Caida* (Bertrand)—e, por ultimo, dois escritos polémicos — o prefácio de Vergilio Ferreira à tradução de *As Palavras e as Coisas*, de Michel Foucault e o de Eduardo Prado Coelho á recolha de textos teóricos sobre o *Estruturalismo* (ambos da Portugália), um e outro com armas terçadas — olé! — neste jornal.

Augusto Abelaira e José Cardoso Pires — «dois bons romances em 1968»

Posto isto, juro não ter esquecido *Homens e Muralhas*, de Agustina Bessa Luís (Guimarães), *História Contemporânea do Povo Português*, de Flausino Torres (Prelo), *A Dinâmica da História*, de António Quadros (Espiral), a *História da Literatura Portuguesa Contemporânea*, de Oscar Lopes (Estudios Cor), o *Dicionário de História de Portugal*, de Joel Serrão (Iniciativas Editoriais), *A Evolução Económica de Portugal*, de Armando Castro (Portugália), a *História do Romance Português*, de João Gaspar Simões (Estudios Cor)—, mas são tudo obras (importantes obras) em curso de publicação. E prometo reler (em hora de *mea culpa*) as que esqueci-sem-esquecer, lamentando que não sejam da minha alçada outras que li com prazer e proveito como *Educação e Educadores*, de Rui Grácio (Horizonte) e *Engrenagens do Ensino*, de Santos Simões (Nova Realidade).

Tudo bem somado (e subtraido), dir-me-ão, agora, que estava mesmo a calhar um comentariozinho que pontuasse este inventário. E é isso, precisamente o que não farei! Se ao escrever sobre um livro, deixo sempre um monte de coisas por dizer, quando não tudo, que terrivel coisa não seria aflorá-los apenas? Peçam-me tudo menos isso. A minha proposta é outra: debrucemo-nos, a propósito e despropósito do mais, sobre um livro — um apenas: o que tenho na bicha que reconstitui desde que deixei de ser (se é que se lembram) «um leitor desocupado».

(P.S. A TEMPO: não aludi a *O Ser e o Ter seguido de Angústose* de José Marmelo e Silva, bem como a *Um Sino na Montanha*, de Fernando Namora — edições da Ulisseia e da Europa-América —, por estar supinamente demonstrada a minha incompetência e parcialidade para com esses autores.

Vergilio Ferreira e Eduardo Prado Coelho — o estruturalismo em polémica

Crítica em fim de ano

Falando de uma estreia

JÁ que o silêncio não serve para nada, nem sequer para dizer o que se cala, notemos que a marca do que se escreve, hoje, não é um mero fruto das influências alheias (francesas, sobretudo) que os nossos escritores recebem. Em todos os tempos a nossa cultura foi marginal de outras e seria deplorável que, nesta era das curtas distâncias e da unificação do Globo (senão do Cosmos) se pusesse a negar isso, e se remetesse a um impasse que, no fundo, só glosaria outro, estritamente ideológico e seródio. A verdadeira questão é outra: que *antecipa* a literatura de hoje?

O que se lê é uma escolha que, para lá da informação, nos leva a opções inelutáveis. Ora o que caracteriza a mais jovem literatura é a convicção (nem sempre conscienciali-zada) de que a conjuntura social se encaminha para um neocapitalismo de que será (e já é) porta-voz

Não discuto a exactidão do que assim prevê. De nada me (nos) valeria fazê-lo. O que homens isolados pensem não é motor da História. Se só a práxis abre caminhos, tão errado poderá ser um esquema como outro, uma vez que são imponderáveis, ao ritmo a que o mundo evolui, muitos dos factores em causa. E quem esteja atento às reservas que alguns teorizadores do momento põem no que afirmam, sabe que eles próprios duvidam das convicções que nutrem.

O que me importa é apreender a opção implícita, caracterizadamente classista, e o envelhecimento ou a crise da mais antagónica dessa. Reconhecê-lo é atender à clara realidade de um fenómeno que poderá inflectir a todo o momento, mas que tem, no presente, uma evidência iniludivel. Fazendo-o, não renuncio às minhas próprias opções, como é óbvio: actualizo-as apenas, sem o egoismo do que só plante árvores cujo ritmo de crescimento possa dar-lhe boa sombra. (Boa-consciência... se a há!).

De qualquer modo, uma coisa é certa: se o que tem ocorrido de válido entre nós, ao longo dos últimos séculos, traz sempre um largo atraso de dezenas de anos, a actualização apressada e *dernier cri* é, com toda a probabilidade, a menos efectiva. Ou a mais alienante. O neocapitalismo é um novo Godot... E se a ambiguidade desta ilumina o *statu quo*, o dévir não é um mito. Neste contexto, à pergunta que diga: *o que é o estruturalismo?*, prefiro a que proponha: *que estrutura o estruturalismo?* Na verdade, todos os dias assistimos ao aparecimento de estruturalistas que negam qualquer parentesco de sistema ou, a.'., de método entre si. E uma só afinidade se descortina entre eles: a que tende a planificar um certo ramo de pesquisas. Não obstante, esses resultados tendem a sobrepor-se uns aos outros como tomografias, para me servir de uma imagem de Maria de Lourdes Belchior. Seria estulto tentar vislumbrar, sequer, o todo que assim se apreende ou conforma. Mas não obedecerá a pesquisa a pressupostos mentais que não passam, ao fim e ao cabo, de velhos arquétipos idealizados? — A ser assim, perguntar *que estrutura o estruturalismo?* conduzirá a reconhecer-lhe um círculo vicioso.

Em definição rudimentar, estrutura é um conjunto cujos elementos se definem uns pelos outros. Mas serão eles mais do que uma simples triade de significante-significado-referente, teoria-ideologia-prática, sincronia-diacronia-acronia? É evidente que a vida tem uma estrutura que o pensamento e a arte

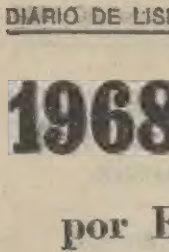
(Continua na 7.ª página)

1968: A poesia portuguesa

por Eduardo Prado Coelho e Gastão Cruz

(Continuação da 1.ª página)

Consumível»), mas, mesmo assim, continua a ser, sem dúvida, um dos casos mais notáveis surgidos na presente década. Quanto aos «Poemas Livres», mantêm-se, a meu ver, na generalidade, muito apegados a uma linguagem passadista, abundante em lugares-comuns. Além do Armando da Silva Carvalho, que colabora neste terceiro número, parece-me de destacar os nomes do António Manuel Lopes Dias, do Luís Guerreiro e do Luís Serrano. E se, por antítese falássemos agora dos livros publicados este ano por poetas ligados ao experimentalismo?



Uma juventude formal

E. P. C. — Precisamente aqueles que, não sendo tão jovens, ostentam uma *juventude formal* que se me afigura forçada. Confesso uma vez mais que o «Versus-in-versus» de Melo e Castro, brilhante aqui ou ali, bem achado, bem concebido, tudo o que tu quiseres, é para mim um livro vazio, sem peso, puro artifício feito com talento, mas infinitamente distante duma verdadeira poesia. Melo e Castro é o teórico de um *experimentalismo* que deixa as mais jovens gerações indiferentes, mas que tem uma certa coerência e num ou noutro ponto me parece convincente. Mas a sua poesia tem para mim o único interesse de ser a pura e simples ilustração (mas ilustração mesmo!) dessas teorias. E por isso é que julgo que ela a poesia, demonstra retroactivamente o que há de frustre, inseguro e frágil num *experimentalismo* que vive duma ciência um pouco ao jeito sensacionalista da revista «Planète» — uma ciência para explorar o nosso espanto e a nossa fácil adesão a tudo o que pareça de vanguarda. Ao lado de Melo e Castro, há o livro de António Aragão — mas é tão frustre como o de Melo e Castro e menos rigoroso na saturação dos esquemas formais.

Carlos de Oliveira, «o poeta do ano» — E. P. C.

G. C. — Eu penso que os casos de Melo e Castro e de António Aragão são bastante diversos. Se as *experiências* de Melo e Castro têm cada vez menor capacidade de surpresa (apesar de aspectos positivos que lhes reconheço neste último livro), elas têm atrás de si uma obra individualizada e com momentos de interesse, que lhes confere uma certa consistência. «Queda Livre», por exemplo, tem o seu lugar entre os livros realmente dignos de registos nos primeiros anos 60. O livro de António Aragão, «Mais exactamente: p(r)-o-(bl)-emas», além de uma falta de qualidade confrangedora, não tem nada de sólido atrás de si. O terceiro caso experimentalista, digamos, deste ano, é o «Eros Frenético» de Ana Hatherly. Penso que se trata de uma poesia também um tanto amorfa, embora talvez menos amadorística que a de António Aragão. Quanto aos expedientes experimentalistas que utiliza, parecem-me por vezes de grande ingenuidade.

Desenvoltura expressiva

E. P. C. — Talvez porque é muito mais difícil de reduzir a um programa *experimentalista* ortodoxo. Há em «Eros Fernético» experiências em várias direcções e quase nunca a autora consegue articulá-las de um modo satisfatório. De qualquer forma, é um livro a rever, e a reler, e sempre que me distancio dele, sinto que isso, embora justificado, é injusto. Não sei se me faço entender...

E, falando ainda de livros relativamente isolados, parece-me justo apontar «Mátria» de Natália Correia, obra estranha, ostensivamente agressiva e desalinhada, mas de uma originalidade e de um apuro técnico que lhe conferem um lugar bem particularizado.

G. C. — Dentro de uma certa tradição da poesia portuguesa, há a assinalar a «Ilha do Desterro» de Alexandre Pinheiro Torres. Tradição dupla, aliás: neo-romântica por um lado, neo-realista por outro. Do ponto de vista estilístico, o livro possui uma desenvoltura expressiva propícia à captação do quotidiano e ao teor frequentemente evodra, por vezes um pouco cansativa (sobretudo quando a linguagem é menos exigente, consentindo algumas facilidades), apresenta, outras vezes, soluções interessantes, como o recurso ao transporte, a que, se bem me lembro, te referiste na tua crítica.

Régio em questão

E. P. C. — Lembro-te ainda dois livros um pouco soltos. Em primeiro lugar, vinda do Brasil, «A morte segundo Estácio de Saa», de Joaquim Ferrer, retomando com algumas soluções felizes a ferocidade duma tradição surrealista. Penso em ocupar-me do livro com mais demora, dentro de algumas semanas.

O mesmo acontece com «A Utilidade do Verso» de Alonso Féria: inspirando-se muito directamente, e por vezes dum modo excessivo, na tendência poética de Alexandre O'Neill, Alonso Féria consegue escrever um livro sem grande originalidade, mas com facetas curiosas.

Guardo para mais tarde uma referência ao muito recente «Cântico Suspenso» de José Régio. É que é preciso começar a ler Régio efectivamente — para ver

(Continua na página seguinte)

Armando Silva Carvalho, um momento alto na jovem poesia

José Régio, «É preciso começar a lê-lo efectivamente...»

Alexandre Pinheiro Torres, «A captação do quotidiano.»

A 26.ª hora

Folhetim artístico de José-Augusto França

VINTE E SEIS HORAS, pelo menos, a escrever outros tantos folhetins, durante o ano de 1968 — e para quê?

O momento chegou, do balanço que sempre vale a pena fazer, contando-se acertos e desacertos, pesando as dosagens, e perguntando se o resultado do exercício é compensador — para quem escreve e para quem lê.

Aceitei o convite para encher estas colunas a partir de Janeiro passado, na intenção de ser útil a uma vida artística que sobremodo me interessa, directa e indirectamente. Não para fazer crítica de exposições, cuidado que deixo a outros mais novos, mas para chamar a atenção para certos acontecimentos e para certos problemas que importa ver. Esets folhetins, tal como os programei, acompanhariam a actualidade, nela intervindo com um comentário activo — e seriam, eles próprios, parte da vida artística nacional. Seriam, ou são, ou foram?...

Gosto do género «folhetim», crónica ao correr da pena que corre com o pensamento, como se de uma carta se tratasse, com programa identicamente aberto, levando informação e comentário. Ele me repousa do género «ensaio» ou de estudos de 500 páginas para cima...

...Mas olhemos para os folhetins publicados e inventariemos os seus assuntos e temas.

E logo vemos que mais interessou generalizar problemas — como os de uma sociologia da arte que importa activar e explorar, definindo-lhe o campo operatório e sublinhando-lhe as funções culturais. Assim se fez, mais ou menos, em três folhetins.

Em outros, se particularizavam problemas que essa mesma sociologia põe, como seja o do mercado ou do consumo e o da distribuição, com seus elementos de ligação. Foi, de resto, esse o assunto dos dois folhetins mais recentes, em que me debrucei sobre inesperados acontecimentos no nosso viver artístico — prémios, exposições, concursos.

Tenho neste domínio uma posição tão técnica quanto firme: no seio de certas estruturas socio-culturais que estão longe de poderem ser revolucionádas (porque só o seriam globalmente, no tempo e no espaço) *há que criar e exigir condições técnicas que garantam a função cultural das iniciativas.* E há que aproveitar as vantagens sociais que essas iniciativas particulares (e comerciais e interesseiras — porque não?) nos trazem — á míngua de outras, oficiais, e na dúvida de outras ainda, certamente mais poderosas, mas que não encontraram, por enquanto, uma definição cultural apropriada. Tal é o caso da Fundação Gulbenkian, neste domínio — sendo porém de esperar que, no decurso de 1969, com a inauguração das novas e admiráveis instalações, a Fundação tome um rumo desejável e necessário. Que as pedras da Avenida de Berne não sejam «mortas» — mas «pedras vivas», feitas de gente e de acção, como dizia António Sérgio e, antes dele, já Pascal...

Outros folhetins foram consagrados a alterações estruturais que certos acontecimentos de 1968 impuseram ou, ao menos, anunciaram: — e assim se insistiu em que as Artes deixaram mesmo de ser «Belas» (movimento nas «Beaux-Arts» de Paris), e em que as Bienais terão de deixar de ser feiras de amostras (movimento em Veneza), nisto ficando inevitávelmente empenhada uma política de ensino (que Portugal, inevitávelmente também, acompanhará) e uma política de exposições internacionais.

POR outro lado, deram-se sugestões para que o triste e mesquinho e amorfo e inesxistente museu de Arte Contemporanea pudesse desde já definir-se como um museu do século XIX, guardando-se o século XX para outro, a criar (urgentemente também, e de modo que não será difícil realizar); para que se salvaguardem obrigatóriamente os valores artísticos de Lisboa (e não só de Lisboa, é claro), que a Camara pretende proteger mas que só estarão a salvo da cobiça dos construtores incivis quando houver uma legislação apropriada, a partir de um programa aliás já existente nos serviços competentes da Camara. Uma sugestão, também, para que se realizasse a exposição do segundo centenário do nascimento de D. A. de Sequeira. Realizar-se-á ou não (e se não, porquê?), a verdade é que ela é, ou seria, culturalmente indispensável. De resto, e mais modestamente (e contando já com a realização oficial) eu próprio adiantei a exposição das quatro composições finais do pintor — suas obras definitivas e definidoras.

A esse propósito falaram dois folhetins, de Sequeira, e um de Amadeo, co-

Amadeu de Souza-Cardoso

memorativamente também. E ainda outro, de Eduardo Viana, que fora objecto de uma notável exposição oficial, e vítima de um incompetente catálogo.

HOUVE ainda dois folhetins falando de mortos: de Duhamp e de Fontana, e de Herbert Read e de Grohmann. Sobre vivos publicou-se um, referido a Vieira da Silva, a pretexot de uma conversa havida, e dois comentando dois artistas muito dissemelhantes: Carlos Carneiro e Noronha da Costa. Propositadamente diferentes, ou opostos, por intenções, diligências e situação histórica. Mas eu quero bem clara a ideia de que *uma situação não anula a outra* — nem a história da arte nem na história de seja do que for. A História escreve-se e reescreve-se em cada período ou em cada geração, os valores sobem ou descem conforme os interesses do momento — mas, por o sabermos vivencialmente, não podemos ser culturalmente vítimas de tal alterabilidade e devemos guardar um equilíbrio de perspectivas. Só na famigerada Enciclopédia Soviética é que os nomes entram e saem dos artigos históricos, ao sabor de purgas e estratégias, é claro que não culturais... Quer isto dizer que tenho obrigação profissional de entender ou (tentar fazê-lo) os vadores de um Carlos Carneiro como os de um Noronha da Costa — cada qual no seu lugar e na problemática que lhe convém. Ambos prefaciei, de resto, durante este ano, tal como prefaciei exposições de Nikias Skapinakis, de Viana, de Amadeo — e de D. A. de Sequeira...

Houve ainda um folhetim a propósito das desastradas preferências dos universitários pelo Malhoa. Tal como resulta de um vasto inquérito publicado pela CODES — aflitivo e condenatório documento de uma determinada conjuntura cultural que urge regenerar. Não houve, não, um folhetim a propósito do Prémio dos Restauradores, triste coisa pelos vistos tabu. A propósito de Regeneração...

EIS o que os folhetins deram.

Valeram eles a pena de serem escritos e a pena de serem lidos? Peso e repeso, procuro despersonalizar-me — e respondo a mim próprio. Que cada leitor faça o mesmo — é o que lhe deseja, juntamente com muito Boas-Festas, o folhetinista.

Teatro espanhol & Arrabal

por Jesué da Silva

COMO E hoje o teatro espanhol? Esta pergunta, esta simplicissima pergunta, esta vulgarissima pergunta pode retratar, conter, duas tambem vulgarissimas atitudes: ou mera curiosidade ou profunda inquietação. A primeira perdoa — como tudo o que é fácil — a ausência de qualquer resposta. A segunda — com tudo o que reúne de responsabilidade moral, estética e até politica — *exige* uma resposta. Uma resposta sumária, sem artificios, sem acrobacias polemisticas. Por regra, estas em lugar de clarificarem, de definirem uma situação, uma verdadeira razão de ser incineram as menos complicadas actuações de puro esclarecimento.

Com três anos e pico de residência em Espanha — mais concretamente em Madrid — certamente que os temas espanhóis acabaram por nos conquistar. Mas como, infelizmente, a nossa, digamos, anuência as coisas de teatro não vai além desses três anos passados no país vizinho, não nos atreveriamos a qualquer comentário sem a ajuda de, pelo menos, um homem de teatro espanhol. É desse homem a transcrição que a seguir usamos, e a qual, melhor que qualquer muito pessoal — de nós mesmos, queremos dizer — opinião, dará uma ideia do que se passa no teatro de tradições castelhanas. A tradução é à letra. Os comentários serão portanto, livres. E quanto mais arbitrários, melhor. Vejamos o que nos diz esse homem:

«Num olhar à panorâmica actual do teatro, podemos observar que, em geral, o nascimento, desenvolvimento e em muitos casos a finalização de todas as tendências tiveram lugar à margem das nossas fronteiras pirenaicas. O nosso País, desde há bastante tempo não só não participa nas correntes actuais, como ainda segue um caminho abandonado, retrógrado e lento. O teatro de vanguarda o teatro do chamado «absurdo», o teatro nihilista, o teatro existencialista, são os mais claros expoentes da realidade que denunciamos. Inclusivamente, chegamos ao caso de que escritores como Beckett, Adamov, Genet, Ionesco Pinter, portanto, verdadeiros consagrados, permaneçam quase totalmente ignorados, e não apenas pelo público, como também por um sector bastante considerável da intelectualidade espanhola. Ora, em consequência, é natural o desconhecimento dos «pais» de tal teatro que directa ou indirectamente influenciaram estes autores, como sejam Kafka ou Lewis Carrol — citemos, por exemplo — bem longe de alcançarem uma mínima audiência de conforto.

É nesta lamentável situação que se desenvolve um teatro nacional que se pode denominar por «teatro espanhol do pós-guerra». Nele, nesse teatro, enquadramos uma série de autores que tentam, por todos os meios, salvar-se de um naufrágio cujos antecedentes encontrariamos em D. Ramon Maria del Valle Inclán. Os caminhos que assim se recorrem, têm pouca distância e esgotam-se fàcilmente. Não há, em definitivo, no transcurso do tempo, um labor profundo e sério na criação teatral. O teatro de evasão segue reinando nos cenários espanhóis e tudo parece cifrar-se numa mais ou menos espectacular luta contra a censura. E, paradoxalmente, é nesta situação que nascem dois importantes dramaturgos do futuro teatro espanhol: Fernando Arrabal, que desde Melilla se traslada a Madrid e daqui a Paris, onde permanece e encontra o seu êxito, e Manuel de Pedrolo, que, nascido em L'Arangio (Segarra), se estabelece em Barcelona, onde vive actualmente, escrevendo sempre as suas obras em catalão.»

PARA FALAR
DE ARRABAL

Abrimos aqui um propositado parêntesis. Há que pôr as coisas no seu devido lugar. Primeiro: a transcrição a que recorremos é de um jovem autor espanhol, que nas andanças

teatrais do país vizinho ja gastou a sua meia dúzia de anos-vida. Chama-se Manuel Valero, e é de Madrid. O trabalho de que compilamos o exposto texto, foi publicado na revista «Los Esteros», n.º 1, saida a lume em Janeiro de 67, dirigida por Jorge Stoetter. Preço: 30 pesetas.

Manuel Valero não é um critico — na acepção em que se conhece o termo —, mas é um homem de teatro. Autor e encenador, foi de seu pulso e iniciativa que brotaram as primeiras experiências em Espanha do chamado «teatro massa» (sobre o teatro massa», voltaremos a falar, de maneira mais completa e clara num próximo artigo).

Segundo: este artigo, embora por concordância devesse apontar algumas ocorrências actuais do teatro espanhol, não tem por intenção alongar-se no assunto, que, também, e por lógica, deixaremos para um outro trabalho. A nós interessa-nos tão sòmente abordar como tema um dos autores que Manuel Valero cita na sua crónica: Fernando Arrabal.

Fernando Arrabal é um produto surrealista. Morto, reviveu das proprias cinzas, alargou os braços e viu-se senhor do mundo. Vamos explicar a metáfora.

Fernando Arrabal vivia em Madrid uma denegrida existência. Se queria tomar banho, tinha de subir surrateiramente ao terceiro andar de um hotel, e, fugindo à vigilância local, meter-se clandestinamente no chuveiro mais próximo. Se queria assistir a uma sessão de teatro, procurava modos de se «colar» na hora de maior entrada e... fosse o que o destino quisesse. Se queria comer... Bem os senhores calculem. As editoras recusavam-lhe os originais, sebentos de tanto andar debaixo do braço. Enfim, um drama de novela. Pior ainda, porque Fernando Arrabal viu-se atacado por uma doença que quase nunca perdoa, a tuberculose. Um amigo arranja-lhe uma passagem para que ele ao menos fosse morrer longe: a Paris. Não levava grandes recordações. Mas dirigiu-se à editora *Julliard*, desse mesmissimo Paris que o recebeu com uma mannã sem sol. De pulmões à boca, apresentou-se como o que era: um autor fracassado no seu país. Receberam-lhe os originais para leitura. Agradaram. Porém, ao ver o estado de Arrabal o próprio editor reconheceu que, a continuar assim, o homem não ia chegar a assistir à publicação do seu primeiro livro (de teatro). E o próprio editor (céus! que milagre de inspiração!) enviou-o por conta e risco para o sanatório mais próximo. Creio que não se sabe ainda hoje se foi a eficiência dos médicos ou a retumbância do êxito, o que levou Arrabal a uma cura completa. A verdade é que está vivo e pode considerar-se o autor espanhol mais traduzido em todo o Universo. Traduzidó, publicado e representado. O seu teatro, o «Teatro Pânic» — como ele mesmo o batizou — tem subido à cena constantemente, não só em França, como noutros países: Alemanha, Polónia, Checoslováquia, Rússia, Itália, Grécia, Brasil, Estados Unidos, Japão, etc. Mas quem somos nós para falar do teatro de Arrabal? Porque não o deixamos a ele proprio essa missão? Quem melhor que o autor pode dar-nos um figurino da sua obra?

ARRABAL
A ARRABAL

Foi durante a estreia de uma das suas mais criticadas peças, que Arrabal escreveu o que se segue: «Há uns meses, o nosso efémero «Pânico» representado em Paris, começou com a seguinte cena: o protagonista vestido com um fato de couro bem apertado, abriu uma caixa de que se escaparam voando cinquenta pombas, logo decapitou um pássaro vivo que se esvaiu entre o bater de asas e estertores.

Hoje o espectáculo «US» de Peter Brook («US»: nós outros; U. S.: United States) termina com a subida à cena de uma personagem que liberta um sem-fim de mariposas encerradas numa caixita, logo agarra uma das maiores e incendeia-lhe as asas, e o animal revoluteando, perece incinerado.

Injustamente se tem afirmado que Brook nos imitou: nada tão erróneo. Estas coincidências derivam da mesma paixão pelo teatro. (Tenho que assinalar a minha admiração por Brook, a quem devo a melhor montagem da minha peça «Os Soldados»).

E é que hoje, disseminados pelo mundo, existem uma série de seres que intentamos realizar um teatro prodigioso e inesperado. Apesar das diferenças que nos separam, todos buscamos a festa, a cerimónia: neste teatro cabe a tragédia e o burlesco, a poesia e a vulgaridade, a comédia e o melodrama, o amor e o erotismo, o «happening» e a teoria dos conjuntos, o profano e o sagrado, o mau gosto e o refinamento estético, a sorte de matar e a exaltação da vida, o sórdido e o sublime.

Sonho com um teatro em que humor poesia, amor e pânico sejam um so. O rito teatral será, pois, uma «opera mundi», como os fantasmas de D. Quixote, os pesadelos d «Alice no País das Maravilhas» e, inclusivamente, os sonhos humanóides que podem ter uma máquina I. B. M.

Mas para que o espectáculo seja válido é necessário que o mantenha uma peça — ou uma ideia teatral — construida de uma maneira perfeita, com o seu caos e as suas confusões paralelos à vida... e hoje, felizmente, as matemáticas modernas permitem compor com maestria a peça mais subtil ou complicada».

Fernando Arrabal não significa coisa nenhuma — antes, não *tenta dignificar*. Ele mesmo, em si mesmo, é a utopia da indignidade, a ficção tornada esterco, matéria viscosa, dejecto. Mas com que poesia e raro talento ele o consegue! Os arraiais ortodoxos valem para si uma meia pitada de tabaco, as ontologias — por serem ontologias — um brusco safanão de desdém. Mas é coerente, no meio da *sua confusão*, do *seu Pânico*. Quem, como nós, o viu passear por Madrid,

levando atrás, igual a um cãozinho de trela, o público abismado e perplexo e desautorizado diante das suas barbas mefistofélicas, dos seus óculos de sol de raias vermelhas, das suas camisas de vidro encordado, espelhante, colorido, quase dantesco — sabe que Arrabal está em coerência com a sua loucura, se de *loucura* se tratasse. Ele é o miasma e o belo das suas criações, a obra e o homem num conjunto harmonioso, impecável — ainda que chocante — e não aquela dicotomia que a maioria dos autores, miseràvelmente, apresentam entre as suas ideias escritas e a própria pessoa. Mas vamos devolver-lhe a palavra neste final de artigo.

«... Quanto mais exaltante seja um espectáculo (até a conveniência ou à provocação) e fascinante (até ao ultraje ou ao sublime), tanto mais precisa será a peça e a sua direcção. Autor e directores poderão empregar materiais que a sociedade desse momento considere inobres, sórdidos ou sujos, se abandonando a boa vontade do indocumentado realizam uma obra acabada e vibrante como um pandemónio.

Esta cerimónia poderá ser politica e também «panfletária» ou dantesca sempre que haja um delirio puramente teatral: é o caso de «US», do admirável «Fogo» apresentado em Nova York, de «Marat-Sade», ou de «Viet Rock... Viet Rock», de Megan Terry.

Tudo é possivel num espectáculo assim concebido. Em Paris, fizemos o «efémero» intitulado «A sedução no ano 2000». Nele figuravam a minha peça erótica «A bicicleta do condenado», um desfile de modelos masculinos de Ruben Torres, Paco Rabaane e Kanh e uns minodramas realizados por uns «guarda-vermelhos» acabados de chegar de Pequim. No bridge de Nova York, José Rodriguez Soltero amalgamou acções cinematográficas e teatrais no seu espectáculo «L. B. J.», «Amor, Ódio, Paradoxo U. S A.», para terminar transformando a platela num campo de batalha entrincheirado. A liberdade teatral invade tudo: «As criadas», de Genet, foram representadas numa igreja de Washington, juntando às audácias da peça o facto de que os papéis das três protagonistas sejam representados por homens disfarçados de jovenzitas.

Este teatro infinitamente livre não pretende ser nem novo, nem modesto, nem de vanguarda, nem absurdo; pretende ser apenas melhor. Este teatro em todo o seu esplendor é a maneira mais sugestiva e rica de fazer arte hoje em dia, ou seja, a quinta-essência de todas as facetas da arte.»

1968: A poesia portuguesa

(Continuação da pág anterior)

o que ia esta e o que ia não está, independentemente dos mitos e das lendas.

G. C. — Penso que o «Cantico Suspenso» não traz novidades de maior em relação aos livros anteriores, a não ser talvez novidades negativas

E. P. C. — Por uma primeira abordagem, não tenho qualquer dúvida. Mas é toda a obra poética de Régio que é preciso ler e pôr em questão, para avaliarmos se a sua modernidade é autêntica ou falsa...

G. C. — Já no dominio das reedições, uma vez que julgo que falámos do principal quanto a originais novos, temos os «Cantos Cativos» de Arquimedes da Silva Santos, que, aliás, só em parte são uma reedição. Tal como Pinheiro Torres, trata-se, de certo modo, de um neo-realista de escola, embora já posterior ao grupo do «Novo Cancioneiro». Sem se autonomizar com muita nitidez, a poesia de Arquimedes da Silva Santos extremamente discreta e afim pela sensibilidade e pelo tipo de discurso, da de um Cochofel, é bastante típica de um certo sector do neo-realismo.

Edições acessíveis

E. P. C. — Queria ainda lembrar um empreendimento valioso de Herberto Helder: a antologia «O Bebedor Nocturno», onde se reunem e traduzem poemas das mais variadas e exóticas proveniências — e através deles descobrimos novas formas de sensibilidade e algumas chaves para a compreensão do universo de Herberto Helder.

Não vou falar pròpriamente de reedições, porque são obras até certo ponto já — como dizer? — enquadradas no panorama da nossa literatura. É o caso de José Gomes Ferreira, de Sophia de Mello Breyner e de Eugénio de Andrade — três grandes poetas que vêem agora parte da sua obra reunida em edições que tornam acessiveis ao público alguns poemas que de outro modo andavam dispersos em volumes de difícil acesso. Neste aspecto, é justo distinguir o papel da colecção «Poetas de Hoje», que tem dado uma enorme contribuição para a organização duma biblioteca de posia portuguesa.

G. C. — Comecámos esta troca de impressões por um grande nome da poesia portuguesa, o de Carlos de Oliveira, e encerramo-la, portanto, com mais três que, como esse, se impuseram no decénio de 40: Sophia, Eugénio de Andrade e José Gomes Ferreira. Uma palavra final para o poema de Eugénio de Andrade «Eros de Passagem», publicado primeiro isoladamente e depois incluido na 2.ª edição dos «Poemas», no qual se condensam esplendorosamente os grandes temas do autor.

Crítica em fim de ano

(Continuação da 4.ª página)

reflectem-recriam como tensão futurante. Mas levantar a carta desse processo é descrição *em curso* de conhecimento. Não atinge o *como*, o *por que*, o *para* do ideário. Se é verdade haver «ciências que nascem de práticas reprovadas pela razão — paradoxo de que há que pedir contas à história do espírito humano» (Henri Wallon) mais uma razão para ponderarmos que morto Deus e morto o «Homem», a Palavra resulta em Silêncio se não for mediação. Entronizada, exila-se...

VEM isto a propósito (virá?) do falso dilema que nos tem sido proposto: ou o escritor sacrifica à (s) ideologia(s) a liberdade de criar ou cria contra ela(s) em termos de contestação estética. A prova de que esse «dilema» é apenas um índice de subdesenvolvimento intelectual (e seu condicionalismo) fazem-na os escritores cuja ideologia — afirmada em linguagm lógica, quando recorrem a ela — se liberta das peias da codificação estrita ao exprimirem-se em linguagem estética. O seu «génio» (em sentido *presencista* de *vis*, que não raro tem sido confundido — pelos próprios — com o de *valor*) não é outra coisa: apenas a dimensão exacta do que só eles teriam podido dizer em termos *sui generis*.

Todavia, é tão inútil alguém querer ensinar ou defender isto, como o é negá-lo ou atacá-lo. O autêntico criador criará, queiram-no ou não os outros. E estes, estruturarão sob e sobre isso o real que encastoa a obra daquele. Tão de sorrir é o esforço dos que se batem pelo advento das gemas preciosas como o dos que tudo querem nivelar pelo plano da mediocridade. De qualquer modo, uns e outros entrançam esse real e mostram — a longo prazo se consultarmos a lição da História — que há um substrato de precedências goradas em tudo o que a Humanidade entesoira. Nem haveria eruditos, sem tal filão que os nutra!

Crítico e ensaísta, João Palma-Ferreira publicou um livro de contestação * que, obviamente, será contestado também. Já deu ensejo, até, a grotescas fraudes em seu nome escritas, o que prova a autenticidade do impacto. Não me leio nele, é certo, no sentido que disse; mas reconheço-me no dia-a-dia (oficinal e agreste) que a citação de Hemingway (que faz) aparenta com o da guerra — guerra-fria, no caso. *Uns tomam ópio, outros cocaína*, dizia Manuel Bandeira. Uns tomam amor, outros esteticismo, dir-se-ia agora. Mas sem evasão possível — e é isto o novo. O amor é cínico! O esteticismo, montado! *Make love, not war* soa-me sempre, em português, a *faça amor e não política* — frase que, aliás, ouvi em sítio adequado. *No fundo desprezas os outros* — diz-se na primeira narrativa. E o sisifismo erótico-estético é a dimensão, em túnel cego, dessa claustrofobia. Erosão, erosão! Um romper (de toupeira) que quanto mais derroca mais se sepulta. Mas contestando a morte e, justamente pelo bafo nauseante com que embacia o espelho. Amparar é recusar — a dádiva e a solidão, a um tempo. E retecer a aprendizagem intérmina do *aprendi a odiar-me*

Ao longo disto, poemas em prosa desvirgulada, de ritmo febril, correndo céleres na *crista do pesadelo* — entre a Vitória e a Morte: «a casa azul e branca sem flores e a porta estreita e as escadas velhas e a pedra gasta pelo correr de tanta chuva e ela no último degrau a olhar-me com os seus olhos líquidos e graves e serenos e a testa alta e curva e o frio seco e limpo da manhã e eu pensei perdeste sempre perdes sempre e perdê-la-ás também e ela é o teu último amor e senti aquele nó terrível na garganta como quem não pode engolir um remédio ou opor um argumento razoável a uma verdade amarga e subi». Poemas que são rotura-de-rotina, ou liberdade-por-excepção. — uma vez que *todos nascemos escravos*. Algo, pois, como um neo-jacintismo em que não há serras que sirvam, sequer, de pulmão à cidade. A pauta de um *contrato impossível* mas pontualmente vencido. A escrita de quem não crê (não pode crer) em nada — e muito menos no que escreve. Enfim, um Kafkismo assumido como ampulheta anódina, insimbólica, desemblematizante, vácua. *Os livros póstumos têm um público especial, um público de doentes*. Os livros «vivos»... etc. A aventura-inferior como derrame estético. Mas também, a lucidez-superior como libertação ideológica, mediada pela frustração-compensada: «O meu quarto está cheio de cinza porque eu estive a queimar papéis comprometedores e cartas antigas. Não se trata de *yen-pox* que é a cinza do ópio. Não acredito que se fume ópio e qualquer dia acabam-se os drogados por causa do médico inglês que descobriu uma vacina tão fulgurante como a que pôs termo ao perigo das bexigas. Hoje ninguém morre de bexigas, a não ser por descuido. Já ouviram falar de apomorfina? A' apomorfina e a concorrência da droga para menores já deram cabo dos mercados do ópio, da morfina, da heroína, do delaudido, do eukodal, do pantopon, do dicodido, do diosane, do demerol, do dolofine e do palfium. Os pobres fumam chá, que é um entorpecente. Nenhum deles resistiu, porém, ao avanço do *keif*, do haxixe, da mescalina, da *Bannisteria caagi*, do LSD6, dos *cogumelos sagrados*. São apenas alucinogénios e representam a degradação do negócio. As brigadas do vício vão perder o emprego se não protegerem os distribuidores».

Sublinhe-se a frase final, ferrete de tudo. Atente-se na cópia de guormetismo, na «técnica do bem-estar», na alusão (recriada) à literatura que se lê «como se fosse uma lista telefónica de abstracções», nas incongruências voluntárias ou intencionais (do tipo colagem-onírica), na «tranquilidade de estruturas que se mantêm por si próprias» e, sobretudo, nessa ressaca de sexo que tudo enodoa e vomita em espectral presença do vórtice que nos aspira para Nada — e ver-se-á que contestação é denúncia sem mais quê.

EIS assim um livro sàbiamente composto por um leitor experiente (como leitor e como homem), hàbilmente estruturado por quem sabe análise-síntese. Um livro de mascar (como *chiklet*), ou que treina os masseters para a voragem omnímoda. Mas que denuncia, afinal, o majestático sofisma de quem pensa ainda desta arte: a consciência é a mais alta forma da matéria: os conceitos que produz reportam-se-lhe; logo, idealismo e materialismo equivalem-se ...

Autocontestado pela leitura, pergunto-me: *que promete a contestação?* Remoo a frase que diz: «os verdadeiros políticos são os que ficam com os restos das revoluções». Sonho-me à porta da Igreja, de mão estendida .. Ou à do refeitório do Convento, de marmita suspensa... E, meditando que são restos de 89 tudo isto fico suspenso da hipótese que me diz ser enucleação literária de um passado-presente que move o que vamos folheando. Cego pelo que perdeu o dom de antecipar, chego à conclusão de que só saberia responder (e mal) à pergunta que dissesse: *que desestrutura o estruturalismo?*

MARIO SACRAMENTO

* *Três Semanas em Maio*, narrativas de JOÃO PALMA-FERREIRA (Europa-América).

João Palma Ferreira

«Eu continuo o mesmo»

(Continuação da 1.ª pág.)

na mesma linha. Essa seria a minha morte literária. De resto, os tempos são outros. E depois para me criticar, é necessário conhecer primeiro o Brasil. Este é um país surrealista... A verdade é que eu continuo fiel aos meus ideais, às minhas ideias, sou respeitado dentro do Partido e tenho um filho militante que já esteve preso. Agora eu não podia continuar como o realejo e, então, pedi autorização para sair. Humano, não?!...

E o escritor acrescenta:

— Eu tinha de evoluir como o público evoluiu. Se no contexto actual eu viesse com o «Cavaleiro da Esperança», deveria ser um louco. Naqueles tempos aquela era a linguagem que poderia servir as ideias. Hoje, não é mais. Compreendo que isso espante muita gente. Mas essa gente não conhece o Brasil, nem a realidade brasileira. Esse é de resto o grande problema dos dirigentes partidários do meu país. Eles estão desligados das massas. Isso me levou a tomar a atitude que tomei.

Os filhos de Amado ouvem seu pai sem uma crítica. A conversa prolonga-se, até serem horas para um compromisso. A família Amado vai sair. Na garagem, uma «station» «Willys» e um «Volkswagen». Todos tomar lugar na «station» e partem alegremente. No elmo da escadaria, só ficou uma velhinha, seca pelos anos, muito direita e limpa na sua roupa humilde: a mãe do escritor, que sempre o olha em silêncio com o ar de uma mamã assistindo reprovativamente às travessuras do filho. É a velha senhora Amado, que agora fica tomando conta da casa. Os seus olhos na sua dureza falam ainda de outros tempos, bem mais difíceis, que com seu menino Jorge ela conheceu.

JOAQUIM LETRIA

O tempo em construção

(Continuação da 6.ª página)

um. O diálogo em F. B. 6, realmente, embora relativamente pouco frequente uma das peças-base para a compreensão de um mundo romanesco de que a principal característica é a falta de comunicação.

Em *Xerazade e os Outros*, último romance da autora, o domínio da técnica da circularidade do tempo é ainda mais marcante; aí se leva às últimas consequências o tratamento do problema temporal, já apresentado desde, principalmente, o *Calendário Privado*. *Xerazade*... é uma narrativa que se arma de maneira inusitada, de que não conhecemos nenhum outro exemplo, seja na literatura portuguesa, seja em qualquer outra das grandes literaturas ocidentais. O primeiro capítulo do livro é um coro, em que figurantes, que não chegam a ser personagens conversam sobre uma moça a quem apelidaram de Xerazade pelo mistério que a envolve. Seguem-se a este capítulo cinco outros sob o título geral de «Personagens»: em cada um deles uma das personagens se apresenta em monólogo interior. Finalmente, a terceira parte do romance constitui-se pelas cenas que complementam as indicações dadas na parte anterior. Desta forma, F. B. consegue ao mesmo tempo dois resultados dos mais curiosos: primeiro a perfeita circularidade do tempo, decorrente do facto de os acontecimentos que aparecem em monólogo interior serem retomados, de forma diferente e complementar, nas cenas. Segundo, realiza um tipo de ficção em que a objectividade é inegável. Pela apresentação de cada personagem em monólogo interior e depois pela apresentação das cenas, a autora pode permanecer perfeitamente de fora da sua criação, erguendo um mundo romanesco válido em si mesmo, independente.

A profunda consciência técnica de F. B. não significa, de maneira alguma, virtuosismo vazio, esteticismo puro ou alienação temática. Pelo contrário só uma profunda compreensão da problemática da época pode estar na base da estrutura da sua ficção: as suas personagens vivem o grande drama da nossa época: o insulamento do indivíduo e a procura de uma razão de existir em si mesmo, já que existir com os outros e para os outros não é possível. Cada romance de Fernanda Botelho, de uma forma ou de outra, é a procura da tranquilidade final, conseguida através de dolorosa luta de cada um consigo mesmo e da recusa do mundo. Romance da própria condição humana, na sua mais profunda problemática, coloca as perguntas primeiras e últimas sobre a dimensão da vida. É por fazer o romance da condição humana que F. B. não precisa dar às suas histórias uma taxativa e determinada dimensão social: pelo contrário, o social nela se hipertrofia, por assim dizer, em personagens que pela densidade extrema de conflitos vividos num espaço-tempo *sui generis*, atingem significado diabólico.

MARIA L. LEPECKI

A propósito do «free jazz»

(Continuação da 8.ª página)

uma significação social, uma ilusão esquerdista esta passagem em linha recta da acção política à produção artística?

É claro que é preciso distinguir, desde já, os pontos positivos e inegáveis: descobrir o sentido social de uma música é recusar a esclerose académica, é apreciar o impacto da realidade numa obra de arte. Assim, o «jazz» é relacionado com a vida social e não apreciado como o objecto de uma assembleia de privilegiados ou o objecto de um cenáculo de adoradores do Belo.

Mutilações a uma apreciação total do «jazz» é tanto falar do «génio-Charlie-Parker-vítima-da-droga» como a consideração exclusiva dos seus valores musicais. Como escreveu Paul Oliver: «Para o cantor rodeado pelas barreiras dos preconceitos raciais, o «blue» que ele cria tem um significado preciso. É esse significado que lhe é roubado quando só as qualidades musicais são apreciadas», mas com razão acrescenta a seguir: «Um estudo social do problema negro não explicaria os «blues». É por isso que é importante compreender o que está sugerido nos «blues» ou em canções como «Strange fruit» na voz de Billie Holiday. Quando se afirma que este trecho é de uma beleza admirável não se está a falar do que lá é dito mas, principalmente, do poder emotivo que desse trecho se liberta. Se essa voz nos toca, se a emoção nos conquista não é exactamente porque sabemos, porque compreendemos o que ela está a dizer. É sim porque à volta dela se forma como que um halo melancólico, dramático, que no entanto não é património exclusivo da comunidade negra americana, embora um certo aspecto de reacção, de experiência vivida, seja no «jazz» uma característica dominante. Os trabalhos de Leroi Jones sobre a psicologia do «jazz» são neste capítulo muito importantes, pois facilitam uma compreensão do «interior comunicado».

Numa procura da sua própria identidade, o homem negro reivindica plenamente uma vontade de ruptura e uma música dura, sem concessões, correspondente a esta tomada de consciência: a exasperação dos homens produz a exasperação da música.

Por outro lado, há que afirmar que uma obra de arte não é uma simples repetição de uma ideologia pré-existente.

Ao precisar as condições que presidiram à criação desta tendência do «jazz» — o «free» — ultrapassam-se o domínio da escuta e invade-se o da «leitura» dessa música.

É precisamente esta cisão irredutível entre a chamada «leitura» e a escuta que permite compreender a especificidade do fenómeno e evitar o mergulho na complicada rede das determinações sociais. O corte entre «leitura» e escuta mostra que há qualquer coisa na escuta que a «leitura» não restitui no seu pleno valor. A produção estética não escapa, de maneira alguma, às influências do meio social e cultural, mas a quem se contenta apenas de «ler» essa produção, escapa-lhe a própria especificidade da obra.

Afirmar como Comolli «qu'on ne jouit pas de la forme sans épouser la cause» é tentar reduzir o fenómeno artístico à sua expressão política. A afirmação da especificidade e da relativa autonomia do domínio estético não é de maneira nenhuma o regresso a uma concepção de arte «eterna», ou um desinteresse da arte pelo mundo, nem sequer, no caso particular do «jazz» um puro exame formal, negligenciando sistemàticamente as relações com a vida social americana.

Assim, o «jazz» — sem excepção do «free» — é inseparável do contexto social no qual se inscreve, mas também é susceptível de ser apreendido a outro nível: o das formações estéticas, nível parcialmente independente, acessível a toda a comunidade humana.

Adaptado de um texto de Eric Plaisance in «Cahiers du Jazz», n.º 15

... ...

«Une oeuvre doit porter en elle-même sa signification entière et l'imposer au spectateur avant qu'il en connaisse le sujet».

Henri Matisse

A exasperação dos homens conduz...

A propósito do «free jazz»

ALGUMAS DAS OBSERVAÇÕES, que aqui vão ser apresentadas, inspiram-se no encontro de duas séries de reflexões; no cruzamento de dois caminhos, que convergem de uma maneira impressionante. Na base destas observações estão os debates, que surgiram a propósito de algumas elaborações teóricas de Louis Althusser e das quais os «Temps Modernes» fizeram eco no seu número 240, de Maio de 1966. Uma grande parte das investigações de Althusser e da sua equipa giram à volta da noção de ideologia; um artigo seu, publicado na «Nouvelle Critique», n.º 164, dedicava-se precisamente a distinguir o que no seio do marxismo se pode considerar ciência e, pelo contrário, o que diz respeito à ideologia. Também outros pensadores se têm interrogado sobre as relações do nível ideológico e do nível estético, no seio da totalidade social; as próprias preocupações actuais de Sartre estão neste campo.

Alguns artigos de Comolli, no «Jazz Magazine» e as fórmulas surpreendentes de Leroi Jones, levam-nos a perguntar: de que ângulo se deve apreciar um fenómeno musical: baseando-o em formações sociais ou, mais precisamente, na ideologia subjacente, ou através de critérios estéticos?

A maior parte dos defensores do «free-jazz» defende uma concepção de arte que poderia ser qualificada de «esquerdismo estético». Com efeito, afirmam que o «free» é a expressão quase perfeita das reivindicações dos meios negros nos Estados Unidos, mais ainda, que esta tendência do «jazz» não é redutível a sons puros, isto é, ao que ela efectivamente apresenta, mas que é indispensável compreendê-la através da ideologia que a suporta.

É útil relembrar brevemente as teses de alguns dos partidários do «free», em particular as de J. L. Comolli. Em dois artigos intitulados «Voyage au bout de la new things» e «Les couquérants d'un nouveau monde» ele sublinha que um momento do «jazz» está radicalmente ultrapassado: o momento dos compromissos, como instituição, o tempo em que o músico de «jazz» distraía (Armstrong ou Ellington), fascinavam (Miles ou Coltrane).

O novo figurino do «jazz» moderno não se prende com meias medidas: a era da música comprometida no combate entre os homens abre-se diante de nós; um verdadeiro corpo-a-corpo, músico e sociedade, corpo-a-corpo furioso, sem qualquer concessão à musicata europeia ou aos antecedentes do «jazz», uma ligação viva entre

«...l'ouevre d'art est acte de confiance dans la liberté des hommes...»

jean paul-sartre

uma expansão artística e o próprio mundo. Melhor ainda, uma autêntica descolonização teria invadido o «jazz», estritamente paralela à tomada de consciência, pelos negros americanos, da sua situação de explorados, de homens de segunda categoria, rejeitados nos pântanos da sociedade. Acabou o «jazz» da coexistência e da anexação; o «free» é música de rebelião. A presente mutação do «jazz», à qual assistimos impotentes e incomodados, não é senão a tradução, no domínio da arte, de uma descolonização. O amor que dedicávamos ao «jazz» clássico — «jazz» traidor às suas origens, por isso «jazz» de coexistência — era ainda sinal de uma atitude europeia, ocidental; limitávamo-nos a apreciar o que não contradizia demasiadamente as nossas normas, os nossos valores: o doce balanço do «swing» e nunca os delírios sonoros. Enfim, o «free jazz» contesta e combate a moral e a ordem branca nos Estados Unidos.

Embora Comolli ponha certas reservas, existe um paralelismo indesmentível entre as suas opiniões e as de Leroi Jones. Quer com um quer com outro ressalta a afirmação da fundamental negritude do «free jazz», da sua última relação com a sociedade negra.

Em Leroi Jones, no seu teatro, ainda com mais força que no teatro de Albee, a violência surge sem «travesti»: injúrias, obscenidades, chegam mesmo a criar uma beleza dramática espantosa. No seu livro, «Blues People», ele define música negra, como o resultado de vários processos específicos de «pensar» o mundo.

Para este tipo de defensores do «free jazz» a música de Ornette Coleman esfrangalhou a velha música ocidental, ridicularizou os nossos grandes antepassados.

Em resumo, trata-se de compreender uma música comprometida, que ultrapassa ela própria, as suas qualidades sonoras.

Será possível, então, que esta conjugação que nos é proposta, de formas e forças, se resolva com tanta simplicidade? Para estes autores, o problema é mais importante do que simplesmente sublinhar que arte é expressão cultural de uma sociedade.

Eles chegam à afirmação que o «free jazz» é a resultante directa dos princípios de emancipação social e que não o devemos tentar descrever como um puro fenómeno musical. Mas não será uma ilusão essa pretendida transparência das formas musicais, através das quais se pode ler sem ambiguidade

(Continua na 7.ª página)

...à exasperação da música.

Fernanda Botelho ou o tempo em construção

por Maria Lúcia Lepecki

DENTRO DO RICO PANORAMA do romance português contemporâneo, Fernanda Botelho, que iniciou a sua carreira literária nos anos cinquenta, com o grupo da «Távola Redonda», avulta como um dos nomes mais expressivos. Sua primeira publicação, *As Coordenadas Líricas*, é um volume de poemas, de linha moderna, se bem que não revolucionária, extremadamente pessoais, nos quais já se encontram certos elementos do que seria mais tarde a sua expressão madura, seja ainda no campo da poesia, seja no da ficção. Embora tenha publicado em periódicos portugueses, nos últimos anos, poemas esparsos que formarão seu próximo livro, *A Tábua do Lugar Íntimo*, o grande lugar de Fernanda Botelho é sem dúvida entre os ficcionistas: Em prosa, tem publicados até ao momento quatro romances (*O Angulo Raso, Calendário Privado, A Gata e a Fábula* e *Xerazade e os Outros*), uma novela (*O Enigma das Sete Alíneas*) e um conto no volume colectivo *Os Sete Pecados Mortais*, com o título *Cama Quente, Relva Fresca* ou *A Luxuria*.

A dominante na personalidade literária de Fernanda Botelho é a preocupação com a estruturação, com a arquitectura do romance; a exacta noção de que esta forma literária, pela necessária presença do analítico, exige estrutura racional chega, na autora a informar a existência de estrutura mais que racional, matemática, mesmo. Suas personagens, que se definem a partir, sobretudo, de uma dialética interior que não exclui entretanto, a dialética exterior, exigem, na forma literária a criação em amplitude mas sobretudo em profundidade de um mundo romanesco, realidade global, inteira, que encontra em si mesmo a sua genese e o seu fim.

O mundo romanesco de Fernanda Botelho ergue-se a partir de dois elementos aparentemente opostos, mas que na realidade interagem e, mesmo, integram-se: de um lado a realidade interior, fechada, inacessível, mesmo, de cada personagem; de outro lado, a realidade exterior, compreendida sobretudo como o ambiente social que as rodeia.

A existência destes dois pólos opostos tem como consequência lógica a criação de dois espaços-tempos romanescos, um exterior e outro interior. Não possuindo F. B. tendências descritivas; exteriorizantes, mas voltando-se sobretudo para a realidade profunda de personagens e factos, o espacial em sua obra está intimamente ligado ao temporal. É sobretudo o tempo psicológico que dá a tónica de sua ficção. O primeiro de seus romances armado com preponderância quase absoluta de tempo interior é o *Calendário Privado*, mas já em *O Angulo Raso* o tempo interior é de grande importancia. Geralmente a trama romanesca em F. B. baseia-se na oposição tempo - interior / tempo - exterior, oposição que levada às ultimas consequências chega quase à eliminação do conceito de tempo como sucessão, transformando-o como que num amálgama de experiências vitais. Este tempo-amálgama existe em função de uma estruturação «circular» do tempo da personagem; o círculo temporal obtém-se pela repetição de um ou de alguns factos, por vezes objectivamente pouco significativos, mas que retornam, dentro do romance, de maneira obsessiva, constituindo-se assim num motivo através do qual se constitui a substancia seja o modo de ser da personagem seja a própria acção do romance.

A retomada do mesmo acontecimento—assim elevado a motivo que ocorre por exemplo, de manefra marcante, em *A Gata e a Fábula* faz com que o romance, tocando o atemporal, atinja dimensão de profundo significado humano, na medida em que a obsessão que se forma na memória define de maneira cabal a sensibilidade da personagem, fazendo com que esta se erga realmente com o indivíduo rico de facetas e de contradições.

A particular concepção do tempo em Fernanda Botelho condiciona, como é lógico, uma particular noção de espaço. Os dois elementos, na sua ficção formam realmente um *continuum* em decorrência da preponderância do tempo interior existe um espaço interior, um mundo dentro de ada indivíduo e é sobretudo este espaço interno (espaço feito de tempo) que vale para a definição da personagem. Ao problema da presença do tempo interior liga-se, então, lógicamente o da existência também de um espaço interior. Muitas vezes, os acontecimentos no romance de F. B. passam-se em ambiente físico e social perfeitamente definido, seja Lisboa, seja a província. Não são raras as descrições de paisagens naturais ou urbanas mas o fundamental é que tais paisagens geralmente significam pouco para o conhecimento das personagens, que sendo seres voltados para si mesmos, independem, em certa medida, do meio em que vivem: pode dizer-se que são criaturas isoladas do meio, existindo mal-grado o ambiente. Assim sendo a paisagem rural ou urbana que aparece é um *décor* que não condiciona nem explica o indivíduo, ou pelo menos não o faz, digamos, à maneira «naturalista». Paradoxalmente, entretanto, o mesmo *décor* é fundamental na medida em que a recusa consciente do mundo exterior é um dos elementos definidores das personagens de F. B. As suas descrições ambientais sejam elas de ambiente físico ou de ambiente humano — assumem desta forma a função de mostrar o profundo desfasamento entre o homem e o meio; o desfasamento em relação ao meio físico se manifesta pela alienação diante da paisagem. O desfasamento em relação ao meio social revela-se na incapacidade de comunicação.

É isto realmente, a tónica dos romances em pauta: a incapacidade de comunicação que transparece, na forma exterior, através de dois artifícios técnicos: o primeiro, que se prende ao problema do tempo psicológico, é a presença do monólogo interior; o segundo, já agora relacionado com o tempo exterior, é a preferência pelo diálogo inconsequente O diálogo que não diz nada é comum a toda uma linha do romance contemporâneo; as personagens quando se dirigem umas às outras, ou dizem puras banalidades que realmente nada expressam dos seus mundos interiores e da sua real maneira de ser, ou ainda, como forma diferente de autodefesa, expressam-se em frases tão bem construídas, tão cheias de bom senso estereotipado que na realidade, em lugar de se abrirem para um diálogo válido, fecham-se a ele, permanecendo assim as falas ocas de qualquer maior validade — são apenas mais uma forma de se ocultar a verdade profunda de cada

(Continua na 7.ª página)

NOVIDADE LITERARIA
HORAS CURTAS
poemas de ANITA DE PADUA
Distribuição DILSAR — Rua 5 Filipe Nery, 37-A
Nas livrarias